Alessandro Hideki Shimabucuro

**Crenças e experiências anômalas segundo a visão de docentes-
pesquisadores universitários: uma investigação psicossocial**

**Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutor em Psicologia**

**Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho
Orientador: Profa. Dr. Wellington Zangari**

**São Paulo
2015**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Shimabucuro, Alessandro Hideki.

Crenças e experiências anômalas segundo a visão de docentes-pesquisadores universitários: uma investigação psicossocial. / Alessandro Hideki Shimabucuro; orientador Wellington Zangari. -- São Paulo, 2015.

209f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia social 2. Ciência 3. Filosofia da ciência
4. Parapsicologia 5. Psicologia anomalística I. Título.

HM251

FOLHA DE APROVAÇÃO

Alessandro Hideki Shimabucuro

Crenças e experiências anômalas segundo a visão de docentes-pesquisadores universitários: uma investigação psicossocial

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo para
Obtenção do título de Doutor em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho

Aprovado em:

Orientador

Prof. _____
Instituição: _____ Assinatura: _____

Banca Examinadora

Prof. _____
Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. _____
Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. _____
Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. _____
Instituição: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

À nossa família pelo apoio e pela compreensão, nos muitos momentos nos quais a palavra ‘casa’ foi de fundamental importância para se encontrar um eixo seguro a partir do qual respirar e seguir adiante, agradecemos;

Ao nosso orientador, Prof. Wellington, por fornecer as diretrizes através das quais é possível o estudo acadêmico e científico do tema junto a esta Universidade e também pela postura sempre positiva, compreensiva e respeitosa pela qual se dirige a nós, nosso sincero agradecimento;

À Profa. Zelia que nos aceitou como aluno de Mestrado na época em que não se realizava o estudo em nível de pós-graduação desta temática nesta Universidade, agradecemos por ter aceito orientar tema tão complexo e que nos abriu as portas para a pós, nosso muito obrigado;

Aos colegas do Inter-Psi pela inspiração e por fazer deste tema algo que é fruto de muitas reflexões vindas de diversos olhares e fronteiras, agradecemos.

De certa forma, tudo isto é uma composição desta série de influências que visou acessar aquilo que de melhor existe em cada um de nós;

‘Sou eternamente grato àqueles que me ensinam’

provérbio árabe

RESUMO

SHIMABUCURO, A.H. **Crenças e experiências anômalas segundo a visão de docentes-pesquisadores universitários: uma investigação psicossocial** 2015. ????. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Possui como objetivo principal avaliar as posições teóricas e experienciais de docentes-pesquisadores universitários das áreas de Física, Biologia, Psicologia e Filosofia em relação a determinadas alegações de experiências e crenças anômalas. O procedimento empírico consta de dois momentos: a) aplicação de questionários e b) levantamento qualitativo. Foram aplicados o Questionário de Prevalência e Relevância das Experiências Psi (Q-PRP) para avaliar alegações de experiências anômalas pessoais e o Questionário de Crenças no Paranormal (QCP) para avaliação de conjuntos de crenças paranormais, ambos nivelados para o público brasileiro. O levantamento qualitativo investigou sobre as possibilidades ou impossibilidades teóricas relativas à ontologia (causas e mecanismos objetivos) de eventos supostamente anômalos. Foram computados um total de 209 questionários, 171 relativos ao Q-PRP e 38 ao QCP. Sobre o QCP, 60% alegou não crer nas alegações clássicas de percepção extrassensorial (PES) e extramotoras (PK). No Q-PRP, 78% alegou negativa quanto a experiências a PES e 96% quanto à PK. O levantamento qualitativo revelou alguns pontos ontológicos, tais como considerações a respeito da própria ciência e de suas hipóteses fundamentais a respeito da realidade. Foram formados dois grupos de resposta, um de crença positiva nas alegações anômalas e outro de crença negativa, analisados segundo as disciplinas em questão (física, biologia, psicologia e filosofia).

Palavras-chave: Psicologia Social; Ciência; Filosofia da Ciência; Parapsicologia; Psicologia Anomalística

Sumário

Introdução.....	8
Parte I: Psicologia Anomalística, Ciencia e Filosofia da Ciencia.....	21
Cap I: Psicologia Anomalística.....	21
I.a: Breve Historico.....	21
I.b: Psicologia Anomalística.....	39
Cap II: Ciência.....	45
II.a: Os Cientistas e as Crenças Paranormais.....	45
II.b: Tópicos em Filosofia da Ciência.....	60
Parte II: Psicologia Social.....	77
Cap.III: Representações Sociais e Psicologia Anomalítica.....	77
Parte III: A Pesquisa	
Cap.IV: Objetivos, Instrumentos, Metodologia e Amostras.....	87
Parte IV: Resultados e Discussão	
Cap.V: Resultados e Discussão (por área e categorias encontradas).....	120
Quantitativos (QCP. Grupos segundo crenças paranormais).....	120
(QPRP. Grupos segundo ESP e PK).....	132
Qualitativos.....	156
QCP.....	156
QPRP.....	166
Cap. VII: Conclusão.....	196
Referências.....	201

Anexos

Anexo 1 – Original Q-PRP

Anexo 2 – Original QCP

TABELAS

Tabela 1: Distribuição geral das aplicações do QCP por Unidade/Departamento, juntamente com a área de atuação e cargo dos Docentes junto à Universidade de São Paulo (p.120)

Tabela 2: Distribuição por cargo (geral), QCP (p.121)

Tabela 3: Distribuição geral quanto à religião: (p.122)

Tabelas 4: Distribuição por Unidade/Departamento em cada um das questões do QCP que abordaram a dimensão ‘crença no paranormal’ (p.123)

Tabela 5: Distribuição Física: Área de Atuação/Unidade (72 elementos) (p.132)

Tabela6: Distribuição Biologia: Área de Atuação/Unidade (24 elementos) (p.134)

Tabela 7: Distribuição Psicologia: Área de Atuação/Unidade (35 elementos) (p.135)

Tabela 8: Distribuição Filosofia: Área de Atuação/Unidade (35 elementos) (p.136)

Tabela 9: Distribuição por cargo (geral), Q-PRP (137)

Tabela 10: Distribuição geral quanto à religião (Q-PRP) (138)

Tabelas 11 : Cientistas X Conjuntos (PES, PK e Crenças) (140)

Tabelas 12 : Física X Conjuntos (Crenças, PES, e PK) (144)

Tabelas 13 : Biologia X Conjuntos (Crenças, PES, e PK) (146)

Tabelas 14 : Psicologia X Conjuntos (Crenças, PES, e PK) (149)

Tabelas 15 : Filosofia X Conjuntos (Crenças, PES, e PK) (151)

Tabelas 16: Visão Geral (153)

INTRODUÇÃO

Obviamente é possível entender a consternação, a grita, as cartas e as discussões revoltadas em assembleias científicas. A própria ideia de telecinesia tem sido dura de engolir para a comunidade científica, com seus requintes de filme de terror de mesas Ouija e batidas em mesas e coroas que voam (...). O resultado do caso White suscita questões graves e difíceis. Nossas concepções estabelecidas sobre o modo como se supõe que o mundo natural aja e reaja foram abaladas por um terremoto. Pode-se censurar até mesmo um físico de renome como Gerald Luponet por afirmar que tudo é uma impostura e uma fraude, mesmo em face de uma prova tão acachapante como a apresentada pela Comissão White? Pois se Carrie White for a verdade, onde fica Newton? (KING, 1974/2001, pg. 42)

I – A Ficção, a Religião e a Ciência

Já assimilada pela cultura popular, o tema do *paranormal* é fonte de inúmeros filmes e enredos de ficção que geralmente o situam em um contexto envolvendo medo, suspense e terror. Isto é compreensível até certo ponto, pois a aparente transgressão das leis físicas conhecidas bem como o contato com seres e entidades espirituais, oriundos de uma suposta ‘vida após a morte’, suscitam uma postura de espanto e instabilidade, pois constituem assertivas que abalam as condições habituais de tempo, espaço e causalidade a que estamos acostumados em situação de vigília.

Nas narrativas fictícias, entretanto, o elemento do *horror* suplanta todos os demais fatores envolvidos e o resultado é que, nas representações sociais atreladas ao tema do paranormal, uma jocosa nota de ‘fantasia’ permaneça constante, quase alegórica, remontando a uma imagem de adolescentes reunidos ao redor de uma fogueira crepitando em uma noite escura proferindo contos e estórias de medo sobre mortos se levantando de seus túmulos com o único intuito de assombrar e atormentar os vivos, e nada mais.

Mesmo algumas produções televisivas, que se pretendem mais 'sérias' e 'científicas', através de documentários e reconstituições de relatos, apelam para este background emotivo, suscitando os mesmos medos primários associados às narrativas fictícias, de modo que seria lícito encontrar, no entendimento popular, o tema do paranormal relegado ao mundo da mera fantasia e entretenimento, apenas.

Já para algumas religiões tradicionais, sobretudo o espiritismo, umbanda e candomblé, o paranormal ganha certo status ontológico, isto é, real. E mais do que isso, possui ele um papel central na elaboração de representações e práticas dos cultos de seus seguidores. A chamada *incorporação* implica em um contato direto do 'mundo dos vivos' com o 'mundo dos mortos' e as *curas mediúnicas* envolvem processos anômalos de intervenção do espiritual no material, de modo que seria possível afirmar que, sem o elemento paranormal, tais religiões não se sustentariam.

Entretanto, para estes sistemas religiosos, o paranormal além de central e fundamental é tido como uma realidade absoluta. E é compreensível que os seus adeptos se empenhem em combater qualquer dúvida cética do mesmo modo que a Rainha de um formigueiro se localiza na seção mais protegida da edificação, pois dela dependem a vida e a manutenção de toda a colônia. O espiritismo, sobretudo, tenta realizar diversos aportes na ciência de modo a fornecer credibilidade e confiança ao seu sistema de assertivas paranormais. Subdividido em Ciência, Religião e Filosofia, o espiritismo alega possuir uma postura questionadora e aberta, mas suas conclusões, em grande parte, são conduzidas a uma constante reafirmação das mesmas teses que professa desde o início, isto é, acerca da *realidade do paranormal*. Contudo, é possível

que tal sistematização instrumental tenha atraído e convencido mentalidades mais técnicas. Por exemplo, é sabido que Arthur Conan Doyle, escritor criador de Sherlock Holmes, se converteu ao espiritismo e chegou até a escrever um compêndio histórico que é respeitado até hoje pelos espíritas. No Brasil, temos o exemplo do núcleo de estudos de Conscienciologia, cuja sede está situada em Foz do Iguaçu, liderada pelo dissidente espírita Waldo Vieira. No sistema de Waldo Vieira, os termos espíritas foram transpostos para uma curiosa série de neologismos que tentam reproduzir uma roupagem científica, “livre de credices e misticismos”. Assim, os mundos espirituais foram apelidados de ‘dimensões extrafísicas’ e os espíritos, de consciex, isto é, ‘consciência extrafísica’. A chamada ‘reforma íntima’, eixo fundamental da alquimia espírita, é chamada de ‘proéxis’, programação existencial, cuja função é atingir um grau mais elevado de consciência e espiritualidade. O grupo de Waldo Vieira atraiu, inclusive, acadêmicos. Mas mesmo com tal roupagem, existe de forma sub-reptícia uma sistemática afirmação quanto à realidade do paranormal, aliás com magnitudes que beiram a megalomania.

De uma perspectiva estritamente científica, entretanto, não se pode afirmar com absoluta certeza que processos paranormais existem, mas também seria precipitado afirmar o oposto. Mas uma pergunta mais fundamental poderia ser elaborada antes que qualquer empreendimento fosse iniciado. Assim formulada, seria o seguinte: *é lícito se estudar o ‘paranormal’ a partir de uma perspectiva científica? Até que ponto este tema é um assunto científico?* Afinal, tanto a narrativa fictícia quanto o sistema religioso gozam de certa autonomia, pois a primeira é livre para tratar do que desejar e a segunda é capaz de justificar qualquer ponto, seja pela ‘autoridade inquestionável’ de

seus dirigentes seja pela impossibilidade prática de contradizer suas afirmações metafísicas. Mas e para a Ciência, qual o cenário possível?

II – A Ciência e o Paranormal

A perene dialética entre o conceito e a experiência, entre a hipótese e o empírico posiciona um dilema que se estende para a oposição entre o real e a interpretação. Deixando de lado a questão ontológica, restam-nos ao menos duas possibilidades de interpretação das alegações anômalas, aparentemente tão avessas uma à outra quanto a água e o óleo.

De um lado, interpretações *paranormófilas* (Zangari, 2002) atestam e reafirmam sistematicamente a realidade do processo anômalo mediante qualquer evento ou ocorrência diária. Assim, tanto fatos ordinários quanto alegações extraordinárias são interpretadas como ‘provas’ e ‘confirmações’ da realidade do paranormal. Uma folha que cai é um ‘sinal’ para se fazer um negócio e sons estranhos na calada da noite são irrupções do mundo espiritual no universo dos vivos. Por outro lado, interpretações *paranormofóbicas* (Machado, 2009) negam com igual ênfase a possibilidade da realidade do paranormal. Assim, nada existiria no mundo que estivesse situado para além daquilo que está estabelecido pelos cânones centrais do materialismo e da ciência: o paranormal não existe e alegações deste cunho ou são fraudulentas, ou ilusórias ou mentirosas.

Contudo, tanto a aceitação cega quanto a negação dogmática anulam um importante elemento da equação científica: a verificação das evidências. E com este último ponto, o fator empírico e ontológico é recuperado.

Uma perspectiva equilibrada e que, em última análise, tenha como meta a *busca da verdade* está igualmente distante tanto da paranormofilia quanto da

paranormofobia. Partindo da consideração da Ciência como a elaboração de um método destinado a descobrir o Real, desde que uma metodologia adequada seja empregada, é então possível a investigação de alegações anômalas, tanto do ponto de vista experimental quanto do ponto de vista psicológico. Tais questões serão retomadas de forma mais detida no primeiro capítulo deste trabalho.

Importa salientar que o empreendimento científico não parte, ou não deveria partir, nem da aceitação nem da negação *a priori* quanto à realidade ou irrealidade destas alegações anômalas.

Ao distanciar-se das afirmações categóricas da religião bem como das negações arbitrárias dos céticos dogmáticos, a investigação científica do *paranormal* parte da consideração de dois fulcros importantes: implicações psicossociais e evidências experimentais.

Acerca de sua importância e relevância, um estudo realizado por Zangari e Machado (1996) revelou que numa amostra aleatória de 181 estudantes universitários brasileiros, mais de 90% alegaram ter tido pelo menos uma experiência parapsíquica e dentre estes, 80% afirmaram que tais experiências influenciaram suas vidas e seus sistemas de crenças e valores. Em outra investigação, numa amostra aleatória de 306 respondentes da população em geral, 82,7% alegou ter vivenciado *pelo menos uma* experiência anômala extra-sensório-motora (Machado, 2009). Isto é, da perspectiva dos impactos psicossociais, é relevante que se estude esta temática.

Ainda de uma visão psicológica, mesmo os fenômenos das religiões mediúnicas fornecem importantes reflexões sobre a vida psíquica em grupos e sobre simbologia e papéis sociais (Maraldi, 2001; Zangari, 2003).

Pesquisas destinadas a revelar evidências da existência de processos anômalos, por seu turno, centram-se na elaboração de experimentos e na repetição do procedimento experimental a fim de testar uma ou um conjunto de hipóteses que apontam para a ontologia do anômalo (Silva, 2014a; Corredato, 2014).

Mas tanto as evidências experimentais quanto as implicações psicossociais do estudo das anomalias psicológicas esbarram numa questão epistêmica delicada, a qual é bem mais evidente no primeiro caso: haveria espaço, no cânone científico moderno, para algo como uma *genuína anomalia psíquica*? Retomando a citação do início desta seção, perguntamos, de maneira um tanto alegórica: 'Pois se Carrie White [isto é, a telecinesia] for a verdade, onde fica Newton?'.

III – Desafios Epistêmicos

Considerando-se os três importantes pilares que nos fornecem as condições necessárias para a construção do conhecimento científico, isto é, os fatores do Tempo, do Espaço e da Causalidade, claramente percebemos que as alegações anômalas constituem sérios desafios a esta disposição do Real, pois elas frequentemente ou negam ou prescindem de suas existências (o que é, no mínimo, desconcertante). A própria definição negativa do termo 'alegações extra-sensório-motoras' indica que não se trata de algo incluído no fluxo normal de interações entre o organismo e o meio, nem que esteja associada a forças motoras físicas já conhecidas (Zangari, 1996).

O estudo clássico das anomalias, então chamadas de 'alegações PSI ou parapsicológicas', à época do grupo do casal Rhine (cerca de 1930, nos EUA)

girava em torno de dois grupos de fenômenos: extrassensoriais e extramotores.

No primeiro grupo, estavam incluídas a telepatia e a clarividência, as quais apontam para processos anômalos de interação destinadas à obtenção de informações. No primeiro caso (telepatia), entre duas mentes e no segundo (clarividência), entre uma mente e o ambiente. Segundo esta descrição, a cognição seria então capaz de, supostamente, extrair informações de maneira direta ou de outra cognição ou de um ambiente e, sobretudo, à distância física. Ou seja, o fator 'Espaço' é relativizado. O mesmo ocorre com o fator 'Tempo', pois a clarividência poderia se dar de uma forma retrocognitiva ('captar' informação genuína de um evento no passado) ou, mais espantoso ainda, de maneira precognitiva (isto é, antecipar de forma correta eventos futuros que ainda não ocorreram, mas que irão ocorrer). Neste último caso, finalmente o fator 'Causalidade' é também relativizado, pois a clarividência precognitiva ("premonição") implica em ter conhecimento dos efeitos sem ter acesso às causas, ou então obter uma conclusão sem a posse das premissas. É válido lembrar que tais alegações, pela definição, não se dão através de formas e maneiras conhecidas pelo intelecto e pela sensibilidade.

No grupo das alegações extramotoras, a psicocinesia, popularmente chamada de 'poder da mente sobre a matéria', sugeria que o ser humano era capaz de interagir com o mundo físico sem o intermédio de forças e energias conhecidas. 'Levitar' instrumentos musicais com o pensamento, por exemplo.

'Ver' e 'Ouvir' à distância, *lato sensu*, são operações até corriqueiras dentro de nossa sociedade tecnológica. Para obter informações à distância de outra mente ou cognição, basta utilizar o telefone. Para ambientes, basta utilizar a televisão. O ponto chave nesta descrição é que, supostamente, o ser

humano seria capaz de fazer o mesmo, mas sem o intermédio de tecnologia ou interação conhecidas. Antecipar eventos futuros baseados em leis naturais já deduzidas ou descobertas é algo que a ciência já realiza. Por exemplo, com eclipses ou com a previsão do tempo. Mas que um ser humano faça o mesmo com eventos aparentemente aleatórios, sem uma corrente causal definida e sem o uso consciente ou inconsciente de lógica inferencial, é algo que surpreende. Afinal, como conciliar uma ciência material, baseada na sensorialidade, com toda uma gama de alegações aparentemente *extrassensoriais*? No mínimo, isto constitui um desafio epistêmico, cujos caminhos podem tomar diversos rumos: ou aquilo em que está baseada a ciência está equivocado e necessita de mudança ou então tais pilares continuam válidos, mas não de forma absoluta, ou seja, tornam-se *relativos*. Mas há o caso, mais básico, de considerar que simplesmente as alegações anômalas é que estão equivocadas e podem ser explicadas por mecanismos já existentes na ciência (e neste caso, não haveria necessidade de mudança) ou ainda, mecanismos naturais, sensoriais, mas que não foram por ora descobertos pelo estudo científico. Neste último caso, Tempo, Espaço e Causalidade permanecem absolutos, mas não totalmente conhecidos. Aqui, o fator-chave parece residir justamente naquele problemático ponto onde a física transmuta-se em metafísica, pois alegar que algo é de natureza *extra-sensório-motor* é afirmar também que ultrapassou o limiar da física, sugerindo a metafísica. Outra solução intermediária seria imaginar que a metafísica é simplesmente aquela porção da física que não conhecemos e que, uma vez conhecida, deixaria de ser metafísica para se tornar puramente física. O parapsicológico seria psicológico e o paranormal, simplesmente normal.

Mas todas essas possibilidades são confabulações hipotéticas e sugerem que, de qualquer forma, as alegações anômalas constituem um sério desafio epistêmico àquilo que a ciência possui de essencial e fundamental: basicamente, a Natureza do Real, constituído por Tempo, Espaço e Causalidade.

IV – Crenças Paranormais...

Uma guinada estratégica é realizada quando modificamos o foco da Ciência para os cientistas. Quando consideramos não apenas a totalidade, mas os elementos que compõem tal totalidade, observamos o surgimento de fatores que auxiliam a focar esta questão tão complexa.

Se, do ponto de vista objetivo, as alegações anômalas constituem desafios epistêmicos para a ciência, o mesmo não ocorre, necessariamente, para os cientistas que porventura possuam em suas subjetividades algumas de tais crenças. Pois é possível que, para o cientista, exista um certo conjunto de crenças paranormais ou religiosas que permanecem à parte de suas realizações científicas, de modo que uma não se oponha a outra. Assim, conta a história que Louis Pasteur fechava seu oratório sempre que abria seu laboratório e vice-versa.

Em seu estudo *The Psychology of Paranormal Belief* (2004), Harvey Irwin inclui um amplo conjunto de assunções que denomina de ‘crenças paranormais’. Além das clássicas alegações de fenômenos extra-sensório-motores, Irwin cita diversas superstições, magia esotérica, credices populares como ‘o Abominável Homem das Neves’, misticismo oriental etc como exemplos de tais crenças. O mesmo ocorre com um dos questionários que

utilizamos para esta pesquisa (Vasconcelos, 2001). Tal amostra, além de ampla, chega a ser imprecisa, pois reúne em uma mesma categoria fatores muito distintos. Por exemplo a crença de que, 'ao quebrar um espelho, terei sete anos de azar' difere em qualidade na crença da telecinesia. A telecinesia supõe um modo de relação entre duas cognições que se situa à parte de fatores espaciais, portanto sugerindo um mecanismo estranho à nossa ciência. Já 'quebrar um espelho' e 'sete anos de azar' são duas situações ligadas de maneira arbitrária, sem que uma intervenção experimental seja possível (ou mesmo, desejável). Afinal, uma pesquisa destinada a acompanhar uma mesma pessoa durante sete anos a fim de verificar se ela tem mais 'azar' do que o esperado pelo acaso depois de ter 'quebrado um espelho' seria de fato um empreendimento peculiar. Assim, deveríamos situar as crendices populares e as crenças paranormais em categorias distintas.

Ainda assim, Irwin argumenta que as crenças paranormais constituem apenas outro conjunto de crenças humanas e seus mecanismos subjacentes obedecem às disposições gerais de quaisquer outros conjuntos de crenças. Para o crente, a dinâmica estrutural da crença é a mesma, seja ela paranormal ou de crendice popular.

Dentre as crenças paranormais, existe uma categoria intitulada como 'a questão da sobrevivência' e figura como uma das mais misteriosas e instigantes das crenças parapsicológicas. Foi um elemento muito investigado no princípio da Pesquisa Psi, com o grupo da Society for Psychical Research, de Londres (SPR, fundada em 1882), anteriores ao casal Rhine. Em grande parte, os pesquisadores estavam focados na investigação dos médiuns, que alegavam contato com dimensões e entidades espirituais. Estudos como o de

William James junto a Leonora Piper e o de Frederic Myers junto a Eusápia Palladino demonstraram que, além das fraudes, a questão de fato era muito complexa. O grupo dos Rhine não abordaram a questão da sobrevivência, apesar do próprio Rhine possuir, em seu íntimo, tal crença metafísica (Zangari, 1996).

Somente em tempos modernos essa questão retornou à cena, através principalmente das chamadas E.Q.M, ‘experiências de quase-morte’ (Moody, 1975/1987; Greyson, 2007) e das ‘visões no leito de morte’ (Osis & Haraldsson, 1977/1985). Mas mesmo assim, neste caso as implicações psicossociais são as mais evidentes (Kubler-Ross, 1981/2002; 1975). Quanto à ontologia envolvida (‘existe um plano metafísico pós-morte’), as evidências são escassas e os procedimentos experimentais, complicados. De fato, não há como ‘forçar’ a morte e logo após retroceder, a fim de ‘trazer a pessoa de volta’. Neste campo, apenas pesquisas de casos espontâneos são possíveis. Cabe salientar que ‘experiências de quase morte’ diferem de ‘experiências fora do corpo’, embora a primeira inclua a segunda, mas não vice-versa. Em última análise, não há como concluir que uma ‘experiência fora do corpo’ seja idêntica a uma ‘experiência de quase morte’, mas sem o fator ‘morte’. De fato são duas classes distintas de alegações anômalas e são estudadas separadamente (Cardena, Lynn e Krippner, 2000).

Mas consideradas sob um viés subjetivo, tais crenças não necessariamente entram em colisão com as práticas científicas, de modo que podem coabitar um mesmo entendimento sem dificuldades adicionais.

V ...e Crenças Científicas?

Empregar o termo ‘crenças paranormais’ supõe um ponto fixo de comparação, em relação ao qual tais crenças são consideradas como sendo puramente crenças. Mas qual seria este ponto fixo de comparação? A princípio, poderíamos supor que seria um conjunto de conteúdos que o sujeito julga como sendo ‘reais’, em oposição a tudo aquilo que ele considera como ‘crenças e crendices’. Para o propósito da presente investigação, é conveniente considerar que este conjunto considerado como ‘real’ inclui as assunções de cunho científico, oriundas das pesquisas e reflexões junto ao *mainstream* acadêmico moderno. Em suma, um conjunto de conteúdos científicos.

Assim, ‘crenças paranormais’ são desta forma consideradas em oposição aos ‘conteúdos reais’ da ciência. Mas uma complicação peculiar é adicionada quando colocamos em suspensão até mesmo estes conteúdos científicos, considerados como ‘reais’. A questão subjacente a esta reflexão é assim formulada: *como podemos ter certeza de que as teorias científicas, de fato, correspondem ao mundo real, tal qual ele é?*

Este ponto será melhor investigado ao abordarmos a questão do Realismo Científico (Plastino, 2000; 2013). Por ora, basta mencionar que através destas teorias, foi possível a construção de toda uma tecnologia que conseguiu levar a humanidade até o ponto em que se encontra hoje, sobretudo com a extensão e a melhoria da qualidade de vida, via Medicina. Como poderia um conjunto de assunções teóricas falsas conduzir a melhorias palpáveis na sociedade? Mas, claramente, a tecnologia não é suficiente e no mundo atual,

ela funciona também como uma espécie de ‘abismo social’ que divide a humanidade entre aqueles que podem pagar por suas benesses e aqueles que não o podem, de modo que enquanto uns aproveitam os ganhos da tecnologia, outros sofrem exatamente pela ausência dela. Seria este o ‘lado sombrio da Lua’... A ideia de que a ciência, por si só, é suficiente para elevar a humanidade para um estado mais justo e humanitário não parece se sustentar mediante os assustadores abismos e sofrimentos sociais que existem atualmente. Ora, a ideia da Ciência como a Suprema Salvadora da humanidade, tal qual acreditam (ou acreditavam) os positivistas, não difere muito da crença cristã no poder da Bíblia e da próxima vinda de Cristo à Terra. São, igualmente, projetos messiânicos (Araújo, 2011), a primeira baseada na Ciência e a segunda, em Cristo.

A Psicologia Anomalística, tanto do ponto de vista experimental quanto à luz das reflexões epistêmicas, lança um desafio à visão de mundo geral e ao empreendimento científico em particular. O necessário rigor de seu método e o constante questionamento de seus resultados (análises, metanálises etc) acabam extravasando para a dinâmica científica e a produção de conhecimento de outras áreas, de maneira que ao questionar o objeto anômalo, todo o conjunto é abalado. Escreveu Pascal (1897/1973, p. 54) no fragmento 70 de seus póstumos ‘Pensamentos’ (sob a organização de L. Brunschvicg): “A natureza pôs-nos de tal modo no meio que, se trocamos um lado da balança, trocamos também o outro (...). Isso me leva a crer que há

molhas em nossa cabeça, dispostas de tal maneira que, se se toca uma, toca-se também a contrária”¹.

PARTE I – Psicologia Anomalística, Ciência e Filosofia da Ciência

Do que precede, deve-se tirar a conclusão geral de que quanto mais extraordinário for um fato, mais ele precisa ser apoiado em provas sólidas, posto que aqueles que o atestam podem enganar ou terem sido enganados, sendo essas duas causas tanto mais prováveis quanto menos provável for a realidade do próprio fato (Laplace, ‘Ensaio Filosófico sobre as Probabilidades’)

Capítulo I – Psicologia Anomalística

I.A – Breve Histórico Anômalo

A diversidade de nomes existentes que se refere a esta disciplina indica um histórico de desenvolvimento e evolução numa dinâmica que, com o avançar dos anos, foi acrescentando determinados pontos e deixando de lado tantos outros. Contudo, não existe uma única maneira de dispor tal periodização, dado que as formas precedentes que compuseram este avanço existem até hoje, da mesma maneira que as tartarugas e os crocodilos coabitam um mundo povoado de mamíferos e marsupiais. Ainda que esta disposição seja questionável, ela nos parece útil para evidenciar a presença do

1 No original: “*La nature nous a si bien mis au milieu que si nous changeons un côté de la balance, nous changeons aussi l’autre (...). Cela me fait croire qu’il y a des ressorts dans notre tête, qui sont tellement disposés que qui touche l’un touche aussi le contraire*”.

elemento científico nas questões abordadas no estudo das alegações *extraordinárias*.

A periodização que aqui adotamos já foi exposta, até com mais detalhes e riqueza, em outras ocasiões (Amadou, 1966; Machado, 1996), de modo que faremos uma brevíssima descrição de cada uma delas. Refere-se ao esquema elaborado por Charles Richet (1850 – 1935) que além de sua dedicação à Medicina (que lhe valeu o Nobel de Fisiologia em 1913), também demonstrou muito interesse pela questão da pesquisa do paranormal. Entretanto, à sua época, na França, tal estudo era conhecido como *Métapsychique*.

Richet dividiu a história da Parapsicologia em quatro fases, que seguem:

1) Período Mítico (‘início da humanidade’ – 1778). Compreende todo o conjunto de assertivas míticas e religiosas nas quais o principal elemento motivador era a crença. Não existia a realização de qualquer processo experimental destinado a testar tais e quais hipóteses. Interessante neste momento é observar que as crenças religiosas muitas vezes engendraram uma série de alegações parapsicológicas, tal como registrada na vida de alguns santos e santas católicas, como visto em João da Cruz, Hildegard Von Bingen e Santa Teresa d’Ávila, por exemplo.

As religiões, sobretudo em sua chamada vertente ‘esotérica’, possuíam uma rica gama de alegações anômalas. Talvez, o sistema mais surpreendente seja o *Yoga* indiano, em suas diversas escolas e orientações. Um ponto em comum destas tradições (*Yoga* indiano, *Sufismo* islâmico, *Cabala* judaica, misticismo cristão, *taoismo* chinês, xamanismo indígena, budismo *zen* etc) era a ‘busca’ de um tipo de experiência anômala chamada de ‘*experiência mística*’

(Cardena, Lynn e Krippner; 2000). Pierre Weil (1993), falecido psicólogo francês então radicado no Brasil, reuniu um interessante compêndio intitulado “Antologia do Êxtase”, evidenciando escritos oriundos de seguidores destas diversas doutrinas, descrevendo suas experiências anômalas. Numa inclinação mais religiosa, o escritor norte-americano Aldous Huxley (1944/1990) fez o mesmo em seu livro ‘A Filosofia Perene’, reunindo relatos místicos de adeptos das diversas tradições esotéricas do mundo.

Entretanto, trata-se de experiências espontâneas. Por um lado, possuem a riqueza e a brutalidade, o vigor e o espanto que muitas vezes são difíceis ou impossíveis de serem alcançados em contexto laboratorial restrito com controle de variáveis etc, mas por outro lado, impedem que um sistemático estudo seja realizado. Ainda que este ponto específico seja tema de estudo atual da Psicologia Anomalística, em contexto histórico-religioso permanecem no período mítico da periodização aqui adotada.

2) Período Magnético (1778 – 1847). É um período importante, pois lançou muitos elementos que, no futuro, foram assimilados tanto teórica quanto experimentalmente na pesquisa anômala, mas também na própria psicologia. Figura central desta fase é o médico alemão então residente na Áustria Franz Anton Mesmer (1734 – 1815). Conhecido por alegar manipular o que ele chamava de ‘magnetismo animal’ em processos de cura de doentes, Mesmer que hoje em dia pode ser considerado com certo ceticismo foi em sua época, na realidade, o sujeito que combateu a ‘cura pela fé’ baseada em exorcismos religiosos, promovidos pelo Padre Johann Gassner (1727-1779).

Mesmer afirmava que as bem-sucedidas curas efetuadas pelo Padre Gassner se davam pela manipulação inconsciente deste tipo de energia emanada pelo curador. Provavelmente, Mesmer retirou esta ideia dos estudos esotéricos que fizera, mas ainda assim, obteve muito sucesso e fama, conseguindo uma série de seguidores e prosélitos.

Estas experiências com o tal ‘magnetismo animal’, entretanto, foram o ponto de partida para experimentações com a hipnose e a descoberta de curiosas capacidades mentais que surgiam quando o doente era posto para ‘dormir’ através dos ‘passes magnéticos’ do magnetizador. Este ‘sono hipnótico’ parecia liberar estas capacidades, assim que o controle mental consciente do doente era ‘afrouxado’. Dentre as alegações, figuravam: predizer o futuro, realizar curas à distância, encontrar objetos perdidos, ler os pensamentos do magnetizador etc.

Foi sobretudo a partir das ‘curas’ promovidas por Puységur, discípulo de Mesmer, que questões vinculadas à Hipnose e às capacidades mentais latentes inconscientes se desenvolveram. Esta última lançando as bases para aquilo que no futuro, culminou com o advento da Psicanálise (Machado, 1996).

Neste período, entretanto, não havia qualquer tentativa de estudo sistemático de tais alegações e a posse da ‘verdade’ estava restrita às mãos dos magnetizadores, hipnotistas e curadores. Como num passe de mágica, surgiam quase como arautos do além, servindo de canal para forças e procedimentos que apenas eles eram capazes de manipular e controlar.

Mas com o avanço do tempo, a questão da comunicação com um suposto ‘mundo espiritual’ tornou-se mais intensa e um insólito episódio preparou o terreno para o surgimento tanto do espiritismo quanto de uma série

de práticas espiritualistas, fenômeno este que chamou a atenção de estudiosos e eruditos da Ciência e das Letras.

3) Período Espírita (1847 – 1872)

A figura do magnetizador transmutou-se agora na pessoa do *médium*. Do ponto de vista das alegadas capacidades *extraordinárias*, além do poder de manipular energias curativas (*passe*), o médium era supostamente dotado da possibilidade de contatar o mundo espiritual, comunicando-se com as entidades desencarnadas, bem como encontrando-se com mestres e seres de luz, que forneciam mensagens edificantes e indicações para se trilhar o caminho do Bem, afastando-se das trevas e mantendo os obsessores (espíritos malignos, vampiros astrais, ovóides, entidades trevosas) distanciados.

O fato nevrálgico que desencadeou esta série de eventos ocorreu por volta de 1848, Nova Iorque e ficou conhecido como o caso ‘das irmãs Fox’. A família era composta dos pais e três garotas e haviam acabado de se mudar para uma nova casa, nesta localidade. Os eventos ocorreram como num roteiro moderno de filme de terror. Uma família normal chega numa nova habitação e aos poucos, são surpreendidos por fatos estranhos. Curiosas batidas eram ouvidas nas paredes da casa, sem que uma causa aparente fosse reconhecida. As garotas tem a ideia de tentar se comunicar com essas batidas e estas acabavam respondendo, seguindo um código pré-estabelecido por elas mesmas. As batidas, seguindo este código, transmitem a informação e revelam a natureza da causa: trata-se de um ‘espírito’ de um homem que havia falecido há tempos, naquela habitação.

O caso ganha repercussão e visibilidade e a casa passa então a ser visitada por diversas pessoas e curiosos, desejosos de presenciar o fenômeno 'ao vivo'. O local torna-se então uma espécie de 'show de entretenimento'. Uma das demonstrações consistia em dispor uma mesa ao redor da qual se sentavam os espectadores e então, prolongando suas expectativas, a mesma começava a girar, levitar e tremer. Posteriormente, verificou-se a existência de uma fraude por parte das irmãs e elas próprias, tempos depois, confessaram o fato.

De qualquer forma, o entretenimento das 'mesas girantes' tornou-se febre na Europa e foi neste movimento que o cético, professor e educador francês discípulo de Pestalozzi, Hippolite Leon Denizard Rivail (1804-1869), apareceu.

Por volta de 1854, iniciou uma coleta de relatos e casos do gênero, ocorridos em centros espíritas espalhados por toda a Europa. Em 1857, publica o 'Livro dos Espíritos' e inicia oficialmente o movimento espírita.

A fugira do médium como suposto intermediário entre os mundos material e espiritual era muito poderosa, pois era capaz de 'superar as leis da física' e além disso, se comunicar com os mortos. Tal mediação entre o espiritual e o material manifestava-se de diversas formas e uma das mais conhecidas foi a *psicografia*. De fato, esta alegação constituiu um dos pontos-chave do movimento espírita. Ao invés de bater na parede ou fazer a mesa girar, os espíritos simplesmente empunham a mão do médium e transmitiam suas mensagens:

Aperfeiçoou-se essa arte de comunicação pelo sistema alfabético de pancadas, mas o meio era sempre muito moroso (...). Desse meio surgiram outros e assim se chegou ao de comunicações escritas (...) De fato, a própria mão do médium, impulsionada de maneira involuntária, escrevia sob a influência do Espírito, sem o concurso da

vontade ou do pensamento daquele. Desde então as comunicações de além-túmulo não tem mais dificuldades do que a correspondência habitual entre os vivos. (Kardec, 1861/1993, pg. 73)

Contudo, ao criar o espiritismo, Denizard Rivail tornou-se um de seus principais líderes e adotou o nome de uma suposta encarnação passada, o monge druida Allan Kardec. Apesar das publicações espíritas afirmarem estar estruturadas em Ciência, Filosofia e Religião, fica claro que essas três esferas no fundo concorrem para manter e alicerçar a própria crença nos espíritos e na possibilidade de comunicação com eles. Isto é, suas conclusões apenas reafirmam aquilo em que eles já acreditam.

A principal dificuldade de realizar um estudo neutro em relação às manifestações mediúnicas é que os próprios médiuns impunham as condições da pesquisa, controlando assim todo o ambiente e suas variáveis (posição dos móveis, posição das pessoas presentes, iluminação e instrumental utilizado). Isso cedeu lugar para diversas fraudes e truques. Mas mesmo assim, os experimentos realizados com os médiuns inauguraram outro importante período na história da Parapsicologia e, de fato, lançaram as bases para os estudos científicos.

4) Período Científico (1872 – dias atuais)

4.1) (1872 – 1930). O primeiro período da fase científica ou pré-científica (Amadou, 1996) é marcado pelas intensas e extensas atividades da *Society for Psychical Research (SPR)* de Londres, fundada em 1882 e uma das primeiras conhecidas inteiramente destinada ao estudo de alegações extraordinárias. Seus fundadores e primeiros membros eram acadêmicos e pessoas versadas em ciência, filosofia e letras: Henry Sidgwick, 1838 – 1900, Professor de

Filosofia Moral da Universidade de Cambridge; Frederic Myers, 1843 – 1901 e Edmund Gurney, 1847 – 1888, então acadêmicos assistentes de Sidgwick; os físicos William Barret (1844 – 1925) e Lord Rayleigh (1842 – 1919); a matemática e esposa de Henry, Eleanor Sidgwick (1845 – 1936) dentre outros.

O chamado ‘Período Heróico’ (Beloff, 1993) da SPR foi marcado por importantes e pioneiras publicações a respeito. O esforço de coleta e análise dos dados foram fundamentais. Data desta época o volume *Phantasms of The Living* (Gurney, Myers e Podmore, 1886), que reuniu mais de 700 relatos e versou sobre questões envolvendo a transmissão de pensamentos (*telepatia*, termo cunhado por Myers e já popularizado atualmente).

It will be seen, then, that the Theory of Telepathy, experimental and spontaneous, which forms the main topic of this book, was not chosen as our theme by any arbitrary process of selection, but was irresistibly suggested by the abundance and the convergence of evidence tending to prove that special thesis. We were, and are, equally anxious to inquire into many other alleged marvels – clairvoyance, haunted houses, Spiritualistic phenomena etc – but telepathy is the subject which has first shown itself capable of investigation appearing to lead to a positive result; and it seemed well to arrange its evidence with sufficient fullness to afford at least a solid ground-work for further inquiry (Gurney, Myers & Podmore, 1886, Introduction, § 15)

A SPR de Londres mantinha contato com pesquisadores de outros países, também motivados por este mesmo ímpeto de *pesquisa do desconhecido*. Na América do Norte, o filósofo e psicólogo de Harvard, William James (1842 – 1910), realizava investigações neste campo e mantinha colaboração e correspondência com a SPR de Londres. Publica em 1902 um compêndio de suas palestras na Universidade de Edinburgo, da série ‘*Gifford Lectures*’. A obra “*The Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature*” foi fundamental e serviu de fonte de inspiração para importantes publicações no campo da Anomalística, como veremos a seguir. Charles Richet (1850 – 1935), professor de Fisiologia da Universidade de Paris também

mantinha contato com a SPR e em suas pesquisas, chegou a antecipar alguns procedimentos experimentais utilizados na década de 1930 por J. B. Rhine (Weaver, 2009).

Algumas pesquisas junto aos médiuns, contudo, não revelaram fraudes ou truques, mas apenas uma grande interrogação, sugerindo efeitos reais. O mais famoso (e talvez, o único) estudo de caso deste gênero foi o de D. D. Home, efetuado por William Crookes de 1871-1874. Já outros permitiram entrever as ilusões do engano, como no caso de Leonora Piper, investigada por William James.

Com a morte de Gurney, Sidgwick e Myers, termina o ‘período heróico’ da SPR e a Pesquisa Psíquica, como ficou então conhecida, avançou para os moldes experimentais e laboratoriais do grupo dos Rhine.

Algumas características da Pesquisa Psíquica desta época justificam a caracterização de ‘período pré-científico’:

1. Estudos de casos espontâneos. Prolongando a ‘febre mediúnica’ que se verificou na Europa à época do surgimento do Espiritismo, as investigações da Pesquisa Psíquica debruçaram-se, sobretudo, no estudo de casos espontâneos e relatos, ou seja, o material bruto foram as próprias alegações anômalas. Os ‘sujeitos’ de pesquisa foram os próprios médiuns, sendo que...
2. O controle de variáveis experimentais era ‘frouxo’. Ditadas pelos próprios médiuns, a ambientação, instrumental, iluminação e momento da experiência escapavam ao controle dos pesquisadores, de modo que muitas fraudes, ilusões e enganos eram então

engendrados. Apesar da filiação acadêmica dos pesquisadores, muitos sentiam a...

3. Necessidade de *provar, afirmativamente*, a existência de fenômenos PSI, sobretudo reafirmando as teses professadas pelo espiritismo.

A *Society for Psychical Research* de Londres foi constituída por eminentes cientistas da época. Entretanto, a história dessa instituição revela uma tensão interna, que acabou por fazer com que muitos de seus membros dela se desligassem. Havia um grupo francamente simpatizante do Espiritismo e sua doutrina, que parecia querer legitimar as crenças do movimento. Por outro lado, havia membros com interesse rigorosamente científico, cujo intuito era o de colocar à prova as alegações dos espíritas, dos mesmeristas e dos profetas. O grupo formado pelos pesquisadores de interesse científico acabou por duvidar das alegações dos espíritas, na medida em que suas pesquisas indicaram a possibilidade de que os fenômenos fossem manifestações dos próprios médiuns. A Pesquisa Psíquica deu origem à Parapsicologia, como ficou conhecida no século XX, sobretudo em sua vertente científica e experimental (Zangari, 1996, p.7).

E foi, sobretudo, o procedimento experimental que caracterizou o advento do período propriamente científico da pesquisa anômala.

4.2) Período Científico (1930 – dias atuais).

Como os pesquisadores anunciam que encontraram novos mundos? À semelhança de Colombo, em geral eles mesmo não o sabem a princípio. Contudo, quando comunicam o que acharam aos seus semelhantes, especialmente ao grupo profissional a que pertencem, a resposta que recebem: “Impossível, nunca ouvimos falar a esse respeito; não existe qualquer mundo desses”, indica-lhes pelo menos que o que acharam é novo. Se, em seguida, são capazes de responder às críticas formuladas, sobreviver à zombeteira rejeição das descobertas durante uns dez ou vinte anos e finalmente firmar o que alegam entre os poucos que o examinam cuidadosamente, ficam sabendo que o “mundo” deles não é só novo como verdadeiro. Não é ilusão (Rhine, 1953/1966, p.3)

Apesar de seu entusiasmo a favor do ‘novo mundo da mente’ e de sua postura ligeiramente metafísica (Zangari, 1996), Joseph Banks Rhine inovou ao inserir o método experimental e laboratorial no campo da então Pesquisa

Psíquica. Com este conjunto de experimentos, estava fundada a Parapsicologia (apesar do termo ter sido proposto por Max Dessoir em 1899 (Machado, 2009). Alicerçado nos cânones da ciência, aplicou a metodologia experimental e deixou de lado a pesquisa dos casos espontâneos (ainda que sua esposa, a Dra. Louisa Rhine (*Hidden Channels of the Mind*, 1965), tenha elaborado uma extensa taxonomia da Percepção Extrassensorial, baseada em relatos deste gênero).

Assim se expressou Rhine (1953/1966, p. 9) quanto à transição do termo 'Pesquisa Psíquica' para 'Parapsicologia': "O ramo da ciência que resultou do estudo desses fenômenos psíquicos foi conhecido primeiramente como pesquisa psíquica; chama-se atualmente parapsicologia. Essas experiências espontâneas ainda servem de introdução ao campo, muito embora só por si não se considerem como prova suficiente".

As 'experiências espontâneas' a que se refere são, justamente, os relatos verbais, 'causos' e 'habilidades mediúnicas' em sessões de entretenimento, materiais esses muito caros à então Pesquisa Psíquica.

De qualquer forma, a inserção deste estudo no mundo acadêmico foi marco importante, sobretudo devido a dois fatores: a fundação de seu Laboratório de Parapsicologia e o respaldo de uma Instituição Universitária ao mesmo.

Em 1932, o Dr. J.B. Rhine, Professor Associado de Psicologia e sua mulher, a Dra. Louisa Rhine, foram autorizados a criar oficialmente o seu Laboratório de Parapsicologia no Departamento de Psicologia chefiado pelo Professor William McDougall. Acontecimento de grande importância simbólica: pela primeira vez a pesquisa, nesses duvidosos assuntos que são a telepatia e a clarividência, foi considerada respeitável em nível universitário (Koestler, 1972, p.12).

Fizeram parte da equipe, à época, Helge Lundholme (1891 – 19??) e Kalr E. Zener (1903 – 1964), sendo este último o co-inventor do clássico ‘baralho ESP’, ou simplesmente ‘baralho Zener’².

Os dois principais grupos de alegações investigadas pelo pessoal de Duke, Carolina do Norte, são a Percepção Extrassensorial (ou PES) e a Psicocinesia (PK, do inglês *Psychokinesis*).

Alegações de PES envolvem a obtenção de informação de maneiras aparentemente não-relacionadas às vias sensoriais conhecidas (e daí o *extrassensorial*). Quando a informação é “captada” de uma outra mente, dá-se o nome de *telepatia* (“comunicação direta entre duas mentes, sem que a distância espacial pareça interferir na qualidade e na clareza da informação”) e quando a informação é “captada” de um ambiente, o nome correspondente é *clarividência*³. Em ambos os casos, o fator Espaço é relativizado, ou seja, essas ‘percepções’ não dependem da distância espacial. Aliás, o mais estranho é que ocorram, justamente, à *distância*! Em uma analogia tecnológica, seria como se a pessoa *receptora* possuísse em sua ‘mente’ um telefone e uma televisão de funcionamento constante.

Também classificada como alegação extrassensorial está a *precognição*, que seria uma espécie de clarividência que relativiza o fator Tempo, pois

2 “O baralho foi projetado por Zener e Rhine e continha 25 cartas, divididas em cinco grupos de cinco, com cada grupo estampando um desenho simples e facilmente reconhecível: um sinal *mais* ou uma cruz, um círculo, um retângulo, uma estrela e três linhas onduladas paralelas” (Shimabucuro, 2010, p. 34)

3 Esta nomenclatura difere da utilizada por sistemas esotéricos, para os quais o termo *clarividência* é sinônimo de ‘enxergar auras e espíritos’.

refere-se a uma ‘captação’ de informação vinda do futuro (*premonição*). Há casos onde a informação ‘captada’ é do passado, daí o nome *retrocognição*.

A Psicocinesia (“poder da mente sobre a matéria”) sugere que a mente é capaz de interagir com o mundo físico através de meios ou modos não mediados por forças físicas e motoras conhecidas (e daí o *extra-motor*).

Ambas as classes de alegações, PES e PK, tornaram-se objeto de estudo por parte do grupo dos Rhine. Tais assuntos foram também de interesse da Pesquisa Psíquica, mas no Laboratório de Parapsicologia, o método experimental e as análises estatísticas foram os divisores de água, pois a partir destes procedimentos, dados empíricos surgiram e foram gradativamente acumulados. É interessante lembrar, contudo, que apesar da utilização de árduos procedimentos experimentais e estatística pesada, existia por parte de Rhine um movimento de provar positivamente a existência de tais mecanismos anômalos de interação entre um ser humano e seu ambiente (ou entre um ser humano e outro ser humano). E, de fato, após as suas pesquisas, Rhine afirmara ter *provado* a existência de PSI, bem como o seu ‘mediador’, uma função *imaterial e extrassensorial*:

Para ele [Rhine] o ser humano seria dotado de uma função extra-sensorial, imaterial, espiritual (no sentido filosófico do termo), ou seja, não-física. Não sendo física, seria imortal. Daí porque se aceita a sobrevivência após a morte, apesar de não ver sentido em se acreditar na comunicação entre vivos e mortos. Essas ideias de Rhine, juntamente com seu rigor metodológico, podem ser considerados como elementos do *paradigma rhineano* que, apesar de contestado por alguns parapsicólogos atuais por considerarem prematuro assumir que psi seja imaterial, traz em si uma abertura para um diálogo possível entre ciência e religião (Zangari, 1996, p. 13)

Isso porque foi de Rhine, também, a proposta da criação de uma *Parapsicologia* da Religião (!!). Ao que parece, a questão da *sobrevivência após a morte* também interessava a Rhine. Contudo, é possível que ele não tenha abordado este ponto justamente pelas dificuldades experimentais envolvidas no teste desta hipótese. Afinal, as cartas e os dados foram úteis para se investigar PES e PK. Mas como elaborar um experimento que possa isolar a variável ‘espírito fora do corpo’, de modo a excluir sistematicamente tanto a possibilidade de PES quanto a de PK? As experiências de quase-morte, nas quais há supostamente um breve período no qual a pessoa está “morta” e logo após “retorna” ao corpo e à vida, até poderiam servir como modelo para este estudo. Mas tal elaboração surgiu apenas recentemente (Moody, 1975/1987; Greyson, 2007; Ring, 1984/1996) e, além disso, experiências de *quase morte* não equivalem à morte propriamente e são, por definição, ocorrências espontâneas, sendo que a deflagração de algo assim em laboratório seria um tanto anti-ética⁴.

Mas, em suma, quanto à PES e PK, os resultados foram favoráveis, indicando a existência de *mecanismos anômalos* na interação entre humano-humano e humano-ambiente.

[sobre PES]: Os primeiros resultados publicados por Rhine, em 1934, continham um relatório completo de 85 mil tentativas de adivinhação de cartas, efetuadas por um número de indivíduos selecionados. A média geral foi de vinte e oito acertos em vez de vinte, num total de

4 A título de curiosidade, há um filme norte-americano intitulado *Flatliners*, ‘Linha Mortal’ no Brasil, que retrata um grupo de jovens residentes em Medicina cujas experimentações noturnas e extra-oficiais consistem exatamente nisto: provocar um coma em si próprios e realizar o procedimento de ‘volta’, pela aplicação de medicamentos intravenosos. A cada sessão, revezam-se como sujeitos e estendem o tempo de ‘morte’. Entretanto, o filme acaba culminando para o terror do tipo ‘susto súbito com gritos e fantasmas’ e perde o seu possível alcance filosófico. Compreensível, pois se trata de um filme-entretenimento. Direção de Joel Schumacher, 1990.

cem tentativas. As possibilidades contrárias são, como já disse, astronômicas. E esta foi de fato a primeira vitória da percepção extrassensorial e que a tornou respeitada. (Koestler, 1972, p. 22)

[sobre PK]: Os dados usados nas experiências em Duke eram lançados um de cada vez ou em lotes de seis. De início, manualmente. Mais tarde, por meio de esferas movidas a eletricidade (...) Mais uma vez os resultados pareciam indicar que os dados eram influenciados por algum fator além do acaso. Mas Rhine, prudentemente, nada publicou sobre o assunto até dez anos mais tarde, em 1943-4: “pareceu-me mais aconselhável aguardar um pouco antes de soltar uma segunda bomba”. (Koestler, 1972, p. 36)

A Dra. Louisa Rhine, pesquisadora e esposa de J. B. Rhine, elaborou uma série taxonômica relacionando a Percepção extrassensorial com seus diversos modos de manifestação na psique humana. Ela compilou diversos relatos de casos espontâneos enviados por carta à Duke University (1940 – 1950) e dentre outros fatores, identificou 4 maneiras pelas quais a PES surge à psique como dado de informação (Machado, 2009). As duas primeiras, sobretudo pela via onírica.

A. Via Realística (ou literal). A informação é percebida de maneira literal, guardando identidade física e material com os objetos do mundo, como numa fotografia ou num filme. Há correspondência direta entre o significado da PES com o significado do que é percebido depois.

B. Via não-realística (ou simbólica). A informação chega de maneira indireta, revestida por símbolos que necessitam de interpretação.

É interessante notar que estes dois modos de manifestação da PES não são muito diferentes das maneiras pelas quais informações sensorialmente captadas são processadas, em sonhos. Embora o modo simbólico seja o mais comum, como atestou a Psicanálise. Mas a principal diferença é que os conteúdos referem-se a informações que não poderiam ser assimiladas através de vias normais ou conhecidas de sensorialidade. Por exemplo, um sonho premonitório literal ou simbólico ou ainda um sonho que trouxesse os

pensamentos e ou sentimentos de outra pessoa e que depois foram positivamente confirmados.

As outras duas vias são mais comuns na vigília.

C. Via Alucinatória. Aqui, há uma percepção sem objetos. Pode vir sob a forma visual, auditiva, gustativa, táctil ou olfativa.

D. Via Intuitiva. Ainda mais abstrata, a via intuitiva fornece uma informação sem imagem. Surge de forma súbita, sem aparente conexão com eventos ou pensamentos da ciência do sujeito.

A percepção sem objetos também é um processo comum à cognição, sob a forma de imagem mental ou representação. Mas nestes casos, não se trata de *representar* algo ausente e sim de *ter a sensação* de algo ausente, como se de fato estivesse presente. A intuição, como conhecimento que surge de forma súbita, pode indicar um funcionamento mental que processa de maneira inconsciente as premissas de modo a tornar consciente apenas as conclusões. Mas a própria definição de PES exclui esta explicação.

Esta taxonomia é interessante por organizar em categorias as diversas maneiras de condução da informação através da alegada percepção extrassensorial. Faz parte do volume *Hidden Channels of the Mind*, de 1965.

As pesquisas em Duke foram importantes porque consolidaram as bases metodológicas e analíticas para o estudo das alegações parapsicológicas. E, justamente por tratar deste tema, a postura foi bastante rigorosa, contrastando com a “metodologia frouxa” da Pesquisa Psíquica (SPR de Londres).

A partir daí, o campo foi aberto para o estudo experimental de outros tipos de alegações paranormais. Na década de 1960, um grupo do Centro Médico Mainônides, de Nova Iorque, funda um Laboratório do Sonho. Dentre

os pesquisadores, estavam o Dr. Stanley Krippner e Montague Ullman (Koestler, 1972, p. 32). A ideia principal era verificar a possibilidade de transmissão de conteúdos entre um emissor acordado para um receptor dormindo, estando ambos em quartos separados e devidamente isolados, de modo a evitar vazamentos sensoriais. Basicamente, foi um procedimento experimental que abordou o estudo das vias de transmissão de informação extrassensorial realística (literal) e não-realística (simbólica) catalogados por Louisa Rhine (1965).

Nas décadas de 1970 e 1980, a técnica Ganzfeld aprimora a metodologia experimental do Laboratório do Sonho, incluindo a presença de variáveis consideradas psi-condutivas, ou seja, cujas presenças supostamente facilitariam a manifestação da Percepção extrassensorial. O sujeito receptor é colocado sob estímulos específicos, visando a um processo de homogeneidade sensorial, cuja culminância seria uma sensação de *privação* sensorial: ruído branco através de fones de ouvido, luz monocromática, meias esferas sobre cada olho (metades de uma bola de pingue-pongue, por exemplo) e uma posição corporal relaxada. O emissor tenta 'transmitir' imagens específicas vistas numa televisão ou tela de computador, em uma sala distante fisicamente das acomodações do receptor. No Brasil, este experimento foi replicado com resultados bem promissores (Silva, 2014b)⁵. O procedimento de privação sensorial fora utilizado também por John Lilly na década de 1950, a fim de proporcionar a vivência de estados alterados (ou ampliados, ou modificados) de consciência. O instrumento utilizado era um tanque de isolamento sensorial,

⁵ Esta data refere-se ao ano de inserção, em mídia virtual, do vídeo relativo à pesquisa realizada durante 2000-2001.

um recipiente contendo água salgada morna, onde o sujeito era inserido de modo a flutuar (por conta da água salgada) e a entrar em consonância térmica com a água (por esta estar morna). Isto proporcionava isolamento sensorial e experiências de alteração de consciência. Embora Lilly não seja considerado parte integrante do histórico do desenvolvimento da Parapsicologia, também realizou experimentos com estas temáticas.

A introdução, nas pesquisas parapsicológicas, de equipamentos inicialmente vinculados a exames médicos possibilitou estabelecer correlações entre porções encefálicas e sensações subjetivas anômalas. Por exemplo, o ‘senso de presença’ e a ‘experiência de visitação’ (Persinger, 1989, 1994). Michael Persinger, neurocientista, através da aplicação de campos magnéticos nos hemisférios encefálicos, ‘produziu’ o que os voluntários relataram como um ‘senso de presença’ invisível. Segundo Persinger, uma variante intensa dessa sensação seria o que ele chamou de ‘experiência de visitação’ (*visitor experience*), relato comum nos casos de alegações de contato com entidades extraterrestres ou religiosas, seguidas de modificação nos padrões comportamentais. Tais sensações seriam mediadas pelas porções mediobasais dos lobos temporais. Estimulações artificiais destes locais gerariam estas mesmas sensações. Existe nestes procedimentos a sugestão de que tais sensações anômalas na realidade não seriam anômalas, ou melhor, poderia se tratar de *experiências anômalas* engendradas através de *processos não-anômalos*. Entretanto, sabemos que correlação não implica em causalidade e os diversos estudos em Filosofia da Mente possibilitam a elaboração de diversos modelos de relação entre corpo e mente (incluindo a causalidade do somático para o mental). Mas é importante a presença desta

espécie de intervenção instrumental, pois abre o campo para muitas possibilidades.

Finalmente, neste rápido sobrevoo, chegamos à década de 2000, onde o termo *psicologia anomalística* foi então estabelecido. A periodização de Richet não abrange este momento. Além disso, as diversas etapas de sua sistematização da história da Parapsicologia coexistem até hoje. O Espiritismo, a SPR de Londres e a Parapsicologia coexistem com a Psicologia Anomalística, sendo que estes dois últimos termos são utilizados de forma intercambiável dependendo da situação, ainda que para o contexto acadêmico atual, o termo Psicologia Anomalística seja o mais corrente.

I.B – Psicologia Anomalística

O termo ‘psicologia anomalística’ remonta a 1989 e é atribuído a dois psicólogos, Leonard Zusne e Warren H. Jones, que através de sua designação quiseram caracterizar o estudo dos chamados fenômenos paranormais. Como aponta Goulart (2014, p. 67):

O papel da psicologia anomalística seria oferecer explicações baseadas no conhecimento científico corrente (principalmente psicológico) que dariam conta de esclarecer as causas dos fenômenos sem recorrência a variáveis mágicas (paranormais, supernaturais, ocultas). Assim, a psicologia anomalística nasceu como um exercício de desmascaramento ou desmistificação de hipóteses paranormais.

Assim, observa-se que desde o início, o termo já se diferenciava dos entendimentos usuais ligados a ‘parapsicologia’, em relação à adesão prévia quanto à realidade ontológica de tais alegações. Em 2000, Chris French, psicólogo inglês, utilizou ‘Psicologia Anomalística’ para nomear um novo departamento de estudos na Universidade de Londres, Goldsmiths: Unidade de

Pesquisa em Psicologia Anomalística. Ainda que a Psicologia Anomalística possa ser considerada mais 'cética' do que a Parapsicologia, pesquisadores como French admitem a possibilidade da existência de processos anômalos, mas tal hipótese só é levantada depois de averiguar as hipóteses convencionais, já consagradas pela Psicologia e pela Ciência. Outras posturas, como a do psicólogo também inglês David Luke (Professor do Departamento de Psicologia da Universidade de Greenwich) apontam para outros entendimentos. Luke (Goulart, 2014, p.72) aponta que "parapsicologia e psicologia anomalística não são a mesma coisa, mas que existe uma grande sobreposição entre as áreas. A diferença seria a suposição apriorística, no caso da psicologia anomalística, de que é possível explicar os fenômenos paranormais por meio do conhecimento psicológico corrente". Esta posição pode ser considerada menos cética que a de French. Chris Roe, Docente de Psicologia de Northampton, é da opinião que Parapsicologia e Psicologia Anomalística podem ser utilizados de maneira intercambiável e que, além disso, Parapsicologia seria muito semelhante à Psicologia Transpessoal (Goulart, 2014). A diversidade de definições pode indicar um período de transição entre a Parapsicologia e a Psicologia Anomalística de fato. No Brasil, a definição de Psicologia Anomalística fica por conta do grupo Inter-Psi – Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais Básicos, da Universidade de São Paulo (Departamento de Psicologia Social) e se aproxima da posição de French. Inicia suas atividades em 2010 como um grupo de estudo e desde então, promove disciplinas da graduação e pós-graduação, bem como a realização de pesquisas de Mestrado, Doutorado e Iniciação Científica. Nestes termos, a pesquisa de alegações anômalas está

fundamentada em dois principais eixos possíveis de análise: o eixo fenomenológico e o eixo ontológico.

O eixo *fenomenológico* parte da consideração do fenômeno, tal como ele é relatado ou vivenciado. Nesta esfera, a preocupação é investigar as implicações psíquicas que rodeiam o grupo de assertivas realizadas. Para analisar o conteúdo, dinâmica e estrutura de tais relatos, dispositivos clássicos da Psicologia Social são utilizados. Este eixo alinha-se diretamente com um núcleo de investigação *psicossocial*. Mas o ponto de interesse é que os relatos abordados envolvem aparente conteúdo anômalo. Avistar discos voadores, sentir ou ‘incorporar’ entidades espirituais, vivenciar experiências de estados alterados de consciência, experiências religiosas etc. Dos dispositivos teóricos dispostos constam, por exemplo, a construção psicossocial de noções de identidade e papel social (Maraldi, 2011; Zangari, 2003; Zangari e Maraldi, 2009), teorias de atribuição de causalidade (Martins, 2011; Machado, 2009, Torres, 2012), fenomenologia (Medeiros, 2012), tópicos de Psicologia da Religião (Oliveira, 2014; Huang, 2014), diagnóstico diferencial (Reichow, 2014), representações sociais (Shimabucuro, 2010). A ‘realidade’ considerada aqui é a psicológica e social, muitas vezes com implicações práticas, comportamentais, nas vidas dos sujeitos.

O eixo *ontológico* aborda diretamente a questão da existência ‘real’ de processos anômalos, tanto experimentalmente quanto do ponto de vista da interpretação. Os experimentos destinam-se a testar uma ou um determinado conjunto de hipóteses a fim de verificar se há um resultado esperado pelo acaso ou não, se há a observação de efeitos que não poderiam ocorrer caso o único modo de proceder se desse pelas vias normais de sensorialidade e

interação com o ambiente, se há algum indício que poderia ser indicado como parte de um *processamento anômalo* de informações e/ou movimentos. Quanto à interpretação, procede-se de modo cauteloso, primeiramente aplicando-se os sentidos, dinâmicas e estruturas já conhecidas pela psicologia e pela ciência. Mas se o fenômeno resiste à interpretação convencional e ultrapassa os limites do conhecido, então hipóteses heterodoxas e anômalas são então levantadas. É interessante sugerir, entretanto, que mesmo o levantamento de hipóteses anômalas seja feito seguindo uma determinada sistemática, cujo mote e cadência ainda estão para serem definidas⁶. De qualquer modo, os procedimentos experimentais em pesquisas do Laboratório já envolveram a investigação de efeitos antecipatórios (precognitivos) e seu envolvimento na tomada de decisão humana (Silva, 2014a) e abordou também a percepção extrassensorial em crianças e adolescentes brasileiros (Corredato, 2014) bem como a questão da hipnose (Raggi, 2014). Ainda que os procedimentos experimentais não possuam a obrigação de tecer considerações ontológicas, eles se aproximam mais desta postura do que as análises fenomenológicas as quais, explicitamente, ocupam-se das implicações psíquicas e sociais de tais alegações.

As duas abordagens são interessantes e revelam dados importantes.

Goulart (2014) realizou denso estudo sobre as atividades do Inter-Psi, esteve presente às reuniões como ‘observadora participante’ e seu escrito descreve tanto a história quanto as implicações científicas das pesquisas do Laboratório. Recomendamos que se consulte o referido volume para informações mais detalhadas.

⁶ Esta frase é sugestão metodológica nossa. Se é útil ou não, não sabemos por ora.

Ainda em 2000, surgiu a publicação que é considerada das mais importantes para o campo, editada pela *American Psychological Association*: o *Varieties of Anomalous Experience*⁷: Examining the Scientific Evidence (Cardena, Lynn e Krippner, 2000). Percebemos que, nos *Varieties*, os assuntos abordados foram ampliados, tanto em relação ao foco da Pesquisa Psíquica (SPR) quanto da Parapsicologia (Rhine). Temos: experiências alucinatórias, sinestesia, sonhos lúcidos, experiências fora do corpo, experiência de PSI, abduções alienígenas, experiências de vidas passadas, experiências de quase-morte, experiências de curas anômalas, experiências místicas. A tradução da obra para o português saiu em 2013 com o título *As Variedades da Experiência Anômala: análise das evidências científicas* (Cardena, Lynn e Krippner, 2000/2013).

Do glossário do *Varieties*, obtemos: **Anomalia Científica**: fenômeno que contraria as teorias científicas vigentes em um dado momento histórico. Portanto, anomalia não diz respeito a anormalidade, mas a um estado de desconhecimento, pelo menos temporário, por parte da ciência.

Logo na introdução, os autores pontuam que ‘anomalia’ não necessariamente implica em ‘patologia’ ou ‘anormal’. A experiência anômala, embora eventualmente seja relatada por um grande número de pessoas, não encontra ressonância social ou conceitual na comunidade geral, no sentido de diferirem das experiências gerais e das explicações comumente oferecidas. Mas isso não quer dizer que sejam experiências sinalizadoras de algum tipo de deficiência ou patologia mental (como se acreditou em determinadas épocas remotas, aliás).

⁷ O título é uma homenagem à obra de William James, *Varieties of Religious Experience*.

Aliás, a definição do glossário sugere que os impasses entre as alegações anômalas e os conjuntos conceituais disponíveis atualmente para explicá-las podem ser ‘apenas’ temporários. Isto é, esta redação supõe, mesmo como dado hipotético (e de fato não haveria outro modo de fazê-lo), um estado social/científico futuro onde as alegações anômalas não serão mais consideradas anômalas (seja por redução ao conhecido seja por expansão rumo ao conhecível).

Por fim, uma das principais entidades ligadas ao estudo/divulgação das alegações anômalas, a *Parapsychological Association*⁸ (P.A.), está na ativa e promovendo encontros que reúne pesquisadores do campo vindos de todo o mundo (Américas, Europa e Ásia). Em 2011, um fato inédito: a 54ª Convenção Internacional da P.A. foi realizada aqui no Brasil, no Paraná, Curitiba. Um dos intermediadores deste evento foi o pesquisador Fábio Eduardo da Silva. Pela primeira vez, a Convenção ocorreu fora do eixo Europa-América do Norte. Tivemos o privilégio de participar dela e acompanhar as apresentações realizadas (inclusive, pelos membros do Inter-Psi, que também tem comparecido às demais Convenções da P.A. no exterior). O fato de ser possível este gênero de estudo em nível universitário, como afirmou Koestler (1972), ‘retirou-o’ da ilegalidade e dos salões obscuros.

Portanto, o campo possui um histórico complexo, por vezes mesclando-se à religião e em outros momentos, assumindo uma postura tão rígida que chegou a derivar metodologias utilizadas em áreas exatas (foi da investigação parapsicológica a criação dos testes *duplo-cego*). Alguns conceitos historicamente entrelaçados à Pesquisa Psíquica deram origem e forneceram

⁸ <http://www.parapsych.org/>

as bases para tópicos em Psicologia (o 'sono hipnótico' dos mesmeristas ou a 'mente sub-liminar' de Myers anteciparam a noção de Inconsciente de Freud). Entre a aceitação apressada e a negação dogmática, o campo permanece controverso. A posição ou inspiração filosófica predominante, entretanto, parece ser o *ceticismo* muito mais do que algum tipo de visão *metafisicamente* orientada (apesar das crenças do próprio Rhine aliás). Contudo, talvez isto se relacione com uma determinação geral da ciência, que é orientada para a matéria, experimentação e reflexão. É curioso que uma disciplina cujo tema principal de estudo gira em torno de alegações supostamente *extra-sensório-motoras* encontre hoje, na ciência, a sua principal 'guardiã'. Mas o diálogo entre a Psicologia Anomalística e a Ciência assemelha-se a uma conversa entre duas velhas amigas que, apesar de por vezes não concordarem uma com a outra, respeitam-se mutuamente e torcem por seus sucessos.

Capítulo II – Ciência

II.A – Os Cientistas e as Crenças Paranormais

This most beautiful system of the sun, planets, and comets, could only proceed from the counsel and dominion of an intelligent and powerful Being (...). He is eternal and infinite, omnipotent and omniscient; that is, his duration reaches from eternity to eternity; his presence from infinity to infinity; he governs all things, and knows all things that are or can be done. He is not eternity or infinity, but eternal and infinite; he is not duration or space, but he endures and is present. He endures for ever, and is every where present; and by existing always and every where, he constitutes duration and space (Newton, *The Mathematical Principles of Natural Philosophy*, Book III, 1687/1845, pg. 504-505).

Em um estudo abordando a questão da religião nos cientistas (Paiva, 1993), evidenciou-se a ausência de conflitos tanto psicológicos (no plano do consciente) quanto epistemológicos entre estes dois campos, a partir da visão

dos entrevistados. Por exemplo, em docentes-universitários de Física e Biociências, encontrou-se que “nenhum dos entrevistados declarou ver incompatibilidade entre ciência e religião” (Paiva, 1993, p. 152). E ainda que “objetivamente, a compatibilidade entre ciência e religião é assegurada praticamente por todos [os entrevistados]; não só não há conflito como há complementação; a contradição básica entre elas revela-se, talvez, meramente aparente” (idem, p.146). A maioria também declarou que, no ambiente de trabalho (Universitário), não há hostilidade contra a religião, embora o assunto não seja tão comentado assim, seja pela falta de tempo hábil devido aos afazeres acadêmicos que deixam pouca possibilidade de se conversar sobre outros assuntos seja por se tratar de conteúdo íntimo, particular.

Alguns dos conflitos apontados revelaram atritos entre a religião familiar dos cientistas (ou seja, a religião professada por seus pais ou família) e a vida propriamente dita, com a adolescência e contato com leituras científicas. Ou então entre um ambiente ateu ou irreligioso com alguma busca espiritual na vida adulta. Tratam-se portanto de questões intra-psíquicas, perpassando os conteúdos familiares recebidos na infância. Mas como prática científica, não fora encontrada incompatibilidade entre estes dois sistemas.

Alguns questionamentos em relação à própria ciência foram feitos, também. “(...) houve quem aludisse às decepções que a ciência provoca na vida do cientista (e que, no caos, são compensadas precisamente pela religião), quem emitisse um juízo assaz severo sobre o nível de formação em filosofia da ciência dos pesquisadores e quem, por razão do extremo espírito crítico, chegasse a denegar quase qualquer certeza à ciência (fazendo emergir,

exatamente nesse ponto, a necessidade da certeza religiosa” (Paiva, 1993, p. 154).

O próprio autor declara que sua amostra⁹ não é representativa de toda a população docente da USP mas mesmo assim são dados relevantes, pois sugerem que não há conflito absoluto entre ciência e religião na visão da prática desses cientistas, fato este que pode surpreender algumas representações sociais relativas ao assunto (que aparecem na grande mídia, por exemplo).

A amostra contém inclusive alguns pontos de relatos de alegações anômalas pessoais. Por exemplo, Paiva (1993, p.98-101) discorre sobre um dos entrevistados, biólogo de 50 anos:

[este biólogo] reconhece dentro de si “um grau de espiritualidade: empatia pelo não tangível, pelo outro lado da realidade física”, que não sabe como nomear, mas que acaba denominando de “energias”. Percebe-se sensível ou, talvez, sensitivo, à manifestação dessas energias: mudança na densidade do ar, ionização, coloração na cabeça e nos ombros das pessoas. É o que talvez lhe permita essa aproximação ao oculto e ao espiritual. Pensa que essa atividade nada tem a ver com sua atividade científica, sendo mais uma particularidade pessoal (...). Seu projeto de vida, ao se aposentar, é de dedicar-se em tempo integral à pesquisa sobre religião (...). Enfatiza que “essa coisa do religioso, do transcendental, merece uma dedicação integral” (...). Essa sensibilidade religiosa não o inclina a práticas esotéricas. Sabe que “vê” certos fenômenos e tem amigos com o dom da vidência (...). A energia religiosa, ele pretende estudar até experimentalmente, pois ainda não se sabe lidar com ela. Pensa que o termo “energia” ainda é o melhor que encontra para definir o religioso: algo que age, é de outra natureza, é impessoal, às vezes tem forma, às vezes não tem.

Nesta pesquisa, muitos também declararam que ‘jamais haviam pensado nisso’ e que por este motivo, a questão não representava um conflito, propriamente. Mas Paiva (1993) declara que não encontrou resistência para

9 26 docentes-pesquisadores da Universidade de São Paulo, com o título mínimo de Doutor; 10 de ciências exatas (Física), 8 de biociências (Zoologia) e 8 da área de humanas (História).

conversar sobre este assunto e que o tema não foi considerado um ‘tabu’ pelos cientistas, apesar de estes terem declarado não falar sobre este tópico em seus respectivos departamentos.

Assim, a possível presença de determinadas crenças religiosas não entraram em conflito com a prática acadêmica.

Existe um movimento de relação entre crenças religiosas e crenças paranormais, de modo que estas duas esferas não podem ser entendidas de maneira totalmente independentes. Rice (2003, *apud* Zangari e Machado, 2011) identificou duas diferenciações possíveis a este respeito: *crenças paranormais religiosas* e *crenças paranormais clássicas*. A primeira designa crenças constituintes dos sistemas religiosos diversos, tais como anjos, demônios, céu, inferno etc e a segunda, comporta as alegações clássicas relativas à Parapsicologia, por exemplo telepatia, telecinesia, clarividência. O ponto em comum é que em ambos os conjuntos, seus elementos não poderiam ser justificados através do arcabouço disponível pela ciência ortodoxa convencional (Zangari e Machado, 2011). Assim, algumas alegações religiosas envolvem alegações anômalas (santos e profetas que ‘*predizem o futuro*’ através de sonhos, por exemplo) e algumas alegações anômalas clássicas e contemporâneas envolvem temas religiosos (as chamadas ‘*experiências místicas*’ ou ‘*experiências fora do corpo*’), de modo que existem pontos convergentes entre estes dois campos, trazendo elementos importantes que, em uma perspectiva integrativa, contemplam ‘*mais peças do quebra cabeças*’.

Para Irwin (2004), as crenças paranormais seriam conjuntos pertencentes às crenças humanas em geral, de modo que partilhariam com estas últimas de sua dinâmica e estrutura fundamentais. Como tais, devem

possuir um aporte em dada parcela da população (isto é, não podem ser crenças afirmadas por uma única pessoa). Assinala Irwin (2004, p.21) que “Paranormal beliefs therefore are construed as cultural representations”.

Especificamente quanto às crenças paranormais, afirma (Irwin, 2004, p. 32):

(...) a paranormal belief is defined on a working basis as a proposition that has not been empirically attested to the satisfaction of the scientific establishment, but is generated within the nonscientific community and extensively endorsed by people who might normally be expected by their society to be capable of rational thought and reality testing

Esta perspectiva converge com a posição de Tobacyk sobre a relação entre o paranormal e a ciência. Observa Maraldi *et al* (2011) que

segundo Tobacyk (1995, p.28) o fenômeno paranormal é definido comumente de acordo com três critérios: [...] (a) é inexplicável em termos da ciência atual; (b) a explicação é possível somente com amplas revisões dos limites básicos dos princípios da ciência; e / ou (c) é incompatível com o quadro de referência perceptivo, crenças e expectativas sobre a realidade.

Isto é, as crenças paranormais são construídas e mantidas dentro de determinados sistemas sociais diferentes daqueles ligados às representações científicas.

Irwin levanta quatro hipóteses para tentar explicar a existência de tais crenças paranormais:

1. Marginalidade Social (*Social Marginality*): as crenças paranormais teriam como finalidade ‘compensar’ uma existência desenganada e aquém dos padrões convencionais. Seriam relativas às camadas marginalizadas da sociedade, como os desempregados e os de baixa renda. Tais crenças serviriam de ‘muletas’ para ao mesmo tempo organizar e fornecer significados diferentes (e às vezes considerado

‘superior’) em relação aos padrões considerados ‘normais’ da Sociedade;

2. Visões de Mundo (*people's worldviews*): retomando reflexões de Zusne e Jones, Irwin argumenta que nesta hipótese, as crenças paranormais simplesmente fazem parte de um modo específico de se enxergar a Realidade, no caso, subjetiva e metafisicamente orientada, em contraste com visões materialistas e objetivistas do mundo. Isto se manifestaria não apenas na crença paranormal, mas faria parte de todo um ‘sistema interpretativo’, que tenderia ao esotérico e religioso. Contudo, o próprio Irwin (p. 104) aponta que esta hipótese, por si mesma, é insuficiente para explicar as razões fundamentais desta inclinação para um ou outro lado da interpretação;
3. Deficiência Cognitiva (*cognitive deficits*): crença paranormal compreendida como *crença irracional* levaria ao entendimento de que apenas pessoas tolas, ilógicas, dogmáticas e não-críticas seriam portadoras de tais crenças. Aqui, o problema seria antes cognitivo do que pertencente ao domínio do tipo de personalidade (como no caso anterior). Pessoas crentes em alegações paranormais teriam disfunções nas atividades cognitivas básicas. Isto conduziu, contudo, a uma série de estudos que tentaram identificar quais seriam os fatores cognitivos relacionados às crenças paranormais. Por exemplo: níveis de educação científica e outras especializações, inteligência, habilidades mnemônicas, capacidade racional, criatividade e imaginação;

4. Funções Psicodinâmicas (*psychodynamics functions*):

compreendidas como parte das crenças humanas gerais, as crenças paranormais desempenhariam funções idênticas a quaisquer outras crenças, ou seja: diminuição da ansiedade, estabelecimento de um sentido e significado para a vida, redução das incertezas, aumento do senso de controle sobre sua própria vida etc. Assim, tais crenças seriam necessárias para a integridade e manutenção psíquica. Um exemplo seria o *coping religioso* que dependendo de sua manifestação, poderia ser compreendido como *coping paranormal*¹⁰.

As hipóteses 1 (marginalidade social) e 3 (deficiência cognitiva) não obtiveram respaldo nas pesquisas, ainda que, quanto aos fatores cognitivos subjacentes às crenças paranormais, ainda existam controvérsias (French & Wilson, 2007).

As hipóteses 2 (visões de mundo) e 4 (funções psicodinâmicas) não necessariamente apontam para processos patológicos, contudo.

Do ponto de vista de suas relações com os cientistas, podemos tecer algumas considerações provisórias, segundo estas quatro hipóteses. Não se pode afirmar que a Ciência ocupe uma posição de 'marginalidade social' nos dias de hoje, dado que mesmo em conteúdos de representação popular, a ciência tende a aparecer como juíza absoluta da verdade, definindo assim o limite entre o erro e o acerto. Uma visão de mundo mais subjetiva e esotérica (hipótese 2), possivelmente, não conduziria o indivíduo a escolher o caminho

¹⁰ Irwin não fala explicitamente nestes termos, mas o *coping paranormal* poderia ser uma extensão lógica deste tópico.

acadêmico como modo de trabalho, ainda que em disciplinas como a Psicologia, o papel da subjetividade seja fundamental. Entretanto, como pudemos observar no início deste capítulo, uma visão de mundo por vezes religiosa não necessariamente gera conflitos com a prática científica, de modo que estas duas posturas podem coabitar um mesmo entendimento, manifestando-se em situações distintas. Mas caberia explicar, contudo, como uma visão de mundo ‘subjetiva’ poderia ser integrada a uma perspectiva ‘objetiva’ de modo a não gerar conflitos que dificultariam a deflagração tanto de uma quanto de outra. Também partindo das representações populares, não se pode afirmar que cientistas sejam apontados como portadores de deficiência cognitiva (hipótese 3), sendo que justamente a Razão e o Racional figuram como seus principais elementos constitutivos. Ainda que a imagem da genialidade esteja porventura relacionada à loucura (Einstein com a língua para fora), tal estado se daria não por falta e sim por excesso de Razão. A hipótese 4 (funções psicodinâmicas) alinha-se à hipótese 2 (visões de mundo), no sentido de serem possíveis simultaneamente à atividade científica. E, retomando as reflexões do início deste capítulo, observamos que mesmo a visão de mundo científica pode servir, como ‘crença’, à organização da realidade, conduzindo a um estado de controle da própria vida e diminuição da ansiedade perante o desconhecido. Mas retornaremos a esta questão mais adiante.

Estudos empíricos foram realizados abordando diretamente a questão das crenças paranormais em cientistas e membros da Academia.

Particularmente a respeito dos psicólogos, Crumbaugh (1938) coletou 100 respostas provenientes de 43 diferentes Universidades, através de

questionário direcionado a docentes-pesquisadores dos Departamentos de Psicologia. A intenção foi a de levantar as impressões destes profissionais com respeito a três pontos: 1) pesquisas em Percepção extrassensorial (PES); 2) publicações do *Journal of Parapsychology* e 3) experimentos de rádio sobre a Telepatia da Fundação Zenith. Por questão metodológica, os questionários não foram enviados para Instituições onde havia profissionais que já haviam escrito material seja a favor seja contra a PES para evitar que, nestes casos, os colegas tivessem de comentar sobre o trabalho de pessoas de sua própria Instituição. Sobre os experimentos da Fundação Zenith¹¹ e a respeito do *Journal of Parapsychology*, a maioria declarou não possuir conhecimento a respeito. Quanto às pesquisas sobre percepção extrassensorial, 60% declarou que são importantes, independente dos resultados. As pesquisas em Duke também foram consideradas importantes pela maioria, ainda que suas conclusões sejam controversas.

As respostas negativas em relação aos experimentos de PES em Duke giraram em torno de críticas metodológicas. Quanto às publicações do *Journal of Parapsychology*, algumas respostas as consideraram ‘absurdas’ porque “1. Assumem que telepatia e clarividência são reais e prosseguem a partir daí; 2. Somente os resultados positivos são publicados; 3. PES não existe; 4. Resultados tendenciosos” (Crumbaugh, 1938, p. 305).

Um psicólogo de Nova Iorque declarou que

11 Experimentos destinados a testar a hipótese da telepatia. Em 1937, um grupo de supostos ‘parapsíquicos’ reuniu-se para transmitir através de um programa de rádio (Chicago), em diversas ocasiões, uma série binária de símbolos que deveriam ser ‘captados’ pelos ouvintes e então enviados por carta para análise. Eram cinco símbolos em sequência, com duas possibilidades para cada um deles (Goodfellow, 1938; Griffiths & Tenenbaum, 2001).

[...] our present formulations of laws and principles in psychology and related sciences do not by any means do justice to the whole realm of psychic phenomena. I incline toward the view that future research in psychology, physics, chemistry, physiology, and possibly other related fields – helped out by philosophy – will lead to a great broadening of our present ideas in this particular field. I look forward with more confidence to the contributions of psychology and physics than to what may be learned in some other quarters (Crumbaugh, 1938, p. 306).

Outro psicólogo de Nova Iorque afirmou que “I do not say there is no possibility of ESP but even so would maintain that there must be some mechanism which is not *extra*-sensory”.

Ou seja, neste *survey*, posições contrárias e a favor foram encontradas. O fato das publicações e experimentos estarem fora da ciência dos psicólogos não é, contudo, uma característica apenas deste campo, pois muitas são as pesquisas realizadas em diversas esferas do conhecimento e há uma tendência a centralizar a atenção naquilo que é de interesse à atividade atual. Mas afirmações de erros metodológicos bem como questionamentos acerca das publicações favoráveis à percepção extrassensorial demonstram as controvérsias levantadas por este tipo de estudo.

Outro *survey*, também realizado em 1938, investigou a posição dos então 603 membros efetivos da *American Psychological Association* em relação às pesquisas envolvendo a percepção extrassensorial (Warner & Clark, 1938). 60% dos 603 membros responderam à pesquisa. Dentre estes, os resultados encontrados foram: 89% disseram que o estudo científico da PES é legítimo; 76% disseram que faz parte da psicologia acadêmica; 39% acharam apropriada a aproximação experimental dada ao estudo. Contudo, quanto à possível realidade da PES, a maioria apontou que ela é “merely an unknown”. Os principais argumentos criticando a metodologia foram: “1.no geral, melhorar os grupos de controle, 2. Eliminar os erros de estatística e probabilidade e 3.

Abandonar o uso das cartas Zener e introduzir outros métodos e materiais”. Os livros de Rhine foram apontados como a maior fonte de informações a respeito deste campo, seguidas pelas publicações no *Journal of Parapsychology*. Outros campos científicos apontados relacionados ao estudo da PES foram as ciências Biológicas, Física e Matemática.

Este mesmo *survey* foi reaplicado 14 anos depois, para 515 membros efetivos da *American Psychological Association*. 70% respondeu à pesquisa e dentre estes, os resultados encontrados foram: 89% afirmou que se trata de pesquisa cientificamente legítima; 78%, que é pesquisa legítima para o campo da psicologia acadêmica; 36% alegou que a abordagem experimental, tal como segue expressa pelo *Journal*, é adequada (Warner, 1952). Pouca variação em relação à aplicação original foi encontrada. Apenas ligeiras diferenças foram encontradas. Por exemplo, quanto à possível realidade da PES, a maioria indicou que seria uma ‘*remote possibility*’, seguida por ‘*merely an unknown*’. Algumas observações relevantes acerca do tema, feitas pelos psicólogos:

1. Isto deveria ser estudado como um assunto psicológico, pois ao afirmar que é ‘extrassensorial’, estou sutilmente afirmando que algo ‘extrassensorial’ de fato existe
2. Não admito que uma ‘recepção’ sem ‘receptores’ possa ocorrer (critica a ideia de que um conteúdo possa ser recebido de forma ‘extrassensorial’)
3. Não sabemos os limites de nossa percepção para afirmar que algo é ‘captado’ extrassensorialmente
4. Este estudo será considerado acadêmico quando este conhecimento for situado em algum ‘quadro teórico’

5. É preciso estabelecer relação com conteúdos psicológicos já existentes
6. Podem existir vazamentos sensoriais e dicas que o pesquisador fornece, daí os resultados positivos
7. É necessário investigar possibilidades de percepção subliminar

Interessante observar que diversos apontamentos em relação à ontologia de PES foram feitas. Possivelmente isto se deu devido à abordagem da pesquisa, que indagou diretamente sobre a *opinião* dos psicólogos sobre a percepção extrassensorial. Além disso, novamente os livros de Rhine foram apontados como a principal fonte de informação a respeito do tema e, à época dos estudos em Duke, existiu de fato certa ênfase positiva quanto à ontologia tanto da PES quanto de PK. É interessante citar aqui este comentário de um dos psicólogos, pois evidencia uma postura parcimoniosa que primeiro parte daquilo que já é conhecido para somente depois partir para a elaboração de hipóteses heterodoxas:

If a scientist finds reason to believe that phenomena exist that are inconsistent with the basic postulates of known science it is his duty (a) to try to discover their explanation and, IF necessary, show how theory must be extended to include these events. He must, however, avoid explanations outside the realm of nature, or the introduction of new constructs until the capacity for accepted constructs to explain the facts has been satisfactorily and exhaustively explored (Werner, 1952, p. 292).

Novamente, nesta replicação um conjunto de controvérsias foi levantado, mas o foco foi antes de ordem ontológica do que fenomenológica.

As controvérsias existem em ambas as esferas, contudo. Poderíamos, por ora, sintetizar estes dados no gráfico abaixo:

Inicialmente, temos uma alegação anômala. Há pelo menos dois caminhos para se trabalhar com esta questão, que seria outra maneira de dizer que ou ela é afirmada na esfera fenomenológica, como fenômeno que surge no campo de consciência subjetivo do sujeito (A1) ou então é afirmada na esfera ontológica, como fato pertencente ao campo objetivo do Real (B1). Há, neste momento, certo conflito que decorre de sua própria definição, ou seja, algo que não pode ser classificado, compreendido e assimilado pelo conjunto de conceitos e teorias existentes. No passo seguinte, há o momento de análise e consideração daquela dada afirmação. No plano fenomenológico, a assertiva anômala é colocada sob investigação psicossocial, enquadrada como 'crença' (A2) e posta num movimento de assimilação e ancoragem, ou seja, numa

dinâmica de tentar ‘reduzir o desconhecido ao conhecido’, de compreender o anômalo a partir do não-anômalo, o *parapsicológico* a partir do psicológico e o *heterodoxo* a partir do *ortodoxo*. A investigação ontológica é realizada através de experimentos que se utilizam de uma adequada metodologia (B2) de modo a evitar que variáveis *sensoriais* e *motoras* interfiram na dinâmica do fenômeno, fazendo com que a única explicação possível para o ocorrido encontre residência em *processos anômalos*, ou seja, *extrassensório-motores*. Se A2 e B2 forem bem-sucedidos, isto é, se a negação ou antítese triunfarem, não há necessidade de avançar mais, pois isto vai significar que, em A2, a assertiva anômala foi suficientemente explicada por conceitos e teorias já consagradas, sobretudo de âmbito psicossocial (patológicos ou não). O mesmo ocorre em B2, pois a vitória da negação vai sinalizar que ou o procedimento experimental não pôde isolar com sucesso as variáveis em questão ou então a análise estatística acusou normalidade, dentro do esperado pelo acaso. Caso a negação falhe em ambos os casos, há então pelo menos dois caminhos possíveis. Ou o fato permanece no limbo, como algo simplesmente ‘não-explicado’ ou então avança-se para a fase 3, onde a fenomenologia necessariamente conduz à ontologia. Em A3, a anomalia é mantida, o que quer dizer que não pôde ser assimilada pelo *já conhecido*. Como tal, avança para o *não-conhecido*, o que no âmbito psicológico significa afirmar uma expansão conceitual da própria psicologia. Mas tal expansão, uma vez ocorrida, não pode permanecer apenas nestes limites, dado que a realidade do *extrassensório-motor* envolve elementos concernentes à biologia e física¹². Neste movimento,

12 Da mesma forma que capacidades cognitivas e afetivas ‘normais’ demonstram correlação com estruturas e porções encefálicas, portanto biológicas, que por sua vez são constituídas de matéria, isto é, são físicas.

encontra-se com B3 numa expansão da Ciência como um todo. Este terceiro movimento, contudo, não implica necessariamente em uma expansão *metafísica*, dado que o anômalo pode sugerir, apenas, processos sensoriais e motores até então desconhecidos tanto pela Psicologia em particular quanto pela Ciência em geral. Neste caso, o *paranormal* não é compreendido em termos *normais ortodoxos* (como em A2 e B2), mas sim através de conceitos *normais heterodoxos*. O caso extremo ocorreria, contudo, se o terceiro movimento indicasse uma expansão para a *metafísica*, isto é, para *processos extrassensório-motores de fato*, situados para além da sensorialidade e forças físicas. Pessoalmente, não conseguimos projetar um estado de coisas e conceitos que equivalesse, formal e praticamente, a esta última possibilidade. É realmente complicado tecer uma imagem de algo *extrassensorial* a partir de condições e modelos sensoriais. De qualquer forma, é uma possibilidade teórica.

Outro ponto que importa salientar deste quadro é que o segundo movimento '2.(A;B)' vai depender dos parâmetros utilizados para se afirmar o que é ortodoxo ou não. No caso da Psicologia, por exemplo, dependendo da escola teórica em questão, certos pontos considerados ortodoxos pela escola A serão considerados heterodoxos pela escola B. E não é preciso ir muito longe. A própria concepção da existência de uma 'mente' enfrenta dificuldades para a sistematização de Skinner¹³, por exemplo, enquanto que para Freud e Jung, ela é fundamental. Já para Jung, o Inconsciente Coletivo e seus conteúdos formais, os Arquétipos, serão considerados heterodoxos pela Psicanálise.

13 Cuja formulação filosófica é o Behaviorismo Radical, sendo seu coração o Condicionamento Operante.

Quanto à questão ontológica, um ponto que se relaciona com a presente investigação pode ser assim formulado: *em que medida podemos ter certeza de que as teorias científicas estão, de fato, a descrever a Realidade tal como ela é?* Isto sugere então um debate sobre a questão do *Realismo Científico*.

II.B – Tópicos em Filosofia da Ciência

A questão do Realismo Científico surgiu em nossa pesquisa por conta dos debates realizados, neste tópico específico de filosofia da ciência, acerca de implicações metateóricas que atingem diretamente o cerne do que estamos a abordar. Partimos das considerações filosóficas de Hilary Putnam (1926 -) em dois momentos de sua ainda ativa carreira acadêmica: primeiro, sua caracterização do Realismo Metafísico (ou objetivo) e em seguida, a guinada de perspectiva para o chamado Realismo Interno (Plastino, 2000; 2004; 2012), (Alves, 2007), (Silva, 1998), (Okasha, 2002),

A obra de Putnam é conhecida por questionar a si mesma, à medida que avança em suas concepções e proposições conceituais. Quanto ao Realismo, é possível localizar três estágios em seu pensamento, sendo que as duas primeiras nos interessam. A Fase 1, intitulada de *Realismo Metafísico*, é compreendida entre o início da década de 70 até cerca de 1976 e seu marco é a publicação, em 1980, da obra *Naming and Necessity*, que retoma a concepção de Kripke (1972) de uma Teoria Causal da Referência, ou seja, de uma ligação direta entre o termo e o referido, da palavra à coisa nomeada por esta palavra. Em 1974, através do estudo *The Meaning of Meaning*, postula

uma semântica realista para as chamadas ‘espécies naturais’ (por exemplo água, ouro, tigre etc), que não seriam uma invenção de nosso entendimento, mas espécies que, de fato, compõem o mundo.

A Fase 1 do pensamento de Putnam (Putnam -1), contudo, é nomeado de ‘*Realismo Metafísico*’ pelo próprio Putnam em sua Fase 2 (Putnam -2), num movimento de autocrítica. Como tal, este Realismo (Putnam-1) é composto de um *pacote de Teses* na qual três pontos são fundamentais:

1.Tese Ontológica. O mundo consiste em uma totalidade fixa de objetos que não dependem da mente para existir.

2.Tese Epistemológica. Existe uma descrição *completa e verdadeira de como o mundo é*.

3.Tese Semântica. A noção de Verdade é entendida como Correspondência.

A Tese 1 parte da afirmação categórica da existência do mundo como constituído por uma série de objetos fixos, independentes do sujeito que conhece. Afirma também a “independência do mundo exterior em relação a nossas teorias e conceitos” (Plastino, 2000, p.80). Isto é, o mundo existe. E mais do que isso: é possível conhecê-lo, daí decorre a Tese 2. Segundo esta afirmação, é possível ao ser humano conhecer o mundo *tal como ele é*. Uma postura cética afirmaria: o mundo existe, é real, não depende de minha ‘mente’ para existir, mas não é possível termos acesso a este mundo. Mas em Putnam-1, não é possível ao ser humano conhecer o mundo, mas de forma exata e definitiva, através de uma *descrição completa e verdadeira*. Para tanto, este conhecimento estaria alicerçado numa noção de Verdade como Correspondência, isto é, as palavras e signos que emprego para descrever o

mundo *de fato* correspondem às coisas do mundo, não são invenções arbitrárias.

Tal perspectiva é chamada por Putnam-2 (como movimento de autocrítica) de *externalista* ou ainda de *a visão do olho de deus*. Representa a ideia de que o ser humano, observando a Realidade *de fora*, é capaz de se aproximar dela com graus de precisão crescente, culminando em seu total desvelamento e compreensão. Esta postura Realista Metafísica dota a Ciência da capacidade de acesso epistêmico a este mundo, ainda que de forma aproximada e falível, sendo que a Verdade se revela aos poucos, num movimento de convergência com aproximações paulatinas.

Dentro deste contexto, dois pontos desempenham papel importante: a) a questão dos inobserváveis e b) a *estabilidade referencial*.

a) A ciência, em suas hipóteses para tentar compreender o mundo, postula entidades e processos que são inobserváveis. Para fazer previsões, para dar explicações, para sistematizar o conhecimento, vai além do que é observável. A questão que se coloca ao realista é a seguinte: como se pode provar que existem os elétrons, genes, campo eletromagnético etc? O que legitima essa postulação dos inobserváveis na ciência? Um exemplo é o atomismo, que parte da consideração da existência ontológica dos átomos para explicar uma série de consequências e fenômenos. Baseado em Boyd, Putnam recorre então ao chamado *argumento do milagre ou do não-milagre*. Afirma que, se não existissem tais entidades teóricas inobserváveis que a ciência postula como causas para explicar e prever uma série de efeitos observáveis, seu êxito seria um milagre. Seria então uma *coincidência cósmica* se, nada disso existindo, tudo funcionasse como se existissem. Assim, a melhor

explicação para o êxito da ciência seria o realismo científico. Putnam assevera que o realismo científico é a única concepção que não faz do êxito da ciência um milagre. Ou seja, há boas razões para acreditar na existência de tais inobserváveis (campo eletromagnético, gene, elétrons). Uma vez posto este ponto, somos então conduzidos a

b) *Estabilidade Referencial*, ou seja, ainda que minhas concepções sobre um determinado objeto ou aspecto do Real se modifiquem com o passar dos anos, continuamos a nos referir a este mesmo objeto. O referencial permanece estável, enquanto que as concepções conceituais que se fazem sobre ele podem eventualmente se modificar (modificações teóricas). Não é o sentido que determina a referência, pois a referência é estável. Se, por outro lado, a referência fosse determinada pelo sentido, no momento em que o sentido se modificasse, a referência também sofreria mudança e isto é contrário a uma visão realista. Portanto, a referência é estável, e ela faz parte do significado (*meaning*). Para exemplificar este ponto, Putnam emprega o chamado *argumento da Terra gêmea*. Supondo que existisse um planeta em tudo semelhante à Terra, composto também de espécies naturais, e fosse ali verificado que existisse uma substância em tudo semelhante à água, incluindo muitas de suas propriedades e dinâmica (cai como chuva, evapora, transforma-se em gelo, é ingerida como bebida), mas fosse identificado que a sua composição química é, por exemplo, XYZ e não H₂O, então esta substância não seria água. O que determina o significado (*meaning*), nesta visão realista metafísica, é a extensão da referência e a referência faz parte de seu significado. Portanto, apesar de manifestar diversas propriedades semelhantes à água, esta substância cuja fórmula é XYZ não é água e sim outra coisa.

Tal perspectiva é realista porque afirma a existência independente do mundo (objetivo) e ainda que o humano tenha interferido em seu funcionamento e construído muitos artefatos voltados exclusivamente para sua sociedade (semáforos, peças de xadrez etc), a existência do mundo e de seu “mecanismo intrínseco” não dependem do humano para existirem¹⁴. Mas é *metafísica* porque tal afirmação envolve um *salto no escuro*. Atribui à noção de verdade uma correspondência direta entre o termo e o referido, visando falar das *coisas em si mesmas*. Disso decorre que, nesta perspectiva, existiria uma única descrição correta e verdadeira do mundo. A partir de 1976, o próprio Putnam critica esta concepção, passando então para uma elaboração conhecida como *Realismo Interno* (Putnam-2).

Antes de passarmos para a caracterização de Putnam-2, um exemplo histórico ilustra bem o que temos debatido até aqui. O debate que ocorreu entre dois físicos, o alemão Max Planck e o austríaco Ernest Mach evidenciam que estas questões estão presentes nas ciências naturais. Defendendo uma postura realista, Planck afirma (Blackmore, 1992):

A representação de mundo [Weltbild] física é meramente uma criação mais ou menos arbitrária de nosso intelecto, ou devemos adotar a concepção contrária de que ela reflete processos naturais reais que existem em completa independência de nós? De maneira mais concreta: Podemos manter, de maneira razoável, que o princípio de conservação de energia ainda teria validade na natureza, mesmo que não houvesse nenhuma pessoa para pensar sobre ele? Ou que os corpos celestes ainda se moveriam de acordo com a lei da gravitação, se a Terra e seus habitantes caíssem em escombros? (...) Ao responder que sim a essas perguntas, levando em conta o que foi dito anteriormente, estou ciente de que esta resposta opõe-se a um movimento da filosofia natural, sob a liderança de Ernst Mach,

14 Este parágrafo de Piaget (1967/2001, p.359) expressa adequadamente esta ideia: “(...)o universo se constitui de um conjunto de objetos permanentes ligados por relações causais independentes do indivíduo e situados em um espaço e um tempo objetivos. Tal universo, em vez de depender da atividade própria, ao contrário, se impõe ao eu enquanto compreendendo o organismo como uma parte em um todo”

A réplica de Mach (Blackmore, 1992) foi contundente:

[...] Como o leitor deve ter notado, a concepção biológico-econômica do processo de conhecimento pode perfeitamente coexistir de maneira pacífica, e mesmo amigável, com a física atual. A única diferença que se manifestou até agora consiste na *crença na realidade dos átomos*. Aqui, Planck mal consegue encontrar termos suficientemente degradantes para tamanha heresia. [...] Após exortar o leitor, com caridade cristã, a respeitar seu oponente, Planck finalmente me estigmatiza, com as conhecidas palavras da Bíblia, como falso profeta. Vê-se que os físicos estão a caminho de formarem uma igreja; já estão usando as tradicionais armas da igreja. Deixe-me responder de maneira simples e direta: Se a crença na realidade dos átomos é tão importante para vocês, então abandono o modo físico de pensar (p. 23); [38] não quero mais ser um genuíno físico (p. 24); devolvo minha reputação científica (p. 25). Em suma, muito obrigado pela comunidade dos crentes, mas para mim a liberdade de pensamento é mais preciosa. [...]

A “crença na realidade dos átomos” é algo que um realista, como Planck, afirma professar, dado que esta suposição permite explicar e prever diversos efeitos empíricos observáveis. A postura de Ernest Mach, inclusive, serviu como inspiração filosófica para a constituição do Círculo de Viena, *Der Wiener Kreis*, (liderada por Moritz Schlick), cuja proposta repousava não apenas em uma posição livre da metafísica, mas sim em uma atitude *contra* a metafísica. Assim, consta no manifesto *The Scientific Conception of the World* (1929)¹⁵:

Around Schlick, there gathered in the course of time a circle whose members united various endeavours in the direction of a scientific conception of the world. This concentration produced a fruitful mutual inspiration. Not one of the members is a so-called 'pure' philosopher; all of them have done work in a special field of science. Moreover they come from different branches of science and originally from different philosophic attitudes. But over the years growing uniformity appeared; this too was a result of the specifically scientific attitude: "What can be said at all, can be said clearly" (Wittgenstein); if there are differences of opinion, it is in the end possible to agree, and therefore agreement is demanded. It became increasingly clearer that a position not only free from metaphysics, but opposed to metaphysics was the common goal of all.

15 Não há um autor específico para o Manifesto, senão ‘Círculo de Viena’. Neurath escreveu o texto, com edições de Hahn e Carnap. Os demais membros contribuíram com comentários. Foi de Neurath, também, a proposta do nome do grupo.

Nesta concepção, mesmo os átomos foram considerados como 'metafísicos'. Para o realista metafísico, a proposição de entidades teóricas inobserváveis não era um problema, desde que pudesse auxiliar na investigação dos efeitos observáveis. A formulação realista de Putnam-2 mantém a afirmação da existência objetiva do mundo de forma independente do ser humano (Tese 1, acima), contudo, abre mão da afirmação da existência de uma descrição única desta mesma realidade (abandona a Tese 2, acima).

A questão posta por Putnam-2 é: o realista metafísico afirma que existe uma descrição correta e verdadeira do mundo. Entretanto, se é possível afirmar uma descrição do mundo, é possível então afirmar-se mais de uma. Se a verdade for uma questão de correspondência entre os termos e o referido, como decidir qual destas descrições é a correta? A noção da verdade como correspondência é uma noção não-epistêmica. Para o realista metafísico, noções epistêmicas da verdade não seriam válidas porque dizem respeito mais ao humano do que ao mundo propriamente. Ou seja, numa situação ideal, mesmo que uma dada teoria alcance o grau máximo de condições epistêmicas possíveis (simplicidade, coerência, poder explicativo, poder preditivo, capacidade de solucionar problemas, grande precisão, clareza, elegância, abrangência, adequação metodológica etc), ainda assim ela poderia ser falsa, afirmaria o realista metafísico. Entretanto, para Putnam-2, isto não faz sentido. Não faria sentido afirmar que uma teoria com tais qualificações epistêmicas, em grau máximo, seja falsa (isto é, não corresponda à realidade). Portanto, Putnam-2 entende que a noção de Verdade deve conter critérios epistêmicos, ou seja, o foco é deslocado do mundo como entidade absoluta para o sujeito, embora o mundo continue existindo, objetivamente. Esta versão do realismo,

chamado de *realismo interno*, adota certa concepção de *relatividade conceitual* e pode ser entendida quando “uma descrição verdadeira a partir de uma perspectiva torna-se incompatível com uma descrição equivalente verdadeira a partir de outra perspectiva” (Plastino, 2000, p. 80). Um exemplo é a resposta à pergunta ‘quantas unidades existem em determinado conjunto?’. Supondo que num conjunto existam a, b e c, a resposta seria três unidades. Mas se a concepção de unidade considerar que a soma de pelo menos dois particulares é também uma unidade, então a resposta seria 7 (a, b, c, a+b, a+c, a+c e a+b+c). Ainda que o mundo exista de forma independente, nossas afirmações sobre o mundo dependerão de um determinado esquema conceitual. Assim, só é possível se referir ao mundo a partir de um esquema conceitual, mas isso não quer dizer que o mundo exista *em decorrência* deste mesmo esquema conceitual, isto é, não são os esquemas conceituais que *criam* o mundo, pois o mundo existe de forma objetiva. Mas só é possível se referir ao mundo a partir de um determinado conjunto conceitual. Não existiria, pois, uma análise totalmente ‘neutra’. Neste aspecto, Plastino (2000, p.83) observa que

"Não há um tal exílio cósmico" (Quine, 1960, pág. 275), um lugar privilegiado, fora de todo e qualquer esquema conceitual, em que se possa realizar uma tarefa filosófica distinta de todas as demais. Não é possível ver e representar o mundo a partir de lugar nenhum. Mesmo para analisar, criticar e revisar um esquema conceitual é preciso algum esquema conceitual. Portanto, (...) o realista não tenciona negar a possibilidade de esquemas conceituais alternativos cuja escolha seja feita convencionalmente, visto que não se supõe um esquema conceitual absoluto, inevitável, "realmente verdadeiro". Com efeito, o mundo pode ser "recortado" ou "dividido" de diversas maneiras a partir de diferentes esquemas conceituais, de diferentes taxonomias categoriais. O que o realista nega é que a escolha deste ou daquele esquema conceitual corresponda a uma diferença real por parte da estrutura do mundo, ou dos processos causais entre as coisas do mundo.

O realismo interno abandona a tese de que existiria ‘uma única descrição completa e verdadeira do mundo’, mas prossegue afirmando que o

mundo existe de forma objetiva e independente de nossa cognição. O realismo metafísico afirma que, ao se estudar as coisas, estamos a estudar as coisas em si mesmas (correspondência direta entre termos e referido). Para o realismo internalista, não estamos a falar das coisas em si mesmas, mas sim das coisas tal como vistas a partir de determinados esquemas conceituais. Mas o mundo continua existindo, para além de nossos esquemas conceituais. Disso decorre que poderiam existir objetos ainda não identificados por nossos conceitos ou mesmo, objetos incognoscíveis. Mas a questão que se impõe é: se não temos acesso às coisas em si mesmas, como podemos *de fato* conhecer o mundo?

O modelo epistemológico de Karl Popper apresenta uma proposta, ainda que possa ser compreendido como um modelo também *realista*¹⁶, isto é, que afirma a existência objetiva do mundo. Sobre as dificuldades implicadas em atingir o *Real*, Popper propõe um critério: o falseamento, e entende a Ciência dentro de um modelo hierárquico de racionalidade, situando a ciência como um conhecimento real e genuíno e opondo-se às diversas manifestações de pseudociência.

Em *Conjecturas e Refutações* (1963/1980), abordando a questão dos critérios de demarcação entre ciência e pseudociência, observa que uma teoria capaz de explicar tudo é inadequada: “(...) a ciência frequentemente comete erros, ao passo que a pseudociência pode encontrar acidentalmente a verdade” (p.63). Por essa razão, entende que os sistemas de Marx, Freud e Adler poderiam ser consideradas pseudocientíficas, porque eram capazes de explicar e ‘dar sentido’ para qualquer observação/situação. Nestes sistemas, os

¹⁶ Embora não -relativista.

dados empíricos (e sociais) eram utilizados como dados de *verificação*, ou seja, parâmetros de confirmação do próprio sistema utilizado para suas análises. As “observações clínicas” tanto de Freud quanto de Adler forneciam sentido para todas as situações possíveis, ou seja, não existia caso onde a teoria não se aplicasse. Um mesmo caso era interpretado de uma forma por Freud e de outra por Adler, as duas corretas segundo critérios intra-teóricos. Popper se posiciona contra esta postura relativista. No caso de Einstein, era diferente. Sua hipótese gravitacional implicava em uma predição extremamente arriscada, que só poderia ser constatada mediante um eclipse solar. Existia uma chance de suas predições não ocorrerem, isto é, da hipótese ser refutada. A previsão de Einstein, contudo, fora confirmada por Eddington¹⁷. Neste sentido é que deve ser entendido um *teste* científico. Segundo Popper (1963/1980, p.66):

(...)Todo *teste* genuíno de uma teoria é uma tentativa de refutá-la. A possibilidade de testar uma teoria implica igual possibilidade de demonstrar que é falsa. Há, porém, diferentes graus na capacidade de se testar uma teoria: algumas são mais “testáveis”, mais expostas à refutação do que outras; correm, por assim dizer, maiores riscos. (...) Pode-se dizer, resumidamente, que o critério que define o *status* científico de uma teoria é sua capacidade de ser refutada ou testada.

Esta postura supõe a existência de um mundo real, objetivo, em relação a qual as hipóteses elaboradas são colocadas. Quem lança a palavra final é a realidade, oferecendo resistência interpretativa. Pode ocorrer, entretanto, que mesmo mediante uma refutação os proponentes da hipótese prossigam em sua afirmação, re-interpretando os dados e a própria refutação como pontos de confirmação da própria hipótese. Popper chama este movimento de *distorção*

17 Entretanto, uma observação que não negue a hipótese não implica em verdade da hipótese, mas em uma corroboração da mesma. Experimentos bem-sucedidos não ‘provam’ hipóteses, mas concedem a elas ‘graus de corroboração’.

convencionalista que, aliás, guarda semelhanças com a *dissonância cognitiva* de Leon Festinger. Porém, novas tentativas de falsificação podem ser efetuadas, dado que mesmo as falsificações não estão livres de críticas (Silveira, 1996).

Outra importante crítica efetuada por Popper (a partir de 1923) diz respeito ao *indutivismo* como procedimento seguro para a elaboração de proposições universais a partir de uma série de observações empíricas, particulares. Segundo a ideia corrente que existe, a ciência construiria seu corpo teórico partindo da observação e daí seguindo para a construção de sistemas conceituais. Popper questiona esta postura. Acerca do *problema da indução*, afirma (Popper, 1959/2013, p.27):

Ora, está longe de ser óbvio, de um ponto de vista lógico, haver justificativa no inferir enunciados universais de enunciados singulares, independentemente de quão numerosos sejam estes; com efeito, qualquer conclusão colhida desse modo sempre pode revelar-se falsa: independentemente de quantos casos de cisnes brancos possamos observar, isso não justifica a conclusão de que *todos* os cisnes são brancos.

Tal conclusão envolvendo os cisnes já se tornou popular, de tão repetida aqui e acolá. Para Popper, não existiria observação ‘pura’, de modo que toda observação já estaria imbuída de certa *expectativa teórica*. Hume já havia derrubado a *indução* como possibilidade lógica, mas teria admitido a mesma do ponto de vista psicológico, afirmando que a repetição conduziria à noção de indução, ainda que não se justificasse logicamente. A ideia de que o futuro vá repetir o passado, baseado em observações de repetição, é explicado por Popper como uma tentativa, do ser humano, de impor regularidades ao mundo. Tal imposição seria uma tentativa de encontrar regularidades através de termos

e leis inventadas e não baseadas nas similaridades observadas. Popper (1963/1980, p.76) afirma que

Tratava-se de uma teoria baseada em processo de tentativas – de *conjecturas e refutações*. Um processo que permitia compreender por que nossas tentativas de impor interpretações ao mundo vinham, logicamente, antes da observação de similaridades. Como havia razões lógicas para agir assim, pensei que esse procedimento poderia ser aplicado também ao campo científico; que as teorias científicas não eram uma composição de observações mas sim invenções – conjecturas apresentadas ousadamente, para serem eliminadas no caso de não se ajustarem às observações (as quais raramente eram acidentais, sendo coligidas, de modo geral, com o propósito definido de testar uma teoria procurando, se possível, refutá-la

Portanto, para Popper a ciência não avança da observação para as teorias. Hipóteses seriam invenções colocadas sob testes a fim de refutá-las. O critério de demarcação seria a refutabilidade ou a possibilidade de falseamento e não o amparo de um grande número de observações. As hipóteses e teorias científicas não partiriam do observado e sim de *conjecturas*. O ser humano teria uma necessidade “instintiva” de buscar e encontrar regularidades no mundo e na natureza. A partir deste entendimento, identifica duas posturas possíveis: o pensamento dogmático e a atitude crítica.

Na postura dogmática, caracterizada como uma “fidelidade às primeiras impressões” (Popper, 1963/1980, p. 79), a crença é vigorosa. A imposição de padrões e regularidades não encontra barreiras e as conjecturas aplicadas à realidade não sofrem modificação. A atitude dogmática “está claramente relacionada com a tendência para *verificar* nossas leis e esquemas, buscando aplicá-los e confirmá-los sempre, a ponto de afastar as refutações” (p.80). Na postura crítica, há a disponibilidade para “alterar padrões, admitir dúvidas e

exigir testes, modificar, corrigir ou até mesmo abandonar conjecturas”. Neste último caso, a crença é mais branda. “O que sugere”, afirma, “a identificação da atitude crítica com a atitude científica e a atitude dogmática com a que descrevi qualificando-a de pseudocientífica” (p.80).

Popper não situa estas duas posturas, rigidamente, uma contra a outra. Entende-as como fazendo parte de um movimento único, onde a atitude dogmática prepara o terreno para o surgimento da atitude crítica. Para Popper, o advento da ciência ocorre com o questionamento dos mitos, das técnicas, dos ritos e práticas mágicas (e não através de um conjunto de observações empíricas). Assim, a ‘pseudociência’ pode ser entendida como *pré-científica*.

Acho também que geneticamente a atitude pseudocientífica é mais primitiva do que a científica, e anterior a ela: é uma atitude *pré-científica*. Esse caráter primitivo e essa precedência tem também seu aspecto lógico. Com efeito, a atitude crítica não se opõe propriamente à atitude dogmática; sobrepõe-se a ela: a crítica deve dirigir-se contras as crenças prevalecentes, que exercem grande influência e que necessitam uma revisão crítica – em outras palavras, ela se dirige contra as crenças dogmáticas. A atitude crítica requer – como “matéria prima”, por assim dizer – teorias ou crenças aceitas mais ou menos dogmaticamente (Popper, 1963/1980, p. 80)

A posição de Popper, portanto, não se alinha à do positivismo lógico dos componentes do Círculo de Viena. Para estes últimos, *toda* a metafísica deveria ser eliminada através da identificação de pseudoproblemas, sobretudo através de uma análise da linguagem que, uma vez livre da metafísica, concederia espaço para uma linguagem científica universal (e portanto, unificada). Mas para Popper a metafísica poderia ter o seu papel no quebra-cabeças:

A testabilidade, como critério, serve só para teorias científicas. Porém, uma teoria metafísica pode vir a tornar-se uma teoria científica, isto é, uma teoria testável. Os exemplos de Popper são o atomismo de Leucipo e Demócrito e o mecanicismo de Descartes. Assim, a função da metafísica é (a) indicar a direção da busca de

uma teoria científica; (b) indicar o tipo de explicação que satisfaz essa busca; (c) permitir uma apreciação crítica de uma teoria científica. Por fim, a metafísica estimula o progresso da ciência, incitando o debate racional de teorias (Sieczkowski, 2012, p.36).

Mas nem toda a metafísica seria equivalente a ‘pseudociência’, dado que existem elementos metafísicos na ciência, embora a maior parte deles tenha sido eliminado. Assim, o critério popperiano de demarcação separa ciência de pseudociência e não ciência de metafísica (como queriam os positivistas lógicos).

A Teoria Metafísica de Popper é expressa em sua Teoria dos Três Mundos (TTM). Nesta visão, Popper concede legitimidade ao mundo subjetivo, psicológico (Mundo 2, M2), que estaria em relação tanto com o mundo físico e objetivo (Mundo 1, M1) quanto com o mundo da Lógica e da Matemática (Mundo 3, M3, cuja inspiração seria o “terceiro reino” de Frege). O M3 e o M1 não poderiam estar em relação direta, senão indireta através de M2. O M3 seria ao mesmo tempo autônomo e dependente da existência humana. É *autônomo* no sentido de guardar verdades, “conceitos, proposições, argumentos e teorias da matemática” (Sieczkowski, 2012, p. 42) que são independentes do sujeito, mas que no processo racional, são *descobertos* por estes (e não inventados). Segundo Frege (*apud* Sieczkowski):

Assim, por exemplo, o pensamento que expressamos no teorema de Pitágoras é *intemporalmente verdadeiro, independentemente do fato de que alguém o considere verdadeiro ou não*. Ele não requer nenhum portador. Ele é verdadeiro não a partir do momento de sua descoberta, mas como um planeta que já se encontrava em interação com outros planetas antes mesmo de ter sido visto por alguém (Frege em *Investigações Lógicas*)

Mas o M3 depende da existência humana porque as suas aplicações no M1 dependem de uma linguagem formulada em M2. Neste sentido, depende

do ser humano para ser manifesta, mas seus habitantes (teorias, proposições, conceitos, argumentos) existem de maneira independente do ser humano. Isto não deixa de constituir uma espécie de realismo *metafísico*.

No caso específico da Psicologia Anomalística, cujos temas apontam para possíveis processos extrassensoriais, a formulação de uma noção de pré-ciência ou protociência é adequada:

There is no clear point at which a subject crosses the boundary from non-science to science, so it is sometimes useful to think in terms of protosciences. A protoscience might be defined as a field of a field of investigations in its early stages of development, which is on the borderline between science and pseudoscience. Whether or not it achieves acceptance as a true science will depend upon how it develops (Holt et al, 2012, p.79).

Entretanto, outros critérios são considerados, além da questão da falseabilidade. Reunindo diversos escritos que versaram sobre o tema, com o foco na Anomalística, os autores (Holt et al, 2012) levantaram os seguintes pontos relevantes, que particularizam a questão anômala:

1. Dois efeitos complicadores: o chamado 'efeito do pesquisador' e o efeito 'cabra-ovelha'. Em ambos os casos, os mesmos procedimentos experimentais podem conduzir a resultados diferentes sem que isto sinalize uma inconsistência empírica. Pois os pesquisadores, através de PSI, podem eventualmente interferir nos resultados da pesquisa e sujeitos que acreditam nas possibilidades paranormais tendem a acertar mais do que o esperado. Já aqueles que não acreditam nas possibilidades paranormais tendem, ao contrário, a *errar* acima do esperado (o que não deixa de constituir um efeito anômalo, também);
2. As publicações em parapsicologia demonstraram mais confirmações negativas do que positivas em seus experimentos, comparadas às

publicações científicas convencionais. Isto é, a ênfase na confirmação positiva não ocorreu em parapsicologia, sugerindo que segundo este critério, elas seriam de fato científicas;

3. As publicações experimentais em parapsicologia utilizam análises estatísticas (como as publicações de outros campos);
4. Cerca de 17% das publicações em assuntos fronteiriços abordam questões teóricas e novas hipóteses (o que pode apontar uma dificuldade teórica nesse campo);
5. Há muita utilização de relatos e casos verbais para a composição de reflexão em assuntos fronteiriços, apesar de 43% das publicações se ocuparem de questões empíricas;
6. Parece existir uma tentativa interdisciplinar, pois no campo das publicações parapsicológicas e anômalas, há diálogo com a psicologia, psiquiatria e neurociência;
7. Há, por vezes, na parapsicologia e neste campo de assunto, uma utilização de nomenclatura vaga (energias, vibrações, campos etc) tentando realizar uma ancoragem na ciência, ainda que este tipo de linguagem seja mais utilizada no campo das representações sociais a respeito (curadores, pessoas ligadas ao movimento New Age etc);

Estes pontos lidam com as nuances relevadas pela pesquisa parapsicológica e que caracterizam o seu campo de estudos. Há também a consideração da possibilidade de fraude, fato já ocorrido e constatado na história da pesquisa psíquica. Constatou-se, por exemplo, que o matemático britânico S. G. Soal, na década de 1943) forjou os resultados de seu

experimento de modo a demonstrar efeitos positivos em testes de telepatia. Soal estava replicando experimentos feitos por Rhine e, supostamente, teria conseguido superar alguns entraves encontrados pelo pesquisador norte-americano. Outro caso ocorreu dentro dos laboratórios do próprio Rhine, em 1970. Walter Levy, então diretor do Laboratório de Rhine, foi pego fraudando resultados em testes de precognição em ratos. Foi despedido logo em seguida. Testes envolvendo sujeitos humanos, supostamente 'paranormais', também envolveram episódios de fraude, inclusive em casos onde os investigados eram crianças. Tal situação torna complexo o quadro de variáveis envolvidas. Ainda que, teoricamente, estes elementos estejam presentes no demais campos investigativos ortodoxos, no caso da pesquisa psíquica eles ficam evidenciados, dada a natureza de suas hipóteses.

Considerando a exposição acima, verificamos que a tese da existência de um mundo objetivo independente do sujeito é relevante à pesquisa psíquica na medida em que esta se ocupa de uma investigação ontológica. Entretanto, mesmo neste caso, o papel da subjetividade humana está presente pois fatores psicológicos tais como motivação e crenças interferem em seus resultados. Afinal, estamos nos referindo às supostas capacidades humanas extrassensoriais e extramotoras (em seus casos clássicos). A questão da sobrevivência [após a morte] é mais complexa. A existência de uma entidade espiritual 'pura' situada como causa de efeitos observáveis ('assombrações') confunde-se com a própria PSI ('poltergeists'). Enquanto for possível a redução do 'espírito desencarnado' a 'agentes parapsicológicos humanos' como hipótese de causação, não há porque alegar a primeira. Contudo, mesmo as 'hipóteses parapsicológicas' são controversas. Em ambos os casos, ainda que

não esgote a dificuldade destes estudos, o critério de falseamento parece constituir um ponto importante para se distinguir entre afirmações científicas e relatos mitológicos, fantasiosos. As primeiras podem ser submetidas a testes e refutadas. Mas mesmo os resultados positivos não constituem confirmação da hipótese e isto é válido para todos os campos científicos, ressoando de forma particularmente intensa nos campos parapsíquicos. O diálogo entre a ciência convencional, a ciência do estudo 'parapsíquico' ou anômalo e as suas possibilidades teóricas está longe de terminar.

Parte II - Psicologia Social

Capítulo III - Representações Sociais e Psicologia Anomalística

Ouve-se muitas vezes falar que a boa ciência deveria começar propondo conceitos definidos clara e meticulosamente. Na verdade, nenhuma ciência, mesmo a mais exata, procede dessa maneira. Ela começa juntando, ordenando e diferenciando fenômenos que surpreendem a todos, porque são perturbadores e exóticos, ou constituem um escândalo (MOSCOVICI, p. 2009, p.167).

Representações Sociais

Na citação acima, aplicada ao contexto da Educação (Prado et al, 2011), Moscovici parece entrar em conflito com a posição popperiana exposta anteriormente. É possível. E também compreensível dado que o psicólogo social romeno falecido recentemente (2014) tinha o seu foco na Psicologia como uma espécie de Sociologia Condensada. Afirma (Moscovici, 2003, p.105): "É como se a nossa psicologia contivesse a nossa sociologia de uma forma condensada. E uma das tarefas mais urgentes da psicologia social é descobrir uma dentro da outra e compreender esse processo de condensação".

Neste movimento de condensação, a Psicologia Social é compreendida como a ciência do conflito entre o indivíduo e a sociedade. A “sociedade de fora” (*dehors*) habitaria a “sociedade de dentro” (*dedans*) e seus elementos seriam “*celle de ses personnages imaginaires ou réels, des héros qu’il admire, des amis et ennemis, frères et parents avec lesquels Il nourrit un dialogue intérieur permanent*” (Moscovici, 1984, p.5). Na contramão de Popper, para Moscovici a Psicanálise poderia ser elaborada como uma ‘ciência do social’ a partir do momento em que se deteria na análise do fenômeno de massa, na linha de Le Bon, McDougall etc em Psicologia de Grupo e Análise do Ego. Abordar e tentar responder a estas questões internas entre o indivíduo e o grupo seria uma tarefa da Psicologia Social.

Entretanto, definir os limites de uma tal ciência é algo complicado. Tais limites frequentemente comportam algo de artificial. Moscovici afirma que não existe limite preciso entre a Psicologia Social e outros domínios dentro da própria Psicologia, como a psicologia da criança e a psicologia clínica. Mesmo, entre a Psicologia Social e a Antropologia. Tais disciplinas, além de possuírem conceitos comuns (tais como representação e aprendizagem), partilhariam de um profundo interesse nas interações humanas e nos grupos humanos.

Então, o que difere a Psicologia Social destes outros domínios de investigação? Moscovici afirma que seria mais uma diferença de postura do que de território investigado. Existiria, portanto, um olhar psicossocial (*Le regard psychosocial*) próprio a este campo de investigação.

Segundo uma herança clássica da filosofia, a relação entre o indivíduo e o ambiente foi posta sob um ângulo binário: de um lado, o sujeito, o ego e do

outro, o objeto, o ambiente. De um lado, o estímulo e seguindo a este, a resposta.

O olhar psicossocial, contudo, seria caracterizado por uma estrutura *trinária*: entre o sujeito individual e o objeto, figuraria o sujeito social (ou grupo).

Afirma Moscivici (1984, p. 9):

Et pourtant, Le regard psychosocial exist. Il se traduit par une lecture *ternaire* des faits et des relations. Sa particularité est de substituer à la relation à deux termes du sujet et de l'objet, héritée de la philosophie classique, une relation à trois termes: Sujet individuel – Sujet social – Objet (...). Ce qui présuppose une médiation constante, une "tiercéité" selon le mot du philosophe américain Peirce.

Este 'agente intermediário' seria, pois, o ponto de aglutinação ou condensação entre a psicologia individual e a sociologia coletiva. Isto é, o objeto social aparece como termo mediador entre o sujeito e o objeto. Este elemento intermediário, inclusive, estaria presente mesmo em uma condição na qual o provisório isolamento social do indivíduo ocorresse. Assim, A psicologia social deve estudar a subjetividade. Por exemplo, em alguns testes clássicos em psicologia, que verificam fatores como inteligência e aprendizado, o fato de isolar o indivíduo numa sala de testes não faz com que ele fique apartado ou isolado da sociedade.

Quoi que l'on fasse et quelles que soient les précautions que l'on prenne, La société est là. Elle penetre dans les pièces de laboratoire les plus isolées et agit sur les appareils les plus sophistiqués. Malgré tous leurs efforts, les psychologies n'ont pas réussi à inventer une cage de Faraday pour le champ social (Moscovici, 1984, p. 12).

Figurando como importante elemento neste composto 'híbrido' de psicologia e sociologia, estão as Representações Sociais (RS). Este elo

‘intermediário’ proporcionado pelo ‘agente social’, entretanto, não possui apenas o caráter de representar atualmente aquilo que foi anteriormente percebido, como uma espécie de prolongamento imagético-sensorial. O caráter importante das RS é que elas tornariam percepção e conceito intercambiáveis. Seriam responsáveis, antes, mais pela construção do mundo percebido do que por sua simulação. Seriam portadoras de informações destinadas a situar o não-familiar no familiar, a reconhecer o conhecido no desconhecido. Tais procedimentos permitiriam a comunicação dentro de um grupo específico, reduzindo as tensões e permitindo uma troca de informações. Este caráter ativo das RS, contudo, não fazem delas um elemento estático, fixo, eterno. Possuem também um caráter autoatualizador. Mas sua principal função seria tornar familiar o não-familiar.

O conceito da RS surge na obra de 1961, *Psychanalyse, son image et son public*, na qual Moscovici tenta compreender a assimilação da Psicanálise pela população geral, na França. Mas é somente na segunda edição, em 1976, que a questão da *familiaridade* torna-se evidente. Observa Jesuino (2011, p. 40): “Em 1976, Moscovici coloca em primeiro plano uma observação que irá servir de imagem de marca da teoria das representações sociais – *tornar o não familiar, familiar*. Será esse o problema central da representação”. Neste processo, dois movimentos são importantes: a ancoragem e a subjetivação.

Em poucas palavras, pode-se dizer que as representações sociais são um processo psicossocial que, por via da conversação, torna familiar o estranho e concreto o abstrato. Esse processo consiste de duas operações complementares, denominadas ancoragem e objetivação. Na ancoragem, novos conteúdos são em parte assimilados aos já conhecidos, de modo a tornarem-se “domesticados”, sem, com isso, reproduzir o mesmo. Na objetivação, conteúdos abstratos, como sistemas, ideologias, filosofias, (teologias!), convertem-se em algo concreto, sensível, material, sob forma de ícones, imagens, posições corporais. (Paiva, 2013, p.357).

Assim, a *ancoragem* diz respeito a um movimento de assimilação, por parte do ‘agente social intermediário’, do conteúdo novo, estranho, não-familiar em esquemas e redes já conhecidas. “Para reduzir conjuntamente a tensão e o desequilíbrio, é preciso que o conteúdo estranho se desloque para o interior de um conteúdo corrente e que o que está fora de nosso universo penetre no interior do nosso universo” (Moscovici, 1978, p.60). Processos como nomeação e classificação são utilizados aqui. Na *objetivação*, estes conteúdos tornam-se visíveis, observáveis, concretizados. Isto permite uma comunhão e troca de informações dentro de um grupo específico, construindo um entendimento comum. Ancoragem a objetivação são, pois, processos complementares da dinâmica de formação e manutenção das RS.

Este eixo fundamental fornece um campo e uma metodologia de análise. Importa registrar que as RS dizem respeito a um tipo de conhecimento relativo ao senso comum e segundo Paiva (2013, p. 357), o sistema de Moscovici “se aproxima da *folk psychology*, ou psicologia do dia a dia, de Heider (1970)”. Em linhas gerais, estas são suas principais características. Em trabalho anterior (Shimabucuro, 2010, p.172 - 189), fornecemos uma descrição mais detalhada desta sistemática, que não cumpre repetir aqui. Importa que proporciona uma ‘ferramenta’ muito útil para o tipo de análise que focamos, pois o ato de ‘assimilar o desconhecido no conhecido; o não-familiar no familiar’ em contexto social vem ao encontro do caráter das alegações anômalas frente ao *mainstream* científico. Rigorosamente falando, as RS apontam para aportes do senso comum, mas tal situação aplicou-se para a consideração do *objeto anômalo* junto à comunidade científica, como pudemos constatar

anteriormente, pois partimos do posicionamento geral das alegações anômalas junto à Academia. Como pudemos constatar em seu histórico, é um campo controverso, desde a sua origem a questão da demarcação científica fez-se presente. Assim, como os cientistas encaram estas questões? Foi o que investigamos em pesquisa anterior, da qual esta é uma extensão.

Representações Sociais de Alegações Anômalas

Em pesquisa anterior (Shimabucuro, 2010), verificamos quais eram as opiniões de diferentes profissionais da Psicologia e Psiquiatria em relação a determinadas alegações anômalas. Num total de 38 participantes, apresentamos a seguinte questão:

'Como o Sr. ou Sra. vê certas manifestações consideradas espirituais por uns e consideradas distúrbios psicológicos por outros, tais como experiências de 'sair fora do corpo', experiências de quase morte, antecipações do futuro, textos assim chamados 'psicografados' que envolvem conhecimentos que o assim chamado 'médium' não possui?

As respostas foram distribuídas, numericamente, em: 7 profissionais ligados à Análise do Comportamento, 10 ligados à Psicologia Analítica (Teoria de Carl Gustav Jung), 12 Psicanalistas (Psicanálise de Freud), 2 ligados à corrente Transpessoal em Psicologia e 7 Psiquiatras. Baseado no sistema de Moscovici, verificamos que não houve RS das citadas alegações anômalas na narrativa desses profissionais, com exceção daqueles ligados à Psicologia Transpessoal. Para existir RS, é necessário que exista uma ancoragem e uma objetivação dos conteúdos dentro (neste caso) da linguagem conceitual corrente utilizada pelos membros deste grupo (grupo de cientistas e acadêmicos, ou docentes-pesquisadores). Constatamos que, ao invés disso, a maioria realizou sistemática operação de *ancoragem*, numa tentativa de

assimilar o desconhecido em termos e conceitos já conhecidos. Mas a ancoragem é apenas metade do processo, pois como elemento isolado, ela não possibilita uma comunicação, conversação e troca de informações dentro do grupo específico, isto é, sem a *objetivação* que “plasma” os conceitos em ambientação “concreta”, não há RS. As tentativas de ancoragem identificadas repousaram sobre o arcabouço de conceitos relativos a cada área, como segue a seguir.

1. Analistas do Comportamento: observação do comportamento, variáveis ambientais e subjetivas (não observáveis), respostas que são reforçadas ou punidas pela comunidade verbal.
2. Psicólogos Junguianos: complexo autônomo, arquétipos e inconsciente coletivo, sincronicidade
3. Psicanalistas: frustrações, angústia, mecanismos de defesa, identificações projetivas, proteção contra o sofrimento, sonhos, atemporalidade do inconsciente, sugestão, efeito placebo, intuição, complexidade da mente humana.
4. Psiquiatras: sintomas, sintomas psicóticos, alucinações visuais e auditivas, medicação cerebral, fenômenos dissociativos, histeria, patologia.

No caso dos psicólogos transpessoais, houve RS, pois foi sinalizada a existência de um ‘campo comum de representação’, onde as alegações anômalas abordadas estavam não apenas assimiladas, mas objetivadas de

modo a possibilitarem uma conversação e uma troca de informações a respeito.

É claro que nem todas as respostas seguiram este padrão. Alguns respondentes, até mesmo dentre os psiquiatras, apontaram que podem existir dimensões ainda não investigadas pela ciência, no ser humano. Mas mesmo nestes casos, não havia RS destas alegações.

A questão única abordou a hipótese da sobrevivência ('experiência de quase-morte' e 'psicografia'), a precognição e as experiência fora do corpo. Não versou sobre telepatia ou clarividência. Este é um ponto para ser observado, pois a hipótese da sobrevivência, muito mais do que as questões relacionadas à ESP (percepção extrassensorial), é complexa para a própria pesquisa psíquica. Tomemos como exemplo o caso típico da psicografia. Pela definição desta prática, sobretudo no molde espírita, a psicografia consiste na transmissão escrita da mensagem de uma pessoa já falecida para outras pessoas ainda vivas (provavelmente, parentes), através da ação do médium que atuaria como um elo entre 'os dois mundos'. Mas a psicografia pode também revelar mensagens de 'espíritos superiores' (por exemplo Ramatis, Joanna de Ângelis, Irmão X), com alto teor moral e edificante, a fim de guiar os espíritos encarnados para um entendimento superior em relação à vida material mas também espiritual. Em ambos os casos, a hipótese da sobrevivência não é necessária caso seja possível verificar a existência de telepatia no primeiro caso e dissociação mental no segundo.

Mas verificar a possibilidade de telepatia, onde o médium 'captaria' estas informações das mentes inconscientes dos próprios familiares do falecido já seria algo importante. Mas ao abordar diretamente a hipótese da sobrevivência,

a questão da telepatia permaneceu oculta para os respondentes, dado que, como foi verificado, não existiu RS do objeto anômalo no levantamento realizado. A possibilidade de aventar a telepatia no lugar da sobrevivência supõe, ao menos, RS anômala. E mesmo no caso dos transpessoais, situação semelhante mas oposta ocorreu. Por se dedicar explicitamente ao trato de fenômenos ‘transcendentais’, situados ‘para além do ego’, essas questões, inclusive a sobrevivência, são aceitas. Assim, passa-se diretamente da psicografia para a “comprovação” ou da sobrevivência do espírito após a morte ou da existência de planos espirituais extrafísicos. Novamente, a telepatia não aparece como possibilidade de causação.

Apesar da diversidade conceitual na ancoragem, foram encontradas convergências entre respondentes de todos os grupos abordados:

1. Foco na importância fenomenológica (pessoal, subjetiva) dessas alegações mais do que importância ontológica (existe mesmo vida após a morte?). Isto é compreensível, dado que a maioria dos entrevistados era (é) psicólogo(a). Como tais, de fato a importância objetiva fica em segundo plano, pois o trabalho terapêutico com os conteúdos trazidos pelos clientes/pacientes/pessoas são mais importantes;
2. O conhecimento de que se dispõe atualmente não contempla a totalidade daquilo que existe para ser conhecido. Ou seja, o conhecível é muito mais amplo do que o conhecido.

Ainda que as tentativas de ancoragem tenham sido realizadas, estas não foram suficientes para abarcar em universo conhecido os conteúdos e sugestões suscitadas pelas alegações anômalas abordadas. Assim, uma porção desconhecida surgiu. Do ponto de vista teórico, isto pode ser compreendido conceitualmente porque os dados sistemas conceituais (com exceção da transpessoal e de Jung) não possuem em seu corpo de estudos aportes em alegações semelhantes. Mesmo os sonhos, da parte dos psicanalistas, são trabalhados através dos mecanismos inconscientes que, apesar de gozarem de liberdade espaço-temporal, podem ser 'humanamente' compreendidos (apesar da resistência que o conceito de 'inconsciente' encontrou à época de Freud).

O espaço amostral abordado, contudo, implica no problema da representatividade. Pela teoria da RS, um membro de um determinado grupo é representante de seus conteúdos e formatações de sentido e informação. Neste aspecto, o todo está contido em cada uma de suas partes (integrantes). Mas por se tratar de unidades experimentais acadêmicas, há a questão da totalidade teórica, que neste caso implica no grau de conhecimento em relação à sua escola de pertencimento.

É registro histórico que Freud se interessou pela questão da telepatia e hipnose, apesar de ter abandonado a segunda enquanto método clínico. Jung claramente possui uma abertura para questões transcendentais e dedicou um capítulo póstumo a este tema (contido em 'Memória, Sonhos, Reflexões'). A Tese de Doutorado de Jung estudou um suposto caso de mediunidade em uma prima. Tais pontos não estão assimilados em suas respectivas teorias, mas foram questões que interessaram aos seus criadores. No caso dos

psicanalistas, isto não foi mencionado. E mesmo os junguianos não deram tanta ênfase a estes pontos. Assim, concluímos que as unidades experimentais acadêmicas abordadas podem e não podem ser tomadas como exemplos representativos de todo o grupo a que pertencem (ou pertenciam). Ainda que seja um tanto embaraçoso citar a si próprio, esta foi a conclusão a que chegamos, quanto a este ponto, em estudo precedente:

E, ainda que afirmássemos que eventualmente, esses profissionais possam não conhecer o *todo* de seus respectivos campos teóricos, podemos certamente afirmar que aquilo que eles nos disseram *faz parte* do arcabouço conceitual de suas respectivas teorias e, portanto, é uma tentativa clara de *ancoragem* no continente teórico em questão. Como estudo exploratório, este poderia indicar uma tendência, ou ainda apontar para evidências e então não afirmamos aqui que estes resultados são absolutos. Entretanto, são resultados que podem conduzir a diversas reflexões, como as que estamos aqui colocando (Shimabucuro, 2010, p. 224)

Em grande parte, tais reflexões conduziram ao estudo que apresentamos neste atual trabalho e que, em linhas gerais, simplesmente amplia a prolonga a investigação que já fizemos no Mestrado, mas desta vez aplicada a outros grupos acadêmicos além do(a)s Psicólogos(as).

Parte III – A Pesquisa

Capítulo IV – Objetivos, Instrumentos, Metodologia e Amostra

“Não acredito que a mente humana seja capaz de errar cem por cento. Assim, ao invés de questionar qual abordagem está certa e qual está errada, assumo que cada abordagem é verdadeira, mas parcial e, então, tento visualizar como encaixar estas verdades parciais, como integrá-las – não escolher uma e livrar-me das outras.”
(Ken Wilber, Psicologia Integral)

O objetivo geral deste trabalho foi o de investigar o objeto anômalo no cenário da ciência moderna. Os objetivos específicos incluíram:

- (a) Investigação de crenças e experiências anômalas em cientistas (docentes-pesquisadores) universitários e;
- (b) Investigação de aspectos ontológicos das alegações anômalas junto a estes profissionais

A meta foi a de abordar pelo menos 30 Professores universitários provenientes das seguintes áreas acadêmicas: Física, Biologia, Psicologia e Filosofia, totalizando 120 colaboradores espontâneos. Inicialmente, optamos em selecionar aleatoriamente as unidades experimentais apenas na Universidade de São Paulo (e em seus respectivos Institutos e Departamentos). Entretanto, não alcançamos a meta mínima de respondentes neste espaço amostral, de modo que acabamos abrindo a pesquisa para outras Unidades de Ensino Superior.

O procedimento experimental envolveu dois momentos. Primeiro, um levantamento quantitativo através da aplicação virtual¹⁸ de dois questionários aos Docentes: o Q-PRP (Questionário de Prevalência e Relevância de PSI) e o QCP (Questionário de Crenças Paranormais). Ambos serão descritos a seguir. O segundo momento envolveu aprofundamento qualitativo, através de perguntas direcionadas segundo as respostas fornecidas nos questionários. A maioria da coleta do material qualitativo se deu através de mensagens virtuais (*e-mail*), pois nem todos os respondentes eram de São Paulo. Ao todo, 209

¹⁸ Formulário virtual do *google docs*

questionários foram aplicados, sendo 38 de Crenças Paranormais (QCP) e 171 de Experiências PSI (Q-PRP). As respostas qualitativas somaram 30.

Optamos por focar a aplicação no questionário sobre experiências PSI porque as questões contidas neste instrumento possibilitam melhor abordagem para os pontos ontológicos que quiséramos abordar na segunda parte do procedimento experimental. Além disso, o questionário sobre crenças paranormais misturou uma porção de categorias que, em nosso entendimento, não necessariamente se classificam como tais, impedindo assim uma delimitação adequada do tema (segundo os propósitos desta pesquisa). Mas só percebemos isto após o início das aplicações, de modo que centramos a coleta através do instrumento sobre experiências anômalas (Q-PRP). As respostas qualitativas derivaram também das aplicações do Q-PRP. Seguiremos agora descrevendo os dois instrumentos escolhidos e logo em seguida, justificaremos as razões pelas quais optamos em investigar as áreas específicas da Física, Biologia, Psicologia e Filosofia.

Instrumentos

Questionário de Crenças Paranormais (QCP)

Este instrumento derivou do estudo de Mestrado de Vasconcelos (2001). Um de seus objetivos foi, justamente, construir o instrumento de crenças no paranormal (o QCP) e compará-lo com outros instrumentos de mensuração de características de personalidade. Através de três séries de aplicações, o instrumento foi aperfeiçoado e chegou à forma final, que utilizamos na atual pesquisa. As correlações efetuadas foram entre as crenças paranormais e sistemas de pensamento experiencial *versus* racional e fatores da

personalidade tais como “instabilidade emocional, intelecto/abertura, extroversão, cordialidade, conscienciosidade e necessidade por estrutura” (Vasconcelos, 2001, p. 14). A tarefa foi a de verificar se estas últimas “correspondem a diferentes graus de credulidade frente às mais diversas crenças no paranormal”.

Pessoalmente, tentamos entrar em contato tanto com a autora quanto com o seu Orientador. Chegamos a telefonar para a Universidade de Brasília, mas não permitiram que o *e-mail* do Orientador, Prof. Tróccoli, fosse repassado para nós, porque lá os Professores só podem ser encontrados ou pessoalmente ou por telefone. Passadas estas tentativas, desistimos de tentar este contato. Aplicamos o QCP em 38 unidades experimentais. Mas registramos aqui que não conseguimos entrar em contato com os seus criadores. De qualquer forma, o material utilizado está em domínio público, não foi comercializado nem alterado e todos os créditos e referências foram devidamente realizadas. Este laboratório é especializado na construção e validação de instrumentos e escalas.

No processo de criação do QCP, concorreram elementos relacionados a crenças supersticiosas. Inclusive, em momentos do texto, a autora utiliza o termo ‘crenças supersticiosas’ como sinônimo de ‘crenças paranormais’ (p. 13, 16). Chega a unificar estas duas categorias em uma só: crenças parareligiosas (p.18). Através de uma composição que envolveu instrumentos anteriores, a autora encontrou 8 dimensões do que chamou de crenças paranormais (Vasconcelos, 2001, p. 28): crença em fenômenos paranormais (levitar objetos sem tocá-lo, leitura de pensamento, frequentar cursos de desenvolvimento paranormal, afirmar que fenômenos paranormais podem ser comprovados pela

ciência); crença na pré-cognição (videntes, horóscopo, búzios etc); crenças em formas de vida alternativa (OVNIs, gnomos, duendes etc); crença em terapias alternativas (pirâmides, cristais, acupuntura, cirurgias espirituais); espiritualismo (reencarnação, falar com os mortos); crenças religiosas (falar com Deus, santos, anjos da guarda); feitiço e magia e superstições comuns (amuletos, azar/sorte etc). Estas dimensões derivaram nas questões do QCP e fora realizada uma primeira aplicação (estudo 1).

Tal “mistura de categorias”, contudo, foi uma questão contemplada pela autora. Após finalizar a primeira série, observou (Vasconcelos, 2001, p. 48):

Um dos problemas da versão preliminar do QCP é a mistura conceitual de itens em certas dimensões. No fator *Azar VS Sorte*, por exemplo, uma das subdimensões refere-se ao azar e à sorte, enquanto a outra subdimensão refere-se a extraterrestres. Além disso, há um excesso de itens em algumas dimensões (p.ex., *crenças no paranormal* com 21 itens) e um número reduzido de itens em outras dimensões (p.ex., *crenças em extraterrestres* com 3 itens). Portanto, fez-se necessário aprimorar o instrumento e esclarecer essas questões

A autora então elaborou uma segunda versão do QCP, onde reestruturou a quantidade de questões por dimensão e diferenciou as categorias. Adicionou outros itens também. Observa, após a segunda série de aplicações (estudo 2), que o fator “*crenças no paranormal* é o mais complexo e menos claro conceitualmente, abarcando, além da cientificidade do paranormal e do desenvolvimento das habilidades paranormais, os fenômenos extraterrestres (pertencentes à dimensão *sorte VS azar* na outra versão” (Vasconcelos, 2001, p.56). Entretanto, a dificuldade de caracterizar as crenças paranormais ocorre em outros instrumentos consultados pela autora, como em Grimmer & White. A mistura de itens na dimensão *crenças no paranormal* e o

número elevado de itens na dimensão *superstições* conduz então a autora a realizar uma última série de aplicações do QCP, visando à sua melhoria.

Tal relação entre crenças paranormais e superstição, contudo, não é fruto do mero acaso. Foi idealizada por pesquisadores anteriores, como Malinowski e Tobacy & Milford. Observa Vasconcelos (2001, p.61) que “(...) surge a definição das crenças no paranormal e das superstições em particular, como uma reação a eventos incontroláveis. As crenças paranormais funcionariam como crenças de controle pessoal, dando aos crédulos uma sensação de controle dos eventos incertos da vida e, até então, aparentemente incontroláveis”. A terceira série de aplicações do QCP (estudo 3), prosseguiu com a construção e melhorias no instrumento, e visou a comparação com dimensões da personalidade (inventário reduzido dos cinco fatores de personalidade) e a questão da necessidade de estrutura (escala brasileira de necessidade pessoal por estrutura).

Por fim, identificou 6 dimensões principais na última versão do QCP, totalizando 63 questões, e o considerou consistente com as demais escalas de mensuração de crenças consultadas. Os fatores encontrados foram, com suas respectivas questões¹⁹:

1. *crenças no paranormal* (desenvolvimento das habilidades e poderes paranormais, terapias alternativas e caráter científico do paranormal (21 questões): 52, 56, 55, 33, 02, 20, 21, 49, 62, 30, 60, 38, 51, 16, 57, 43, 01, 44, 58, 12, 10);

19 As questões 26, 41 e 59 não apareceram nas análises das tabelas feitas pela autora.

2. *superstições comuns* (atrair sorte ou afastar o azar, comportamentos que podem trazer consequências negativas (14 questões): 42, 40, 35, 54, 63, 25, 61, 05, 07, 37, 17, 48, 53, 22);
3. *religiosidade* (proteção espiritual, anjos, Deus e santos (11 questões): 34, 39, 46, 14, 11, 28, 06, 31, 24, 45, 04);
4. *crenças no demônio* (existência do demônio e forças do mal (6 questões): 19, 03, 23, 47, 08, 09);
5. *crenças em extraterrestres* (existências de discos voadores e extraterrestres (4 questões): 36, 18, 50, 27);
6. *azar vs sorte* (azar e sorte das pessoas (4 questões): 32, 29, 15, 13)

Com exceção do fator 6 (azar vs sorte), todos os fatores demonstraram alto índice de consistência interna segundo a composição de seus itens (Vasconcelos, 2001, p. 70). Curiosamente, a autora considera que a dimensão da *religiosidade* é fator de controvérsia e polêmicas e mantém em categorias distintas as crenças em Deus e no demônio, respectivamente.

Tal estruturação difere daquela considerada anteriormente, quando abordamos a questão das crenças paranormais clássicas e crenças paranormais religiosas, segundo Rice (2003, *apud* Zangari e Machado, 2011).

Outra observação que podemos tecer é que a autora não mencionou diretamente as pesquisas realizadas por Rhine, nem a categorização clássica de alegações paranormais em percepção extrassensorial (PES) e psicocinesia (PK), ainda que tenha citado autores como Irwin e Tobacyk (nomes importantes no estudo das crenças paranormais e que também abordaram as

superstições). E considerando a perspectiva atual, questões envolvendo OVNI's e extraterrestres seriam classificadas como *objetos anômalos*. A autora, contudo, não menciona o termo *psicologia anomalística*.

Em seu estudo, Vasconcelos (2001) elaborou o QCP, que seguiu a linha de inventários e questionários já desenvolvidos em seu grupo de Psicologia da UnB, sob orientação do Prof. Tróccoli. Mas seu instrumento leva o nome de 'Questionário de Crenças no Paranormal' e inclui em seus itens questões que abordam crenças religiosas e superstições. Para um respondente que não saiba de tal diferenciação, todas as questões serão classificadas como sendo relativas ao campo do 'paranormal' ou, ao contrário, questões paranormais serão classificadas como *superstições*. Ainda que ponto de vista conceitual é possível que ambos os conjuntos de crenças possuam fontes semelhantes, o histórico experimental da parapsicologia diferenciou o estudo clássico em PES e PK. Contudo, a descoberta da intervenção de fatores psicológicos na PES (curva descendente, cabra-ovelha etc) conduz a uma complexidade que justifica a relação entre superstição e crenças paranormais. Mas, classicamente, o paranormal está focado em PES e PK. Esta foi a principal razão pela qual adotamos uma ênfase, em nosso estudo, na aplicação do próximo instrumento, o Q-PRP.

Para o presente estudo, modificamos as questões relativas aos dados demográficos, unificando algumas de suas questões com questões também demográficas do Q-PRP, de modo a padronizar esta seção. Foram acrescentadas perguntas sobre a Unidade de Ensino e o Regime de Trabalho. No Anexo, constam os questionários originais.

Questionário de Prevalência e Relevância de PSI (Q-PRP)

Este instrumento surgiu da tese de doutoramento de Machado (2009) e foi elaborado e validado especificamente para aquela pesquisa. No estudo de Machado, foram também utilizados itens relativos à escala EBES (Escala de Bem-Estar Subjetivo, Albuquerque e Tróccoli, 2004), dado que a pesquisa de Machado visou relacionar experiências anômalas espontâneas da vida cotidiana com fatores vinculados à esfera psicológica, tais como crenças, atitudes e bem-estar subjetivo. Para a nossa pesquisa, contudo, utilizamos o Q-PRP sem as questões relativas à escala EBES.

O Q-PRP possui um total de 36 questões, sendo que a última (Q-36) refere-se à possibilidade do respondente participar ou não de outras pesquisas relacionadas ao tema. Dessas outras 35, 7 são relativas a dados demográficos. As questões 32, 33, 34 e 35 dizem respeito aos possíveis impactos das experiências PSI na vida dos respondentes e também aborda algumas opiniões pessoais dos sujeitos a respeito deste tema. Temos então 24 questões gerais que abordam o tema anômalo, sendo que estas estão subdivididas em pormenores que fornecem um quadro relativamente completo de experiências PSI, sobretudo ligadas à percepção extrassensorial e psicocinesia. As dimensões que o Q-PRP aborda dentro do assunto anômalo são:

1. crenças pessoais (8, 9, 10, 11, 12, 13, 17);
2. prática de técnicas mentais (14);
3. uso de drogas com consequente expansão da consciência (15);
4. busca profissional de religiosos ou alternativos (16 e 18);
5. percepção extrassensorial (19, 20, 21, 22 e 31);
6. experiência fora do corpo (23);

7. experiências extra-motoras (24, 25, 26, 27, 28, 29 e 30)

A redação das questões que envolviam alegações anômalas foi feita de maneira ‘descritiva’ e não a partir dos seus nomes conhecidos no campo. Assim, por exemplo, ao invés de dizer ‘telepatia’ ou ‘clarividência’, a questão 10 indaga: “10.) Você acredita que a mente tem capacidade de captar informações de outras mentes e/ou do ambiente sem a utilização da visão, da audição, do tato, do paladar ou do olfato? 1.Não 2.Tenho dúvida 3.Sim”. A autora optou por este procedimento “para evitar que concepções pessoais do significado de tais termos comprometessem o estudo e de modo que sua formulação não influenciasse nas respostas” (Machado, 2009, p. 112).

Com exceção dos itens relativos aos dados demográficos, as questões foram elaboradas e submetidas ao processo de validação semântica. A sua primeira elaboração foi feita de forma intra-grupal, junto com o grupo de estudos de pós-graduação do IPUSP e seu orientador, Prof. Esdras Vasconcellos. Após esta etapa, que envolveu heterocrítica dos pares científicos, foi concebido um meta-questionário de análise de conteúdo, direcionado a juízes externos que analisaram a clareza, compreensão, sintaxe e adequação das questões do Q-PRP. O diálogo com o grupo de pós-graduação prosseguiu nestas etapas. Após a aprovação tanto pelo grupo quanto pelo orientador, o Q-PRP e o meta-questionário de análise de conteúdo foram enviados para 15 juízes, acadêmicos, que tinham conhecimento de psicologia e/ou pesquisa PSI e também da língua inglesa. Este último fator foi necessário porque o Q-PRP foi baseado, em parte, em questionário anterior de

Palmer (1979), redigido em inglês. Após uma série de análises estatísticas, as questões que obtivessem concordância acima de 80% (por parte dos juízes) foram mantidas. Foram então assimiladas algumas sugestões e assim foi concebida a validação semântica deste questionário.

Foi realizado então um pré-teste com 29 sujeitos (19 universitários e 10 não-universitários), para calibração do instrumento (que já contou com questões da escala EBES). Tanto a aplicação quanto a explicação do procedimento de preenchimento se deram de forma verbal e presencial (ou seja, não foi por via virtual). Após mais alguns ajustes depois do pré-teste (por exemplo o acréscimo da alternativa “tenho dúvida” para questões de crenças onde constavam apenas ‘sim’ ou ‘não’. Questões 10, 11 e 12), a coleta final ocorreu. Foram utilizadas 306 respostas para os instrumentos.

Os grupos foram divididos entre experienciadores (EXPs) e não-experienciadores de psi (NEXPs). Os EXPs foram assim chamados porque, no Q-PRP apontaram ter vivenciado pelo menos 1 das alegações ali abordadas. Os NEXPs não acusaram nenhuma experiência anômala contida no instrumento.

Machado (2009) passa então para intensas e extensas análises estatísticas dos dados coletados. Sugerimos que os interessados consultem diretamente o texto. Numa visão geral, 82,7% foram classificados como EXPs. Além disso, também foram identificados impactos subjetivos nas crenças, valores e atitudes dos experienciadores. Entretanto, quanto ao bem-estar subjetivo (BES), EXPs pontuaram mais no fator ‘afetos negativos’, sugerindo que seu nível geral de BES é inferior aos NEXPs.

Para a presente pesquisa, algumas modificações em relação ao Q-PRP original foram feitas. Uma delas diz respeito à questão 8, que indaga “Qual é a sua crença/religião/posição religiosa ou não-religiosa?”. Nas opções, foi extraído o item “5. Calvinista”, por conta de uma sugestão feita em nossa Qualificação por um dos arguidores. Assim, a questão 8 originalmente com 21 itens ficou com 20.

Outra modificação ocorreu na seção dos dados demográficos. Considerando o foco universitário de nossa pesquisa, as questões 6 e 720 foram substituídas, num primeiro momento, pelas seguintes:

6) Qual é a unidade, na USP, onde o Sr.(a) exerce a sua atividade de docência e pesquisa?

☐ Instituto de Biociências

☐ Instituto de Física

☐ Instituto de Psicologia

☐ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Filosofia

6A) Qual é a sua linha de pesquisa específica?

6B) Qual é a função exercida pelo Sr.(a)?

☐ Professor Assistente

☐ Professor Doutor

☐ Professor Associado

☐ Professor Titular

20 Verificar a versão original do Q-PRP nos anexos

7) Qual o regime de trabalho adotado pelo Sr.(a)?

☐ RTP

☐ RTC

☐ RDIDP

E, de fato, são foram as questões utilizadas no QCP. Mas elas foram originalmente destinadas a contemplar Docentes da USP. Como nas aplicações do Q-PRP abrimos para outras instituições de ensino superior, a seguinte modificação foi feita (só no Q-PRP):

6.Qual é a Instituição e Departamento (ou Unidade) onde o Sr.(a) exerce a sua atividade de docência e pesquisa? (resposta aberta)

6A) Qual é a sua linha de pesquisa específica?

6B.Qual é a função exercida pelo Sr.(a)?

☐ Professor Assistente

☐ Professor Doutor

☐ Professor Associado

☐ Professor Titular

☐ Professor Substituto

☐ Professor Voluntário

☐ Professor Adjunto

☐ Professor Aposentado

☐ Outro

7) Qual o regime de trabalho adotado pelo Sr.(a)?

() RTP

() RTC

() RDIDP

Em 6B, alguns respondentes reportaram que suas condições profissionais não constavam na lista, de modo que foram acrescentadas outros itens, segundo a demanda.

Outro item que foi acrescentado a esta parte demográfica no Q-PRP é a questão 2ª. Isto foi feito porque no QCP há esta questão. Para padronização, foi então acrescentada também no Q-PRP:

2ª) Você é: ()filho(a) único(a); ()filho(a) mais novo(a); ()filho(a) mais velho(a); ()nem mais novo(a) nem mais velho(a).

Assim, houve alteração na seção demográfica de ambos os questionários, sendo que no QCP foram acrescentadas questões que só constavam no Q-PRP e neste, a questão acima foi acrescida, pelo mesmo motivo.

Foi acrescentada também, nos dois instrumentos, uma questão 0, para controle do pesquisador, mas cujos dados não constarão nos anexos.

“0.Por favor, insira aqui a sua identificação (nome ou pseudônimo) para controle do pesquisador:” (resposta livre)

E também, ao final dos questionários, uma questão aberta para comentário livre:

Agradecemos o seu tempo e disposição em colaborar conosco. Por favor, caso deseje, registre aqui seus comentários, impressões e opiniões sobre o questionário, o assunto abordado ou qualquer outro aspecto que achar necessário.

Os demais elementos, referentes ao essencial dos instrumentos, foram mantidos segundo a redação original.

Metodologia

Foram realizadas duas séries de aplicações, seguindo as sugestões da banca de qualificação. A meta foi registrar 60 aplicações do QCP e 60 do Q-PRP, distribuídas por grupo investigado (isto é, 15 de cada um para físicos, biólogos, psicólogos e filósofos, totalizando 120 aplicações). Iniciamos com o QCP, mas não atingimos a meta estipulada, pois apenas 38 foram recebidos. Mas devido a alguns comentários tecidos pelos respondentes e por nossas próprias impressões ao aplicar o QCP, focamos no Q-PRP e abrimos para outras Instituições de Ensino (além da USP). Nesta segunda série, conseguimos 171 respondentes, totalizando então 209 para análise quantitativa. Destes 209, 31 concordaram em participar da coleta qualitativa.

A análise quantitativa foi realizada, no QCP, comparando-se os índices de crenças paranormais (específicas) nos quatro grupos considerados (física, biologia, psicologia e filosofia). No Q-PRP, o mesmo, mas fornecendo ênfase às experiências de percepção extrassensorial (PES) e extra-motoras (PK).

Apesar da possibilidade de realizar outros tipos de análise, sobretudo demográficas, não focamos a investigação nestes aspectos, pois o nosso segundo interesse, isto é, a investigação ontológica, foi estabelecida em cima dos dados acadêmicos e não demográficos. Machado (2009), por exemplo, realizou ampla e profunda análise estatística de praticamente todas as possibilidades relacionais entre as variáveis envolvidas, sendo que seu propósito havia sido mesmo o da análise quantitativa. O mesmo se deu com Vasconcelos e o QCP (2001).

No caso da presente investigação, a aplicação do Q-PRP *antes* da realização da parte qualitativa auxiliou a “preparar o terreno” para as perguntas de ordem conceitual e ortodoxa.

Para a análise qualitativa e tomando como base nossa investigação relativa ao mestrado (2010), esperamos encontrar tentativas de *ancoragem* conceitual dos objetos anômalos nos corpos teóricos já assimilados pelos respectivos profissionais abordados. Mas aqui, há mais uma razão para considerar esta hipótese. A sistemática investigação dos objetos e alegações anômalas, atualmente, está mais concentrada na Psicologia, via psicologia anomalística. Até onde conseguimos considerar, não há laboratórios de parapsicologia na física, na biologia ou na filosofia. De qualquer modo, o sistema de Moscovici é útil para identificar estes pontos de tensão, se houverem, entre a ortodoxia científica e as consideradas alegações anômalas.

Anexamos todos os dados, em sua integralidade (com exceção dos nomes e dos e-mails dos Professores), num CD junto ao texto da Tese. Assim, eles estarão disponíveis para futuras análises, sendo que o que vamos extrair destes dados é um recorte dada a natureza de nossa investigação. De

qualquer forma, em ambos os casos (QCP e Q-PRP), trata-se de replicação experimental, mas com outros propósitos diferentes dos originais. Considerando a situação no presente momento, seria adequado que pudéssemos extrair destes dados (inclusive, dos qualitativos) um material útil para a construção de outra ordem de questionário, destinado exclusivamente a uma investigação ontológica. Faremos algumas considerações a este respeito, mais para frente.

Amostra

Justificativa

É curioso utilizar este termo, ‘amostra’, para se referir ao campo dos sujeitos humanos, pois ele faz muito mais sentido no caso das chamadas ciências naturais, como a biologia. Se estou interessado no estudo das propriedades biológicas de um determinado campo de ação, posso retirar uma amostra de água ou de rocha para avaliar determinadas condições específicas. Ou coletar material, guardá-lo num tubo e levá-lo para o laboratório a fim de analisá-lo. A partir disto, extrairei conclusões parciais a respeito tanto do material coletado quanto de seu ambiente de origem, já que um está em relação permanente com o outro e analisar o primeiro também implica na análise do segundo.

Eis que o sistema de Moscovici surge para justificar esta aplicação no campo de uma ciência humana, a psicologia. Aquela entidade ‘híbrida’ entre o social e o particular permite que retiremos considerações grupais a partir da análise de um de seus elementos constituintes. Se eu solicito a um físico que fale segundo sua disciplina de estudo, o ambiente social conceitual (no caso, a

Física), estará presente em sua fala. Este caso é o mais emblemático, mesmo porque numa disciplina exata, supostamente a subjetividade está fora de cena, então há mais possibilidade do físico encarnar, de fato, a Física.

Consideramos nesta investigação quatro grupos acadêmicos pertencentes às tradições mais clássicas do pensamento humano: a física, a biologia, a psicologia e a filosofia. Poderíamos justificar esta escolha alegando arbitrariedade e que, em situação distinta, faríamos escolhas diferentes. Mas não é o caso. Partimos da consideração da importância vital destas disciplinas para o estudo ontológico do objeto anômalo. Mesmo Rhine, com toda a sua rigidez metodológica que fazia jus a uma disciplina exata, já havia sinalizado a importância de variáveis psicológicas no intercurso da manifestação parapsicológica. Não há como negar que a psicologia é importante para este processo analítico. Seu nome está incluído no estudo da *parapsicologia*. Se seria possível uma parafísica ou uma parabiologia, é questão que transcende nossos propósitos, ainda que no caso da primeira, houve um certo esboço (ainda que hipotético) para tanto, aqui mesmo no Brasil, como veremos a seguir.

São disciplinas axiais e que, historicamente, derivaram umas das outras, sendo a Filosofia a primeira delas. Já havia uma teorização atômica com Leucipo e Demócrito e mesmo Aristóteles chegou a elaborar um esboço de taxonomia biológica, que se estendeu pelos anos seguintes, culminando em Lineu.

Ken Wilber, filósofo norte-americano, parte de uma elaboração conceitual de Arthur Koestler para conceber o que ele chamou de 'holarquia' (em contraposição à 'hierarquia'), uma estrutura progressiva de níveis

existenciais cujos principais marcadores são, justamente, a física, a biologia, a psicologia e a filosofia. Cada nível desta organização estaria assentada no grupo anterior, mas a ultrapassaria pela deflagração de novas capacidades não manifestadas nos níveis precedentes.

Retomando Koestler, Wilber afirma que os existentes no mundo podem ser chamados de 'hólons'. Assim, o mundo seria constituído não de objetos, mas de 'hólons'. Ou, dizendo de outra forma, todo objeto seria também um hólón. Este termo, hólón, significa simplesmente um 'todo/parte'. Isto implica em afirmar que todo objeto é ao mesmo tempo um todo em si mesmo e uma parte de uma estrutura que a transcende e a inclui. Assim, um hólón seria um todo/parte. Em seu volume *Sex, Ecology, Spirituality* (2000), Wilber define 20 princípios relativos aos hólons e os apresenta em sua obra:

This is a book about holons – about wholes that are parts of other wholes, indefinitely. Whole atoms are parts of molecules; whole molecules are parts of cells; whole cells are parts of organisms, and so on. Each *whole* is simultaneously a *part*, a whole/part, a holon. And reality is composed, not of things nor processes nor wholes nor parts, but of whole/parts, of holons. We will be looking at holons in the cosmos, in the bios, in the psyche, and in theos; and at the avolutionary thread that connects them all, unfolds them all, embraces them all, endlessly (p.4).

Ou, simplesmente: “Arthur Koestler coined the term *holon* to refer to that which, being a *whole* in one context, is simultaneously a *part* in another” (Wilber, 2000, p.26). Tais holon estariam organizados em holarquias, conjuntos cujas totalidades demonstram qualidades emergentes que não poderiam ser encontradas através da análise individual de cada uma de suas partes tomadas isoladamente. Holons organizados em holarquias progrediriam de forma a sinalizarem pelo menos três grandes domínios ontológicos: o físico, o biológico e o psicológico (através do qual seria possível a Filosofia, por exemplo).

Wilber retoma certas reflexões de Teilhard de Chardin (contidas em *Le phénomène humain*, 1955). Chardin, nesta obra, apresenta uma análise da sucessiva deflagração destes três domínios ontológicos, nesta sequência: a pré-vida -> a vida -> o pensamento (passo da reflexão). Acrescenta ainda uma quarta onda, a sobrevida, que teria certas conotações espirituais, culminando no *ponto ômega*. Mas para o presente estudo, esta última etapa não é necessária.

A visão de Chardin é teleológica, ou seja, supõe que existiria uma certa força propulsora evolutiva que conduziria dos átomos para organização da vida e desta, para o passo da reflexão (o pensamento, manifestada no ser humano), com crescente complexidade tanto de funções quanto de estruturas. A primeira onda existencial foi a material, física. Chardin discorre sobre as características da Terra juvenil até que as condições fossem propícias para o surgimento da vida, “o penúltimo, por ordem de chegada, dos invólucros de nosso planeta: a Biosfera” (Chardin, 1955/1995, p. 84).

O pensamento surgiria com a possibilidade da reflexão. Para Chardin (1955/1995, p. 186)

(...)a reflexão, como a própria palavra o indica, é o poder adquirido por uma consciência de se dobrar sobre si mesma, e de tomar posse de si mesma *como de um objeto* dotado de sua própria consistência e de seu próprio valor: não mais apenas conhecer, - mas conhecer-se; não mais apenas saber, mas saber que se sabe. Por essa individualização de si mesmo no fundo de si mesmo, o elemento vivo, até aqui espalhado e dividido sobre um círculo difuso de percepções e de atividades, acha constituído, pela primeira vez, em *centro* punctiforme, onde todas as representações e experiências se entrelaçam e se consolidam num conjunto consciente de sua organização.

Wilber nomeia estas ondas de Hilosfera (a esfera material), também biosfera (esfera biológica) e noosfera (ou invólucro do pensamento). Nesta sequência, as principais disciplinas seriam a física, a biologia e a psicologia.

Atualmente, Wilber é um autor que é muito associado a movimentos “holísticos e espirituais”, ainda que em seus escritos, critique certos princípios destes grupos. Chardin é um tanto poético em suas descrições, de maneira que poderíamos afirmar que estas ideias figuraram como inspirações mais do que constructos teóricos propriamente ditos. Mas mesmo Rhine estabeleceu a necessidade de incluir tópicos de física, biologia e psicologia no estudo da parapsicologia, razão esta que reforçou esta nossa tendência poética inicial.

Em *New World of the Mind*, na abertura da Parte II, afirma Rhine (1953/1966, p.133) que

Os três capítulos que se seguem tratam do campo da parapsicologia em relação às ciências principais com que está intimamente relacionada: física, biologia e psicologia. Nestes capítulos desenvolve-se certo conceito de parapsicologia como ciência natural. Não queremos dizer, naturalmente, que estes três ramos formam o total da ciência natural, mas sim que são os que estão mais perto da parapsicologia. Qualquer esclarecimento sobre a relação da parapsicologia para com elas contribuirá para situá-la mais exatamente no esquema do conhecimento, tornando-se mais inteligível.

Principia então numa análise da parapsicologia em face destas ciências²¹.

Física: Rhine localiza três pontos principais que, ao longo dos experimentos em Parapsicologia, dizem respeito (ou melhor, *não dizem*) à ciência física: a natureza do objeto, o Tempo e o Espaço. Verificando primeiramente os experimentos em percepção extrassensorial (ESP²² e PK), os resultados sugerem que PSI é capaz de agir de forma independente da ordem, natureza, posição e estímulos do objeto-alvo. Sejam estes símbolos numa carta, cores, luzes, isoladamente ou em sequência, ESP não parece

21 Todas as citações que faremos daqui em diante dizem respeito à *New World of the Mind*.

22 Extrasensory perception

depende da natureza do objeto utilizado nos experimentos. “Em geral, os resultados dos exames realizados quanto à ordem dos objetos-alvos utilizados com resultado nas experiências de ESP não só não conduzem a qualquer hipótese que seja física a relação sujeito-objeto, como não *permite* a aplicação de semelhante hipótese” (p. 137).

Quanto ao fator Espaço, conforme sugerido parágrafos acima, ESP parece não ser barrada por distâncias espaciais largas. Mesmo barreiras naturais como montanhas, concreto e paredes parecem não interferir na percepção extrassensorial. Foi o que Rhine concluiu a partir dos experimentos no campo. “Até agora não se encontrou qualquer barreira capaz de excluir a operação de PSI (...) em resumo, não há simplesmente qualquer explicação baseada em princípio físico que satisfaça (...) nenhuma hipótese capaz de explicar os fenômenos PSI em conjunto, baseada na física, foi oferecida por qualquer um até agora”. Para se fornecer alguma explicação física de ESP, este fenômeno deveria sofrer interferência de variáveis físicas, como a distância. Se por exemplo a telepatia consistisse em algum tipo de ‘energia’ que se propagasse do emissor ao receptor, o efeito da recepção deveria decair com a distância, até chegar a um ponto onde o ‘sinal’ não poderia ser ‘captado’. Mas segundo os experimentos que Rhine tomou como conteúdo de elaboração teórica, a distância não interfere. Isso vale tanto para telepatia quanto para a clarividência, ainda que seja complicado definir qual delas está atuando, em alguns casos. Considerando estas reflexões, a nomenclatura ‘emissor’ e ‘receptor’ não parece exata, pois o que seria ‘isto’ que é transmitido e recebido, sendo que ‘isto’ parece não obedecer às leis conhecidas de energias e emanções físicas?

Com o fator Tempo, o caso é ainda mais complexo e atordoante. Alegações de precognição supõem um conhecimento fidedigno do futuro, através de meios que não sejam o puro acaso nem inferências lógicas, conscientes ou inconscientes.

Alguns insistem em que a prova a favor da precognição ainda não é suficientemente abundante ou ainda não se tornaram completamente lógicas as condições eliminadoras das diversas alternativas, de sorte que evitam enfrentar a solução. Reagindo aos dados da precognição há várias espécies de atitudes pessoais, mas ninguém foi capaz de oferecer qualquer sugestão de uma teoria física que explicasse os fatos ora em nosso poder (p. 140)

Quanto à PK (interação aparentemente direta entre a mente e o meio), a natureza do objeto alvo também sugeriu que a psicocinesia estaria livre de determinantes deste gênero (tamanhos diferentes de dados também de massas distintas, diferentes graus de arredondamentos de suas bordas, numero de dados lançados por vez etc). Mas em comparação com ESP, PK foi menos explorada. Verificou-se, entretanto, que tanto a um metro de distância quanto a dez metros, a ação telecinética ocorreu da mesma forma. Neste sentido, “podemos afirmar até o ponto a que chegou a pesquisa, que PK revela tanta independência da massa quanto ESP revelou das limitações de espaço e tempo” (p. 141).

Eis em que consiste a principal dificuldade em aplicar a física nas alegações anômalas (até aqui temos considerado as alegações clássicas, ESP e PK). Justifica-se, portanto, a definição *negativa* que é recorrente: trata-se de alegações *extra-sensório-motoras*. E isto é, no mínimo, desconcertante.

(...) a parapsicologia (...) é uma área em que as leis da física, pelo menos a física de espaço, tempo e massa (haverá outra?) ainda não encontraram aplicação (...). A conclusão atual [1953], portanto, é que há algo nos resultados das experiências PSI que exige certo tipo de ordem de realidade além do que é físico – seja *extrafísico*. Que cuide de si o futuro da física, tanto como o futuro da parapsicologia! (p. 143)

Rhine sugere ainda que por se tratar de dimensões passíveis de diálogo e, em verdade, interligadas, a física teria a contribuir à parapsicologia, à medida que as investigações prosseguissem: “E mui provavelmente serão as picaretas dos físicos que o parapsicólogo encontrará primeiro no processo de escavação, fazendo convergir os tuneis como parece que deva acontecer” (p. 147)

Com respeito à **Biologia**, Rhine parte da consideração que a parapsicologia é um campo intimamente relacionado a ela. Tece reflexões sobre o início da constituição da Biologia como ciência e suas dificuldades iniciais, a tratar com questões como “Quais são, por exemplo, as forças que organizam as substâncias que constituem os organismos vivos e criam a forma que eles tomam? Como se originaram as características das espécies e como se conservam realmente e se transmitem potencialmente através dos estádios da reprodução?” (p.151). Houve, no início do desenvolvimento desta ciência, um flerte com afirmações idealistas e o princípio não-físico em Biologia ficou conhecido como *vitalismo*. Mas não foi um princípio bem aceito e além disso, este conceito não ajudava no estabelecimento da disciplina biológica como uma ciência. A saída mais segura foi encontrar aporte em princípios materialistas, ao mesmo tempo se alinhando à Física (ciência por excelência) e utilizando em seus procedimentos analíticos estratégias matemáticas e estatísticas. Para a visão materialista da biologia, os organismos foram considerados como máquinas mais complicadas e nisto, o mecanicismo ocupava papel fundamental. Exorcizava-se, assim o ‘fantasma na máquina’.

A hipótese da enteléquia de Driesch, o *élan vital* de Bergson e o “horme” de McDougall não foram bem aceitos, pelo menos nos círculos biológicos do hemisfério ocidental. Ao contrário, o cenário americano nas ciências biológicas era dominado pela filosofia rigorosamente mecanicista, do organismo, representado pelas ideias de Jacques Loeb (p. 150)

Entretanto, algumas provocações da parapsicologia vieram a questionar esta orientação puramente material adotada pela biologia neste processo de afirmar-se como uma ciência. Inclusive, Rhine alega que muitos biólogos demonstraram interesse no tema. Certos pontos contemplados diziam respeito à migração das aves e outros comportamentos ‘anômalos’ observados em animais.

Existem duas hipóteses a serem consideradas a este respeito (partindo da ideia de que PSI seja real, ontologicamente falando): ou PSI é uma ação que remonta à história evolutiva das espécies ou então seria aptidão recentemente adquirida pela humanidade. Rhine parece inclinar-se para o primeiro caso. Sugere que

(...) PSI constitui modo elementar de reação do organismo, representando provavelmente o começo da orientação na adaptação inicial do ambiente. Esta tentativa de hipótese biológica da maneira pela qual PSI entra na ordem dos seres vivos é apenas começo conjectural. Servirá para começar e contribuirá para chamar a atenção para a necessidade da teoria (p.154).

E prossegue refletindo que, se isto for verdadeiro, então poderá ser verificada a existência de processos paranormais ocorrendo em animais. Cita os casos das migrações de pinguins e outras aves, bem como o caso dos pombos-correio que sempre conseguiam retornar, mesmo a grandes distâncias. Relatos espontâneos de casos nos quais cães e gatos também retornavam às suas casas de maneira inesperada poderiam sugerir ação PSI.

Mas nestes casos, os animais já conheciam seus lares, apesar de desconhecer o caminho. Poderiam, contudo, utilizar a localização do sol como referência para o retorno. Ou seja, o parâmetro sensorial não podia ser descartado.

Há situações em que os animais domésticos conseguiam encontrar sua família mesmo em locais que desconheciam, ou de cães que supostamente emitiam um gemido estranho à hora próxima de falecimento de pessoa com quem eram ligados, mas encontrando-se em local espacialmente distante. Comportamentos de animais domésticos observados momentos antes dos donos voltarem para casa poderiam sugerir também algo de paranormal atuando.

Entretanto, Rhine aposta no caminho experimental e afirma que experimentos controlados em animais visando colocar a teste supostas capacidades PSI seriam muito prolíficas. Afirma que algumas tentativas foram realizadas neste sentido, embora não tenham sido conclusivas.

De toda forma, se PSI existir, deverá encontrar o seu lugar na biologia. Rhine sugere que a parapsicologia poderá, eventualmente, ser útil também à biologia no sentido de arriscar progredir naquele campo do qual se afastou, em seu início histórico.

Talvez não seja em vão esperar que a parapsicologia contribua com algo de significativo para as ciências biológicas. Elas experimentaram também subserviência ao materialismo. Limitação filosófica que ninguém ouse romper é empecilho imensurável para qualquer ramo de investigação. À proporção que a biologia acentuou a maneira física de encarar o próprio domínio, parece-me que também recuou um pouco das suas fronteiras mais avançadas, encurtou o alcance em direção aos problemas mais importantes, reduzindo-lhes de certo modo a visão. Os problemas mais vastos tem certa maneira de esquivar-se à ciência quando atacados tão só do lado mais conservador. (p. 167)

Cumpramos observar que Rhine estava certo de ter encontrado indícios suficientes para afirmar que PSI de fato existe como elemento natural, a ponto

de ensinar este diálogo tão próximo com disciplinas tradicionais como a Física e a Biologia. Em ambos os casos (e também com a Psicologia), insistia em abordar a questão do não-físico, que para ele caracterizava a natureza mais íntima de PSI. E, de fato, a nomenclatura negativa utilizada ainda hoje para se abordar estas alegações não esclarece suficientemente com o que estamos a lidar, quando partimos para o campo ontológico. Mas para ele a parapsicologia tinha tanto a ganhar com a biologia quando esta última com a primeira.

Ao abordar a **Psicologia**, Rhine se posiciona como um “estranho no ninho”, como se portasse uma novidade que os psicólogos em geral tem dificuldade ou mesmo recusa a aceitar. Ainda assim, afirma que “não pode haver dúvida alguma de que toda a área do problema da parapsicologia pertence à psicologia” (p. 170). Novamente, a problemática central localiza-se na questão de um ‘algo’ aparentemente extrafísico (que para Rhine era uma realidade):

A dificuldade real com a psicologia surgiu (...) não em relação ao problema ou à pesquisa; nem mesmo quanto à descoberta de PSI; mas por ter-se tornado operação extrafísica ao invés de exatamente um “sexto” sentido não reconhecido capaz de interpretação física (p.170).

Apona que caminho semelhante à biologia ocorreu na psicologia. Destinada inicialmente ao “estudo da alma”, a Psicologia encontrou aporte em filosofias e práticas materialistas, a exemplo de sua histórica formatação nos moldes do comportamentalismo norte-americano, para o qual o estudo do humano deveria centrar-se no comportamento observável e lançar mão de explicações físicas. Com o passar do tempo, a Psicologia adotou também o estudo da personalidade e este ponto, contudo, sugeria uma abordagem que

não se mantinha restrita apenas ao lado físico. Este seria um ponto possível de ligação entre a psicologia e a parapsicologia, já que segundo Rhine “as pesquisas de PSI estabeleceram a ocorrência de um modo de reação do ser vivo que é pessoal e não físico ao mesmo tempo. O resultado é fornecer à psicologia o primeiro instrumento claro de domínio distintamente *mental* da realidade” (p.173).

Outro ponto em que a parapsicologia poderia auxiliar no campo psicológico é o da questão relacionada ao eixo corpo-mente, assunto de grande controvérsia. As posturas mais convencionais consistem em reduzir todo o mental ao somático ou então afirmar, vagamente, que não se sabe como isto se dá. Rhine sugere que as ‘descobertas’ da parapsicologia poderiam auxiliar nesta questão, pois o estudo desses casos excepcionais poderia revelar mecanismos que estariam situados na base do “intercâmbio fundamental cérebro-pensamento, inacessíveis a um ataque direto” (p. 177).

A questão dos debates acerca do livre-arbítrio também encontraria apoio nos dados fornecidos pela parapsicologia experimental. Se a psicologia partir do princípio de que tudo poderia ser explicado, um dia, por mecanismos físicos e materiais, então não haveria espaço para ações verdadeiramente livres, pois todas as ações seriam determinadas por constantes e variáveis do ambiente e do próprio cérebro. Mas a suposição de algo não-físico poderia sugerir uma diferenciação dentro da própria personalidade, concebendo algo livre das determinações materiais e ambientais e detentora da capacidade de operar de maneira independente, portando assim a possibilidade de uma ação volitiva genuína. Assim, para Rhine, PSI proporcionaria ao ser humano uma liberdade verdadeira.

Finaliza este tópico abordando uma questão que foi (e de certa forma ainda é) fonte de dificuldades para a própria psicanálise: o inconsciente.

Pode salientar-se ainda mais que a operação de PSI é realmente inconsciente (...) torna-se agora evidente que, conforme sugerem os estudos dos casos já mencionados, algo se passa no processo de PSI em relação ao sujeito em um nível inconsciente e o resultado desse processo inconsciente converte-se ou traduz-se em experiência consciente, de sorte que a significação total ou parcial fica à disposição dele (p. 181)

Estas considerações aludem, também, à coletânea de casos espontâneos reunidos por Louisa Rhine, mencionados anteriormente. Para J.B. Rhine, esta dimensão inconsciente poderia conter outros 'seres abissais' além de PSI e seria fonte de muitas descobertas importantes para a psicologia.

Em linhas gerais, verificamos que o *paradigma rhineano*, conforme apontou Zangari (1996), de fato alude explicitamente à existência de um fator não-físico pertencente ao núcleo de atuação parapsicológica. Para o eminente pesquisador norte-americano, isto era um fato.

Ainda referente à Psicologia, importa mencionar que Freud também elaborou suas reflexões sobre questões parapsicológicas, visando sobretudo a questão da *telepatia*.

Escreve sobre o assunto primeiramente em 1921, mas a publicação que veio ao público sai em 1922. Parte da consideração do estudo dos sonhos. Uma vez que a Psicanálise dotou este estudo de um caráter científico, avalia as aproximações de sua disciplina com o ocultismo. É da opinião que a humanidade tem certa tendência a se deixar levar por assunções miraculosas e da ordem da imaginação, para escapar à tensão e às exigências do princípio da realidade (Freud, 1932/1975). Ainda assim, se detém numa investigação séria sobre o assunto, escolhendo a telepatia, primeiramente a situando no

contexto dos sonhos. Afirma que “O único motivo para discutir a relação entre sonhos e telepatia é que o estado de sono parece particularmente adequado para a recepção de mensagens telepáticas” (p. 52). Através de alguns casos clínicos, chega à conclusão que os conteúdos ‘telepaticamente recebidos’ passaram pelos mesmos processos oníricos (de deslocamento) que quaisquer outros conteúdos mentais, durante o estado do sono. Mostra-se inclinado a considerar a telepatia como um processo real. Contudo,

Posto que a hipótese da telepatia oferece, sem dúvida, a explicação mais simples, ainda assim não nos auxilia muito. A explicação mais simples nem sempre é a correta; a verdade, com frequência, não é uma questão fácil, e antes de nos decidirmos a favor de uma hipótese de tão grande alcance, devemos preferentemente ter tomado todo cuidado (Freud, 1932/1975, p.54).

Para os casos onde este aludido evento ocorresse em vigília, utilizou a nomenclatura de ‘transmissão de pensamentos’ que, no fim, é o mesmo que ‘telepatia’. Relata um caso onde um paciente decidiu se consultar com uma astróloga. Esta solicitou a ele apenas sua data de nascimento e através disso, profetizou uma previsão que não se realizou. Contudo, o que a astróloga expressara naquela consulta de fato havia passado pela cabeça do sujeito, semanas antes, sobre seu desejo de que seu cunhado sofresse um ataque mortífero e alérgico, venenoso, com lagostas e ostras. A astróloga havia afirmado que ‘ele morrerá com um ataque venenoso com lagostas e ostras’. O sujeito saiu satisfeito da consulta. Freud observa que mesmo mediante a não-realização da profecia, aquela informação serviu como um alívio para tensões inconscientes do sujeito, no caso, relacionadas ao desejo de morte direcionadas a seu cunhado (por conta de certa fixação libidinal, secreta, que mantinha por sua própria irmã). Freud não crê que possa haver alguma série

de inferências que ligasse a sua data de nascimento a uma profecia tal como envenenamento por ostras e lagostas, de modo que sugere um processo telepático de transmissão de pensamentos, entre a astróloga e seu paciente. Mostra-se inclinado a aceitar este tipo de processo anômalo, mas com certas reservas.

Há portanto certa convergência entre a perspectiva de Rhine e Freud quanto à consideração de alguns temas anômalos mediante a Psicologia. Mas as divergências existentes são mais contundentes. Rhine era um entusiasta de PSI, enquanto Freud observou o tema através das lentes da psicanálise, como uma espécie de confirmação de sua hipótese do *inconsciente*. Curiosamente, o autor vienense se referiu ao sono com sonhos como um fator *psi-condutivo*, embora com outras palavras. Sugeriu que este estado poderia *facilitar* a ocorrência de telepatia, retomando as descobertas realizadas na época das brincadeiras com o *mesmerismo* e a *hipnose*. Talvez, não à toa Freud tenha abordado também a hipnose em seu método de desvelamento dos conteúdos inconscientes.

À guisa de informação, retomando o tópico da **Física**, Mário Schenberg teceu algumas considerações sobre um futuro campo hipotético a que denominou de *parafísica* cuja intenção seria a de abordar os fenômenos paranormais. Observa Goldfarb (1994a, p.68):

Mário Schenberg especula sobre o futuro e ressalta as possibilidades de se descobrir uma nova área de investigações sobre fenômenos normalmente denominados como “paranormais” e que, para Schenberg, devem situar-se, em verdade, bem mais próximos da física do que normalmente se pensa.

Em diálogo com Haroldo de Campos, Schenberg ressalta que (Goldfarb, 1994b, p. 104)

(...) a gente tem a tendência a pensar que a Parapsicologia é alguma coisa que está além da Psicologia. Eu acho que não é verdade, a Parapsicologia é alguma coisa que está entre a Física e a Biologia. Mais ou menos por volta de 1964, começaram a descobrir novos aspectos da Mecânica Quântica, alias, de acordo com a Mecânica Quântica, tudo o que está no mundo está interligado (...) não pertence à lógica aristotélica, está mais para as lógicas do Budismo. O Budismo é uma coisa incrível, possui uma riqueza fantástica. Na Índia, eles tinham uma tradição lógica que desenvolveram e foram aprofundando através dos séculos. Possui muitas dimensões, muitos modelos variantes. É de uma beleza fascinante. Séculos de pensamento lógico levaram a Lógica para outras dimensões

Schenberg é um caso onde a religião e a ciência parecem não estar em conflito, sendo a primeira fonte de inspiração e beleza, até. Ainda que ele faça alusão à Mecânica Quântica e de que ‘tudo está interligado’, não supõe o intercurso de um fator transcendente atuando neste processo, pois mesmo este ramo da física estaria relacionada ao mundo físico, não metafísico. Identifica a criação artística como uma função de ‘estados anômalos’ onde “o indivíduo pode penetrar num diferente nível de percepção da realidade, em que sua mente se desprende da normalidade e os fenômenos paranormais ocorrem. O indivíduo ter ou não consciência de que isso está ocorrendo não é necessariamente determinante no processo” (Goldfarb, 1994b, p.109).

A aproximação de Schenberg com temas da parapsicologia estava também relacionada ao seu interesse pela Arte, na qual processos intuitivos e inconscientes possuíam participação no ato da criação. Tal processamento, segundo o físico brasileiro, foi também importante na ciência e em personagens fundamentais de sua história. No livro *Pensando a Física* (2001), que resultou da compilação de suas aulas no IFUSP, lembra-se de alguns exemplos importantes a este respeito:

Existem pessoas de perceber coisas que não percebemos. Pode ser que sejam dotados de uma qualidade paranormal que as faz perceber com antecedência até de alguns séculos descobertas futuras. O próprio Einstein também teve muitas coisas deste tipo, fez previsões incríveis! (p. 66) (...)

Está fora de dúvida que Descartes, só com a sua introdução do espaço de um observador, já teria sido uma das personalidades mais importantes na história da Ciência. É digno de nota que Descartes não tenha sido levado a isso por um raciocínio simplesmente lógico, mas por um processo intuitivo, incluindo um sonho (p. 82) (...)

É interessante notar também que, às vezes, a pessoa tem uma certa percepção dos processos inconscientes através dos sonhos. Kékulé, por exemplo, estava procurando descobrir a estrutura do benzeno e, uma noite, teve um sonho com um ouroboros (que é uma cobra mordendo sua própria cauda). Depois que acordou, analisou o sonho e viu que era a solução do problema que tinha se dado de uma forma simbólica. Neste caso, o relacionamento da criação artística com a criação científica torna-se bem evidente (p.133).

A relação da parapsicologia com dimensões inconscientes e com o mundo dos sonhos foi aventada em diversos momentos de sua história, remontando até o mesmerismo, conforme atestamos em sua periodização.

Assim, a escolha da investigação de determinadas alegações anômalas junto às esferas da física, da biologia, da psicologia e da filosofia possui como finalidade lançar elementos que poderão, eventualmente, auxiliar nas reflexões sobre estes laços, já antecipadas pelas reflexões teóricas principalmente de Rhine.

E, afinal, o que os próprios cientistas (vinculados às áreas supracitadas) pensam sobre estas questões? A seguir, analisaremos algumas dimensões destas relações, a partir do material que coletamos para a presente investigação.

PARTE IV - Resultados e Discussão

Capítulo V – Resultados e Discussão

Quantitativos

Questionário de Crenças no Paranormal (QCP)

Conforme mencionamos na seção acima, para as aplicações do QCP conseguimos 38 respostas, no caso, todas advindas da Universidade de São Paulo (no que chamamos de ‘primeira série’ de aplicações). Vejamos primeiramente a distribuição geral entre as Instituições/Departamentos, juntamente com a área de atuação dos Docentes e seus respectivos cargos junto à Universidade.

Tabela 1: Distribuição geral das aplicações do QCP por Unidade/Departamento, juntamente com a área de atuação e cargo dos Docentes junto à Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Epistemologia histórica da cultura científica	Professor Associado
	Fenomenologia	Professor Doutor
	Filosofia moderna	Professor Associado
	Filosofia política	Professor Titular
Instituto de Biociências	Lógica Matemática	Professor Titular
	Bioarqueologia	Professor Doutor
	Biologia e sistemática de animais cnidários	Professor Doutor
	Biologia Subterrânea	Professor Titular
	Ecologia	Professor Doutor
	Ecologia Comportamental	Professor Doutor
	Ecologia de Águas Continentais	Professor Doutor
	Ecologia de Apoidea	Professor Associado
	Evolução	Professor Titular
	Fisiologia	Professor Doutor
	Fisiologia Vegetal	Professor Doutor
	Fitoquímica	Professor

		Doutor
	Ornitologia	Professor Titular
	Zoologia	Professor Associado
Instituto de Física	Física Aplicada	Professor Doutor
	Física da Atmosfera	Professor Doutor
	Física de Hadrons	Professor Assistente
	Física estatística	Professor Doutor
	Física Molecular	Professor Doutor
	Física Nuclear experimental	Professor Assistente
	materia condensada e também evolução humana	Professor Titular
	partículas elementares	Professor Titular
	Técnicas Holográficas	Professor Associado
	Tecnologia Educacional	Professor Doutor
Instituto de Psicologia	aprendizagem	Professor Titular
	comportamento	Professor Associado
	comportamento animal	Professor Doutor
	etologia	Professor Titular
	gestalt-terapia	Professor Assistente
	neurociência visual	Professor Doutor
	Práticas clínicas	Professor Doutor
	Psicanálise	Professor Titular
	Psicofísica	Professor Associado
	Psicologia Social	Professor Doutor

Quanto à distribuição específica por cargo:

Tabela 2: Distribuição por cargo (geral), QCP

Professor Assistente	3
Professor Associado	7
Professor Doutor	18
Professor Titular	10
Total geral	38

Assim, obtivemos mais participação de Professores Doutores, seguidas pelos Professores Titulares. Quanto à religião:

Tabela 3: Distribuição geral quanto à religião (QCP):

1.Católica Apostólica Romana	5	13%
2.Judaica	0	0%
3.Islâmica	0	0%
4.Luterana	1	3%
5.Metodista	0	0%
6.Presbiteriana	0	0%
7.Batista	0	0%
8.Evangélica (favor especificar, se desejar, no item H1)	1	3%
9.Umbanda	0	0%
10.Candomblé	0	0%
11.Uma outra religião de origem africana ou afro-brasileira (favor especificar, se desejar, no item H1)	0	0%
12.Espiritismo Kardecista	1	3%
13.Budista (favor especificar, se desejar, no item H1)	2	5%
14.Alguma outra religião oriental (favor especificar, se desejar, no item H1)	0	0%
15. Wicca	0	0%
16.Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus.	3	8%
17.Sou agnóstico(a), ou seja, não pertencço a nenhuma religião, tenho dúvidas quanto à existência de um Ser Divino, mas não nego a possibilidade de sua existência.	11	29%
18.Sou ateu/ateia.	14	37%
19.Sou esotérico(a).	0	0%
20.Outra, não apontada acima (favor especificar, se desejar, no item H1)	5	13%

Verificamos que a maioria é ou ateu/ateia (37%) ou então se considera agnóstico (29%). Os comentários realizados (opção 'outros') acerca desta questão foram:

católica de nome; Judaico-Adventista; Tenho interesse em várias linhas; sou agnóstico e posso negar a existência de Deus; minha própria visão; Pastafariano; Sou adepto de todas as religiões específicas mas não acredito em Deus; nenhuma religião porem religiosa; Agnóstico, não creio mas respeito quem crê.

Obtivemos também a participação de 21 homens (55%) e 17 mulheres (45%), com idade média de 50 anos. Para a presente investigação, focamos a questão das crenças paranormais, ainda que o QCP aborde outras questões próximas mas não idênticas a estas. As questões do QCP relacionadas às

crenças no paranormal foram, ao total, 21. Observemos a distribuição por Unidade/Departamento em cada um das questões:

Tabelas 4: Distribuição por Unidade/Departamento em cada um das questões do QCP que abordaram a dimensão ‘crença no paranormal’

A notação likert utilizada pela autora do QCP foi:

Discordo Totalmente - 1
 Discordo - 2
 Não sei - 3
 Concordo - 4
 Concordo Totalmente – 5

Q 1. Muitos fenômenos paranormais possuem uma base científica válida

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	2	4	6	4	16
2	2	1	2	1	6
3	1	3	1	3	8
4		4	1	2	7
5		1			1
Total geral	5	13	10	10	38

Q2.A meditação pode ser uma ferramenta valiosa no desenvolvimento das capacidades paranormais

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	1	4	5	4	14
2	2	2		1	5
3	2	4	2	4	12
4		2	3	1	6
5		1			1
Total geral	5	13	10	10	38

Q10.Com o avanço das pesquisas científicas, ficará comprovado que não existem fenômenos paranormais

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	1		1	2	4
2	1	3	4	2	10
3	2	5		2	9
4	1	2	1	3	7
5		3	4	1	8
Total geral	5	13	10	10	38

Q12.Não existem evidências científicas a favor da acupuntura

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	1	3	1	3	8
2	3	6	4	4	17
3	1	4	4	4	9
4			1	2	3
5				1	1
Total geral	5	13	10	10	38

Q16.Os florais (por exemplo: Florais de Bach), podem prevenir e curar males

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	1	3	3	3	10
2	1	2	3		6
3	2	5	3	4	14
4	1	3	1	3	8
Total geral	5	13	10	10	38

Q20.Algumas pessoas conseguem ver auras humanas

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	3	4	4	5	16
2			1		1
3	2	5	3	3	13
4		3	2	2	7
5		1			1
Total geral	5	13	10	10	38

Q21.A terapia através das cores (cromoterapia) cura e previne doenças físicas e psicológicas

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	3	3	2	3	11
2		2	2	2	6
3	2	5	5	4	16
4		3	1	1	5
Total geral	5	13	10	10	38

Q30.A prática da Yoga pode ser muito útil no aumento das habilidades paranormais

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	2	5	5	6	18
2	1	3			4
3	2	5	1	3	11
4			4	1	5
Total geral	5	13	10	10	38

Q33.Alguns indivíduos são capazes de fazer objetos levitarem através da força mental

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	2	7	7	6	22
2		1		1	2
3	3	2	2	3	10
4		2	1		3
5		1			1
Total geral	5	13	10	10	38

Q38.A iridologia, a análise da íris da pessoa, também é eficaz no diagnóstico de muitas doenças e problemas físicos

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1		1	2	3	6
2	1		2	1	4
3	4	6	2	4	16
4		6	3	2	11
5			1		1

Total geral	5	13	10	10	38
--------------------	---	----	----	----	----

Q43.Uma pessoa considerada medium pode prever o futuro

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	2	6	5	6	19
2		2	2	1	5
3	3	4	3	2	12
4		1		1	2
Total geral	5	13	10	10	38

Q44.Algumas práticas atraem sorte

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	2	7	6	3	18
2		2	1	2	5
3	3	3	2	2	10
4		1	1	3	5
Total geral	5	13	10	10	38

Q49.É possível que doenças sejam curadas através de poderes psíquicos

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	2	4	4	4	14
2	1	1		1	3
3	2	5	2	1	10
4		2	3	3	8
5		1	1	1	3
Total geral	5	13	10	10	38

Q51.Análises grafológicas, a análise da escrita da pessoa, revelam muito da personalidade

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1			1	2	3
2	2			2	4
3	2	7	2	4	15
4	1	5	4	2	12

5		1	3		4
Total geral	5	13	10	10	38

52.O estudo dos chakras pode ampliar nosso conhecimento a respeito das zonas energéticas do corpo

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	1	3	4	4	12
2		1			1
3	4	1	4	2	11
4		7	2	4	13
5		1			1
Total geral	5	13	10	10	38

Q55.Professores e gurus podem nos ajudar a desenvolver nossas habilidades paranormais

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	2	7	5	6	20
2		2	1	1	4
3	3	2	3	1	9
4		2	1	2	5
Total geral	5	13	10	10	38

Q56.O desenvolvimento de nossas habilidades paranormais requer uma contínua dedicação pessoal

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	2	6	5	6	19
2		2	1	1	4
3	3	4	1	1	9
4			2	2	4
5		1	1		2
Total geral	5	13	10	10	38

Q57.Cirurgias espirituais são tão eficazes quanto as cirurgias feitas na medicina tradicional

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	4	5	6	6	21
2		1	2	1	4
3	1	6	2	3	12
4		1			1
Total geral	5	13	10	10	38

Q58.Técnicas de biofeedback nos permitem influenciar nossos processos físicos e mentais

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	1		2	3	6
3	4	10	6	2	22
4		3	1	4	8
5			1	1	2
Total geral	5	13	10	10	38

Q60.Algumas pessoas conseguem transmitir seus pensamentos para outras pessoas

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	1	4	3	3	11
2	1	3	1	2	7
3	3	3	2	2	10
4		2	1	2	5
5		1	3	1	5
Total geral	5	13	10	10	38

Q62.Algumas pessoas desenvolveram a habilidade para descobrir o passado e prever o futuro

	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia	Instituto de Biociências	Instituto de Física	Instituto de Psicologia	Total geral
1	3	5	6	5	19
2		2	1	3	6
3	2	4	2	1	9
4		1	1		2
5		1		1	2
Total geral	5	13	10	10	38

De maneira geral, observamos que os docentes tendem a não crer nas afirmações acima. A autora do QCP (Vasconcelos, 2001), com mencionado anteriormente, encontrou dificuldade em diferenciar claramente as crenças paranormais de superstições comuns e crenças religiosas. Utilizamos aqui a classificação da autora, mas consideramos que algumas assertivas poderiam ser retiradas da categorização original. De qualquer forma, há pontos interessantes para se notar.

Rigorosamente falando, as questões relativas à *parapsicologia clássica* são a 33 (psicocinesia), 43 (precognição), 60 (telepatia) e 62 (precognição e retrocognição). Agregando todas elas em três possibilidades: (A) tendência a não crer; (B) ter dúvidas e (C) tendência a crer, resulta:

(A) = 60%

(B) = 27%

(C) = 13%

Ou seja, a maioria afirmou *não crer* em alegações paranormais, considerando o grupo das alegações clássicas, sendo que a alegação “mais aceita”, a este respeito, foi a telepatia.

Q33 (psicocinesia). (A)= 63%; (B)=26%; (C)=11%

Q43 (precognição): (A)= 63%; (B)=31%; (C)=6%

Q60 (telepatia): (A)= 47%; (B)=26%; (C)=27%

Q62 (pré-retro-cognição): (A)=63%; (B)=24%; (C)=13%

Na maioria dos casos, psicocinesia, precognição e retrocognição obtiveram mais de 50% em 'não crer' ou 'ter dúvida', já a telepatia, ao contrário, mais de 50% em 'crer' ou 'ter dúvida'. Não houve distribuição suficiente de modo a relacionar área de atuação (disciplina) com crença ou não-crença, primeiro pelo número da amostra (em filosofia, obtivemos apenas 5 respostas) e segundo pela consistência geral da distribuição, ou seja, ao menos nestas condições, a área de atuação pareceu não interferir no quesito 'crenças paranormais clássicas'.

A questão 1, que pergunta pela 'base científica válida', demonstrou que 58% acham não possuir validade, 21% tem dúvida e 21% acham que 'fenômenos paranormais' podem possuir validade científica. Isto é, a maioria acha que alegações paranormais não possuem validade científica suficiente. É verdade que a questão não especificou o que, exatamente, estava identificando como 'crença paranormal'. Mas considerando que esta foi a primeira pergunta do questionário, imaginamos que estas respostas sejam relativas àquilo que os docentes consideram como 'fenômenos paranormais', elementos estes que não puderam ser identificados, contudo. Ou seja, para esta questão especificamente, não foi possível saber o que exatamente estava sendo mensurado.

A questão 10 ('com o avanço das pesquisas científicas, ficará comprovado que não existem fenômenos paranormais'), encontramos que 40% concorda, 23% tem dúvida e 37% discordam, ou seja, aqui há certo equilíbrio sobre o status da parapsicologia no futuro, mediante o avanço da ciência. Mas nota-se que esta questão 10 foi precedida por questões abordando: meditação,

o diabo, promessas religiosas, quebrar um espelho e atrair azar, deus, ramo de arruda para afastar mau olhado e o vodú. Novamente, a questão da especificidade da pergunta não pode ser solucionada pois, afinal, o que os respondentes estão compreendendo por ‘fenômenos paranormais’? Fica difícil, aqui, concluir algo a respeito. Ainda que as dimensões do QCP tenham sido ‘calibradas’ para abordar muitos tópicos, incluindo o paranormal, para os respondentes isto não fica claro.

Curiosamente, a acupuntura (Q12), a iridologia (Q38) e a grafologia Q51, (que a autora situou como constituindo ‘crenças paranormais’) apontaram os seguintes resultados: 66% afirmou que existe evidência científica a favor da acupuntura; 32% (contra 26%) que a iridologia pode ser útil no diagnóstico de doenças e problemas físicos; 42% (contra 19%) que a grafologia pode revelar muito da personalidade. Neste último quesito (grafologia), biólogos e físicos foram mais favoráveis que os psicólogos, indicando que, talvez, o estudo formal dentro de uma dada disciplina diminua as chances de ‘crenças anômalas’ relacionadas a esta mesma disciplina. Não sabemos, contudo, se os respondentes assinalaram isto por pura crença ou se alguma experiência pessoal concorreu para tanto (é a limitação dos levantamentos puramente quantitativos: eles nos fornecem índices de generalização e indução (passagem da amostra para a população ou da parte para o todo), mas permanecemos cegos quanto aos significados destes índices).

Cumpramos observar, entretanto, que quanto maior a amostra, melhores são as nossas chances de emitir generalizações válidas, passíveis de extrapolações da parte para o todo (afinal, não seria este o fim último da estatística, isto é, gerar informações com vistas a utilizá-las em processos de

inferência indutiva?). No caso, com 38 respondentes, não pudemos vislumbrar mais do que uma leve tendência. Mas, no geral, observamos uma disposição a *não crer* em alegações paranormais, ao mesmo tempo em que, do ponto de vista da disposição religiosa, a maioria é ateu/ateia ou agnóstica (ou seja, tem dúvida).

Questionário de Prevalência e Relevância de Psi (Q-PRP)

No caso do Q-PRP, ele foi totalmente elaborado tendo como pano-de-fundo questões vinculadas tanto à parapsicologia clássica quanto com a psicologia anomalística contemporânea, de modo que sua formulação alinha-se mais aos conteúdos do campo (considerando, inclusive, que foi construído por pesquisadores da área, ou seja, em uma visão interna e não apenas externa).

Conforme noticiamos, o Q-PRP foi aplicado não apenas em Docentes da USP, mas em uma série de outras instituições universitárias, sendo que o critério de escolha foi, além disso, que o participante fosse ao mesmo tempo pesquisador e professor.

Observemos inicialmente a distribuição por Unidade/área de atuação.

Tabela 5: Distribuição Física: Área de Atuação/Unidade (72 elementos)

Estudo de propriedades óticas e magneto óticas em nanoestruturas semicondutoras Total	Depto. Física - UFSCAR
Álgebras abstratas de dimensão 2	Instituto de Física - UFBa
Astro - Partículas	IFUSP
Astrofísica	Instituto de Física, Dept. de Astronomia, UFRGS
Astrofísica - Formação de estrelas e planetas	ICEX- Universidade Federal de Minas Gerais
ASTROFISICA E ENSINO DE ASTRONOMIA	Física UEL
Astrofísica Estelar	Departamento de Astronomia, Instituto de Física da UFRGS
Astrofísica Extragaláctica	UFMG, ICEx, Departamento de Física

Astrofísica/Educação em Astronomia	Dep. Astronomia/IF/UFRGS
avaliação psicológica e diferenças individuais	UFMG
Caracterização de Materiais Dosimétricos	IFUSP
ciência dos materiais / acústica	DF - UFSCar
CLIMA	IF / USP
Cristalografia	Instituto de Física, Departamento de Física Aplicada
Desenvolvimento de Funcionais para tratar sistemas fortemente correlacionados via Teoria do Funcional da Densidade	UFSCar, Dep. Física, São Carlos
dinâmica não-linear	UNESP, Instituto de Física Teórica
Ensino de Astronomia	UFRGS/Departamento de Astronomia
Ensino de ciências	Física, UEL.
Ensino de Física	Departamento de Física / UEL
Estrutura Eletronica	UFMG-ICEX-FISICA
Estrutura eletrônica e ordem estrutural em filmes finos e nanopartículas	UFPR, Departamento de Física
Estrutura Nuclear	Instituto de Física - D. F. Nuclear
Estrutura Nuclear Experimental - Transf de poucos núcleons	IFUSP - DFisNuclear
Filmes Finos	Universidade Estadual de Londrina
Física	UNESP, Instituto de Física Teórica
Física aplicada	Instituto de Física - UnB
Física Aplicada utilizando Técnicas Nucleares	Instituto de Física da USP, Departamento de Física Nuclear
Física Atômica e Molecular	UFMG
Física Básica	Universidade Federal da Bahia
Física Biológica	Departamento de Física, UFMG
Física computacional	UFMG - Departamento de física
Física da Materia Condensada	Instituto de Física da USP, Departamento de Física Aplicada
Física da Matéria Condensada	Instituto de Física Teórica - UNESP
Física da Matéria Condensada	UFMG, Departamento de Física
Física da Matéria Condensada	UFPR, Departamento de Física
Física da Matéria Condensada (teoria)	Instituto de Física
Física de Materiais	UFPR - Departamento de Física
Física de Partículas	Instituto de Física Teórica, Unesp
Física de Plasmas	UFJF, Instituto de Ciências Exatas
Física do Estado Sólido	UFJF, Departamento de Física
Física Estatística	Dep de Física - UFMG
Física Nuclear	Instituto de Física da USP
Física Nuclear	Universidade de Brasília, Instituto de Física
Física Nuclear de Alta energia	Instituto de Física - Universidade de São Paulo
Física Nuclear e de Hádrons - teoria	Instituto de Física, Departamento de Física Nuclear
Física Nuclear experimental	IFUSP DFN
Física Nuclear Experimental e Ensino de Física	Instituto de Física da Universidde de São Paulo
Física Quântica e Eletromagnetismo	Departamento de Física, UFMG
física teorica	Institut de Physique Nucleaire
física teorica	Instituto de Física

Física Teórica	UFABC, CCNH
fundamentos de mecânica quântica	unb - instituto de física
Fusão Nuclear, Ultradiluições	Instituto de Física
Geotermia da litosfera	Instituto de Física da UFBA
Gravitação e Teoria Quântica de Campos	UFJF, Departamento de Física
História da Física contemporânea	Instituto de Física
Materia Condensada	Instituto de Física da USP - Departamento de Física Nuclear
Materiais e Microsistemas	UFPR - Dep Física
Mecânica Quântica, Grande Área: Física Geral	UFPR, Departamento de Física
MICROSCOPIA ELETRÔNICA/BIOFÍSICA	FÍSICA - UEL
Modelos grupo-teóricos em Física Nuclear	Instituto de Física Teórica, UNESP
Na ativa, Cosmologia; como voluntário, Computação Quântica	UNESP, Instituto de Física Teórica
Nanoestruturas	Física
nanotecnologia	UFSCar, Dpto Física
Nanotecnologia e Ensino de Física	UnB- Instituto de Física
partículas elementares	IFT-UNESP
propriedades de materiais	DFIS-UFPR
Raios cósmicos e neutrinos	IF
Reações Nucleares entre Íons Pesados	Departamento de Física Nuclear do Instituto de Física da USP
Resposta de detectores de Germânio; determinação de seções de choque de bremsstrahlung para elétrons	IFUSP- FEP
Teoria Quântica de Campos aplicada à Matéria Condensada	Departamento de Física, Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Juiz de Fora
Teórica	Dep. de Física - UFMG

Tabela6: Distribuição Biologia: Área de Atuação/Unidade (24 elementos)

Anatomia Vegetal	Unicamp, Instituto de Biologia, depto de Biologia Vegetal
Bioética Ambiental	PUCPR
Bioinformática	IB, Genética e Biologia evolutiva
Biologia Celular	Instituto de Biociências-Unesp- Rio Claro
Biologia e Evolução de Moluscos	Instituto de Biociências, Departamento de Zoologia
Câncer	UNESP
Controle pós transcricional da Expressão Gênica	IBB/UNESP/Botucatu
Ecologia comportamental	Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, USP
Ecologia, sistemática, evolução e conservação	Departamento de Biologia Animal - Instituto de Biologia - Unicamp
Estresse, comunicação química e defesa antipredatória em animais aquáticos	Instituto de Biociências de Botucatu, UNESP
Etanol e reprodução	Anatomia IBB/UNESP
Evolução de microrganismos eucariontes	IB-USP, Depto de Zoologia
Fatores de virulência em colibacilos e virulência do fungo <i>Batrachochytrium dendrobatidis</i>	Instituto de Biologia
Fotossíntese e relações hídricas de espécies	Universidade Estadual de Campinas, Instituto de

cultivadas	Biologia, Depto. Biologia Vegetal
Genética Médica	USP, Instituto de Biociências
Genômica aplicada a Biotecnologia de Plantas e microorganismos	Instituto de Biologia
Imunologia	IB, UNICAMP
Metabolismo secundário em plantas	Biologia Vegetal
microbiologia de alimentos	Departamento de Microbiologia/IB/UNESP/Botucatu
morfofisiologia do sistema urinário	Departamento Anatomia/Instituto de Biociências/UNESP
Sistemática e evolução de Coleoptera (Insecta)	Instituto de Biociências-USP, Departamento de Zoologia
Sistemática e evolução de organismos meiofaunais	Instituto de Biologia, Departamento de Biologia Animal
Utilização da CAM (Membrana Corioalantóica de Embrião de Galinha) para estudos de vasos sanguíneos.	PUCPR, Ciências Biológicas
virologia	Unicamp

Tabela 7: Distribuição Psicologia: Área de Atuação/Unidade (40 elementos)

Altas habilidades/superdotação, inteligência, criatividade	Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PED
Análise Aplicada do Comportamento / Interação mediada pela internet	Instituto de Psicologia - UFBA
Análise do Comportamento aplicada a contextos de educação e saúde	Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento
Análise do Comportamento no Contexto Clínico e Educacional	Departamento de Psicologia da PUCPR
Análise Experimental do Comportamento	UFMG - FAFICH - Departamento de Psicologia
Análise Institucional	FCL/UNESP, Assis, SP
avaliação psicológica e diferenças individuais	UFMG
Behaviorismo Radical e Cultura	Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento
Clínica e Desenvolvimento	Unesp, FC, Psicologia
cognição	dep. psicologia - ufsc
Comportamento simbólico, cognição e aprendizagem	Universidade Federal de Minas Gerais - FAFICH - Departamento de Psicologia
corpo, saúde, beleza e atração.	Departamento de Psicologia - UFSC
Cultura, modernidade e subjetividade	Departamento de Psicologia - UFMG
Dependência química, tabagismo	Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Psicologia, Farmácia, Odontologia
desenvolv humano cultura e self	UnB Psicologia Escolar e do Desenvolvimento
Desenvolvimento Humano	PUC-Rio
Desenvolvimento Psicologia e Psicologia Ambiental	Departamento de Psicologia/UFSC
Estudos de Gênero e LGBT	UNESP, Campus de Assis, Departamento de Psicologia Clínica
História da Psicologia	PEPG Psicologia Social e PEPG Psicologia Experimental
Imaginário Social e Educação	Psicometria/Instituto de Psicologia/UFRJ
Mapeamento da arquitetura cognitiva	UFMG, PSICOLOGIA

Metodologia/ Ensino r	PUC/SP - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação
Organizações e Trabalho	UFSC-Depto Psicologia
Orientação Profissional e de Carreira	UFMG, Departamento de Psicologia
Processos Clínicos	Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Psicologia geral e Aálise do comportamento
Processos Cognitivos	PPB, Instituto de Psicologia da UnB
Processos Educativos e Psicologia Escolar	Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia
Processos Psicossociais e Coletivos	UFRJ, Instituto de Psicologia
Psicanalise	Ufrj
Psicobiologia	UEL, Dep. Psicologia Geral e Análise do Comportamento
Psicologia Clínica	UNISINOS
Psicologia Crítica do Trabalho	P.E.P-G Psicologia Social PUC-SP
Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	UNESP/Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho
Psicologia do Desenvolvimento Humano: Tratamento e Prevenção Psicológica	UNESP, Departamento de Psicologia, Faculdade de Ciências
Psicologia e Processos Clínicos	Universidade Federal de Goiás - Regional Jataí
psicologia forense	UEL
Psicologia Organizacional e do Trabalho	UFSC- Dep. Psicologia
Psicologia Social	Psicologia, UFMG
Relacionamentos, Comunicação Não Verbal	UNESP, D. Psicologia
Violência, gênero e família	UNiversidade Federal de Goiás, Curso de Psicologia

Tabela 8: Distribuição Filosofia: Área de Atuação/Unidade (35 elementos)

Desenvolvimento Humano	PUC-Rio
Epistemologia	Filosofia
Estética e Filosofia Política	PUCSP- Filosofia
Ética	Ufba - FFCH
Ética e Epistemologia	UFSP/Departamento de Filosofia
Ética e Filosofia Política	Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Filosofia
Ética e Metaética; Fenomenologia e compreensão	Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Filosofia
Ética normativa e Metaética	Filosofia
filosofia	puc-sp
Filosofia Antiga	UFRN
Filosofia Antiga/Ética Antiga	UFRGS, Departamento de Filosofia
Filosofia Contemporânea, Estética, Filosofia Moral	Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Ouro Preto
FILOSOFIA DA CIÊNCIA	FIL- UnB
FILOSOFIA DA CIÊNCIA	UEL, DEPTO DE FILOSOFIA

Filosofia da ciência e da tecnologia	Departamento de Filosofia da UFSC
Filosofia da Linguagem	UFSM/Filosofia
Filosofia da Linguagem	Universidade Estadual de Londrina - Departamento de Filosofia
Filosofia da linguagem e da lógica	Puc, filosofia
Filosofia da Linguagem e Educação	UFSM, Depto. Filosofia
Filosofia da Mente	UFC, Filosofia
Filosofia da Mente e da Ação	Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP - campus de Marília
Filosofia da Religião	Departamento de Filosofia UnB
Filosofia Medieval	Depto de Filosofia
Filosofia Política	PUC-SP, departamento de Filosofia
Fundamentos da Matemática, Wittgenstein	Fafil, UFG
História da Filosofia	Unesp
Historia da Filosofia Antiga	UFSCar, Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências
História da Filosofia Antiga	UFSM
História e Filosofia da Ciência	Filosofia/UFPR
Interações entre Filosofia e Educação	Filosofia
Metafísica e epistemologia	UFSM, Dept. Filosofia
Metafísica e Filosofia da Mente	UFSM
Mutagênese	UNESP, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Departamento de Fonoaudiologia
Tópicos em História da Filosofia	Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto

Tabela9: Distribuição por cargo (geral), Q-PRP

Professor Assistente	10	6%
Professor Doutor	44	26%
Professor Associado	41	24%
Professor Titular	23	13%
Professor Substituto	6	4%
Professor Voluntário	3	2%
Professor Adjunto	50	29%
Professor Aposentado	12	7%
Outro	2	1%

Quanto ao quesito da religião, encontramos:

Tabela 10: Distribuição geral quanto à religião (Q-PRP):

1.Católica Apostólica Romana	48	28%
2.Judaica	1	1%
3.Islâmica	0	0%
4.Luterana	0	0%
5.Metodista	1	1%
6.Presbiteriana	1	1%
7.Batista	0	0%
8.Evangélica (favor especificar, se desejar, no item 8.A)	1	1%
9.Umbanda	2	1%
10.Candomblé	0	0%
11.Uma outra religião de origem africana ou afro-brasileira (favor especificar, se desejar, no item 8.A)	0	0%
12.Espiritismo Kardecista	15	9%
13.Budista (favor especificar, se desejar, no item 8.A)	1	1%
14.Alguma outra religião oriental (favor especificar, se desejar, no item 8.A)	0	0%
15.Wicca	0	0%
16.Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus	14	8%
17.Sou agnóstico(a), ou seja, não pertencço a nenhuma religião, tenho dúvidas quanto à existência de um Ser Divino, mas não nego a possibilidade de sua existência.	40	23%
18.Sou ateu/atéia.	47	27%
19.Sou esotérico(a).	1	1%
20.Outra, não apontada acima (favor especificar, se desejar, no item 8.A)	12	7%

Curiosamente, 28% é Católico(a). Mas, novamente, grande número de ateus/ateias (27%) e agnósticos (23%) foi encontrado. Os comentários referentes a esta questão (campo 'outros') encontrados foram:

única Católica em família judia; me considero cristão, mas não frequento missas e tenho crenças não autorizadas pela ortodoxia católica, como, por exemplo, crença na reencarnação; Não praticante; espírita; Não tenho interesse em religião; Panteísmo informal: adoro o Cosmos; Cristão; VIDA; não sou adepto a nenhuma religião (apenas isso) faltou essa opção que na minha opinião não significa ser ateu; Espiritismo; Não chego nem a acreditar ou não; acho o tema irrelevante; Espírita; judaico-adventista; No papel sou católico, mas isso é uma mera formalidade/tradição familiar; Não é um tema para mim; Raramente praticante, minha família era dessa religião e tive mais contato e segui as etapas da mesma como batismo, comunhão, etc; livre-pensador; Racionalista Cristão

Participaram 120 homens (70%) e 51 mulheres (30%), numa média de idade de 48 anos. No Q-PRP, foram 5 as questões destinadas ao fator 'experiência com percepção extrassensorial' (19, 20, 21, 22 e 31) e 7 aquelas

referentes às 'experiências extra-motoras' (24, 25, 26, 27, 28, 29 e 30), somando 12 questões relativas às alegações de experiências parapsicológicas clássicas (ESP e PK). 3 dos itens do Q-PRP abordaram também o aspecto das crenças paranormais e a hipótese da sobrevivência (telepatia, telecinesia e reencarnação). Antes de tecermos reflexões sobre estes dados, passemos para uma exposição dos resultados que encontramos por Unidade/Área X Conjuntos (de PES, PK e Crenças).

As questões relativas às crenças são:

10. Você acredita que a mente tem capacidade de captar informações de outras mentes e/ou do ambiente sem a utilização da visão, da audição, do tato, do paladar ou do olfato?

11. Você acredita no poder da mente sobre a matéria, ou seja, que a mente é capaz, por exemplo, de movimentar objetos sem que estes sejam tocados ou sem usar qualquer força física conhecida?

12. Você acredita em reencarnação, ou seja, que é possível, depois da morte, voltar à vida terrena em um outro corpo?

Experiências relacionadas à percepção extrassensorial foram:

19. Você já sonhou de modo bem claro e específico com algum fato ocorrido antes, durante ou depois do momento em que você estava sonhando, sem que você tivesse conhecimento do fato previamente ou não estivesse esperando que aquilo acontecesse?

20. Você já teve, enquanto acordado(a), um forte sentimento (intuição), impressão ou "visão" de que um fato inesperado tivesse acontecido, estava acontecendo ou iria acontecer e soube, mais tarde, que esse fato realmente aconteceu?

21. Alguma vez, enquanto estava acordado(a), você já teve a nítida impressão de ver, ouvir ou ser tocado por alguém ou alguma coisa, sendo que essa impressão não parecia ser devida a nenhuma causa externa física ou "natural"? (Por favor, não inclua aqui experiências com figuras religiosas.)

22) Alguém já lhe contou que teve um sonho, "visão" ou intuição que parecia conter uma informação sobre um fato envolvendo VOCE, sem que tal informação pudesse ter sido adquirida por alguma via "normal" ou convencional?

31) Você já esteve ou morou em alguma casa ou lugar que você acreditava ser "assombrado"?

As experiências no campo extra-motor envolveram os seguintes itens:

24) Você já presenciou algum objeto se mover "sozinho" e/ou se quebrar sem que fosse possível descobrir algum meio natural ou físico responsável pelo movimento ou pela quebra?

25) Voce ja presenciou luzes se acenderem e/ou se apagarem repetidamente ou aparelhos elétricos se ligarem sozinhos, ou pararem de funcionar, de forma "misteriosa" sem que aparentemente houvesse algum problema com esses aparelhos ou com a energia eletrica no local?

26) Voce ja presenciou o aparecimento de agua em um local sem que fosse encontrado algum vazamento ou alguem que fosse responsavel pela origem daquela agua?

27) Voce ja presenciou o aparecimento de fogo (pequenos incendios) sem que aparentemente alguem tivesse ateado fogo no local ou sem que o fogo tivesse sido gerado por algum problema eletrico?

28) Voce ja presenciou tijolos ou pedras caindo ou que apareceram dentro de um local fechado (casa, apartamento, escritorio, escola, igreja etc) sem que aparentemente alguem tivesse atirado esse material para dentro do local?

29) Voce ja presenciou o aparecimento de dejetos (fezes, lixo) ou terra em mantimento e/ou comida preparada, e/ou infestação repentina de insetos sem que pudesse encontrar um motivo normal para essa ocorrencia ou alguem que fosse responsavel por isso?

30) Voce ja sentiu correntes de ar (vento) e/ou quedas repentinas de temperatura dentro de um local onde nao houvesse nenhuma janela ou porta aberta nem sistema de ar ou ventilação que pudessem causa-las?

Muitas das alegações acima podem remeter à ideia de um agente volitivo não-físico, um “espírito”. Mas a hipótese de psicocinesia abrange essas possibilidades, pois se trata de ação (consciente ou não) de “forças” referentes às pessoas. Seriam, pois, casos de poltergeist e não de *haunting*. No primeiro caso, o “epicentro” é humano e a operação – suposta – é através da psicocinesia. A chamada ‘assombração’ ou *haunting* remeteriam a fenômenos ligados a casas e a locais específicos e não a pessoas. Mas tal distinção não é exata, ainda que forneça um parâmetro para se considerar o assunto. Sigamos aos dados.

Tabelas 11 – Cientistas X Conjuntos (Crenças, PES, e PK)

Quanto às crenças:

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
86	37	48	171

Q10

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
112	34	25	171

Q11

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
115	36	20	171

Q12

Novamente, a crença na telepatia (Q11) foi mais a mais evidente de todas, com 28% de aceitação em relação às crenças em PK e reencarnação (cerca de 13%). Entretanto, a maioria alegou não crer nestas alegações. No geral, 61%. Mas é curioso observar que a telepatia é a 'menos negada' destas crenças...

Quanto às experiências em percepção extrassensorial (PES), observamos:

1.não	2.sim	Total geral
124	47	171

Q19

1.não	2.sim	Total geral
120	51	171

Q20

1.não	2.sim	Total geral
139	32	171

Q21

1.nao	2.sim	Total geral
127	44	171

Q22

1.nao	2.sim	Total geral
158	13	171

Q31

De maneira geral, 78% alegou não ter tido uma experiência envolvendo ESP e 22% sim. Mas consideradas isoladamente, Q19 e Q20 alcançaram 29%

de respostas positivas, isto é, envolvendo casos de premonição em sonho ou na vigília. Mas os dados nos conduzem a afirmar que uma postura não-experienciadora predomina na amostra em questão, quanto à ESP.

Referentes às experiências de PK (extra-motoras):

nao	sim	Total geral
158	13	171

Q24

nao	sim	Total geral
160	11	171

Q25

nao	sim	Total geral
170	1	171

Q26

nao	sim	Total geral
170	1	171

Q27

nao	sim	Total geral
168	3	171

Q28

nao	sim	Total geral
166	5	171

Q29

nao	sim	Total geral
156	15	171

Q30

Aqui, ainda menos pessoas alegaram ter vivenciado uma experiência extra-motora. Das respostas coletadas, 96% alegou não ter vivenciado nenhuma experiência a este respeito e apenas 4%, que sim.

Os resultados globais, ao menos nesta análise elementar, revelam que a maioria dos cientistas contatados não acredita e nem alegou ter vivenciado experiências extrassensoriais e extramotoras. Será que isto pode ser

compreendido pela natureza da amostra? Se sim, seria lícito investigar até que ponto o *modus operandi* acadêmico (cuja linha-mestra é notadamente materialista) foi ‘incorporado’ pela subjetividade dos cientistas, pois falar de experiências implica em investigar um espaço subjetivo que não necessariamente está subjugado às determinações de seu meio (no caso, o científico). Até que ponto a pessoa deixa de existir para ceder lugar ao acadêmico? Vale notar que a pesquisa, já no Termo de Consentimento, fez referência ao estudo de ‘crenças e experiências anômalas em cientistas’. Ou seja, querendo ou não, o enquadre acadêmico, científico (não-metafísico), foi sugerido.

Considerando que existem relação intrínsecas entre as crenças e as experiências, foi consistente termos encontrado baixos índices de crenças bem como baixos índices de experiências anômalas. Se existe ligação causal entre a crença e a experiência, como determinar se o resultado geral desta equação diz mais respeito a algo da ‘realidade’ ou aos esquemas interpretativos do sujeito? Se compreendermos a ciência como um esquema de interpretação da realidade, cuja finalidade é atingir o Real e se for sugerido que nesta interpretação não há espaço para a metafísica, então estes resultados podem ser compreendidos, também, como uma espécie de ‘confirmação da interpretação científica do mundo’, por parte dos cientistas investigados. Bom, isto é de certa forma óbvio. Mas uma coisa é afirmar abstratamente e outra é partir de certa constatação empírica (ainda que limitada e elementar, é verdade).

Mas estas reflexões são também apenas uma interpretação possível. Afinal, os itens do Q-PRP foram redigidos de forma *descritiva*, de modo a

afastar as interpretações por parte dos respondentes, no ato da resposta. Neste caso, seria possível aventar que as interpretações científicas se arraigaram tanto na visão de mundo dos sujeitos que operaram de forma a ‘barrar’ a ocorrência destes fenômenos, já que há debates sobre PSI ser uma capacidade treinável. Será que, se tivéssemos consultado Professores ou estudantes de Música, o resultado seria diferente? Eis um público interessante, pois poderia servir como ‘medida’ desta hipótese. Claramente, nosso foco foi a ciência tradicional, sobretudo porque envolveu a Física (a mais tradicional delas) e a Biologia, ciência de igual magnitude e importância na história das ideias.

Só podemos tracejar explicações. Sigamos agora às especificidades por grupo.

Tabelas 12 – Física X Conjuntos (Crenças, PES, e PK)

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
40	11	21	72

Q10

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
53	9	10	72

Q11

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
50	13	9	72

Q12

Quanto às crenças em PES, os físicos em sua maioria acusaram pela negativa. 66% afirmou não crer e 18%, o contrário. Ainda que de forma discreta, a telepatia surge como a ‘menos negada’ das alegações, com 29% de

aceitação. Em média, 72% dos físicos afirmaram não crer tanto em PK quanto na reencarnação. De fato, isto é consistente com a definição de telecinesia, que envolve forças não-físicas e não-motoras, considerando que a física se detém, justamente, naquilo que é físico e motor.

As experiências em ESP junto aos físicos revelaram que

1.não	2.sim	Total geral
54	18	72

Q19

1.não	2.sim	Total geral
54	18	72

Q20

1.não	2.sim	Total geral
63	9	72

Q21

1.nao	2.sim	Total geral
65	7	72

Q22

1.nao	2.sim	Total geral
67	5	72

Q31

No geral, 16% alegou ter tido experiência no domínio extrassensorial e 84% alegou não ter vivenciado tal evento. Novamente encontramos maior experiência positiva na precognição (sonho e vigília), com 25% contra 75% não-experenciadores.

Em PK, encontramos

nao	sim	Total geral
65	7	72

Q24

nao	sim	Total geral
71	1	72

Q25

nao	sim	Total geral
72		72

Q26

nao	sim	Total geral
72		7

Q27

nao	sim	Total geral
71	1	72

Q28

nao	sim	Total geral
72		72

Q29

nao	sim	Total geral
67	5	72

Q30

Este resultado foi bem contundente, mas seguiu a tendência geral. 97% afirmou não possuir experiência no domínio de PK e apenas 3% sinalizou pela positiva. É possível, contudo, que isto derive da própria característica da física como disciplina do material e do motor por excelência. Se isto for provável, deveríamos encontrar diferenças nas respostas em disciplinas onde o foco principal não esteja explicitamente repousado em processos físicos e materiais.

Tabelas 13 – Biologia X Conjuntos (Crenças, PES, e PK)

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
12	5	7	24

Q10

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
--------	-----------------	--------	-------------

14	6	4	24
----	---	---	----

Q11

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
15	6	3	24

Q12

41% dos biólogos afirmaram crer nestas alegações anômalas e 57% não. É um valor quase equilibrado, considerando o baixo número da amostra. Curiosamente, neste caso a telepatia seguiu a tendência de crença negativa em PK e na reencarnação. 29% afirmaram crer nela. Ainda que a expressão de estatística descritiva neste caso seja semelhante ao caso da física (mais do que semelhante aliás, é igual), a diferença direta entre os que afirmaram crer e não crer foi de 5 pessoas (no caso da física, foi de 19). É de se supor que a biologia, para a qual as relações entre o organismo e o meio ocupam posição importante, avalie a 'telepatia' como uma forma ainda desconhecida de comunicação e que pode, eventualmente, envolver meios conhecíveis mas ainda não conhecidos de interação física mesmo. Seria algo que poderíamos aventar. Entretanto, também aqui a telepatia figura como a 'menos' negada das crenças paranormais.

Experiências em PES junto aos biólogos:

1.não	2.sim	Total geral
17	7	24

Q19

1.não	2.sim	Total geral
17	7	24

Q20

1.não	2.sim	Total geral
18	6	24

Q21

1.nao	2.sim	Total geral
19	5	24

Q22

1.nao	2.sim	Total geral
20	4	24

Q31

Assim, 76% afirmou não ter tido experiência em domínio da PES e apenas 24%, sim. Estatisticamente, pelo baixo número da amostra, todos os itens demonstraram semelhança. Entretanto, estes índices seguiram a tendência geral.

Quanto ao domínio de PK:

nao	sim	Total geral
24	0	24

Q24

nao	sim	Total geral
21	3	24

Q25

nao	sim	Total geral
24		24

Q26

nao	sim	Total geral
24	0	24

Q27

nao	sim	Total geral
24	0	24

Q28

nao	sim	Total geral
24	0	24

Q29

nao	sim	Total geral
21	3	24

Q30

Novamente, PK aparece como o domínio menos vivenciado. Apenas 3% afirmaram ter experienciado algo a respeito e 97%, não. Haveria alguma razão específica para isto? Por ora, não se pode inferir explicações mais do que constatar os conteúdos dos dados.

Tabelas 14 – Psicologia X Conjuntos (Crenças, PES, e PK)

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
20	8	12	40

Q10

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
24	9	7	40

Q11

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
25	8	7	40

Q12

57% dos psicólogos afirmou não crer nestas alegações e 22%, sim. Podemos notar também leve tendência à crença na telepatia (30%) em relação às demais.

1.não	2.sim	Total geral
25	15	40

Q19

1.não	2.sim	Total geral
24	16	40

Q20

1.não	2.sim	Total geral
29	11	40

Q21

1.nao	2.sim	Total geral
29	11	40

Q22

1.nao	2.sim	Total geral
36	4	40

Q31

Quanto às experiências em percepção extrassensorial, 71% afirmou desconhecer e 29% alegaram possuir conhecimento experiencial a este respeito.

nao	sim	Total geral
36	4	40

Q24

nao	sim	Total geral
35	5	40

Q25

nao	sim	Total geral
40	0	40

Q26

nao	sim	Total geral
40	0	40

Q27

nao	sim	Total geral
39	1	40

Q28

nao	sim	Total geral
36	3	40

Q29

nao	sim	Total geral
37	3	40

Q30

PK parece lançada ao ostracismo, pois mesmo as tendência por grupo não sinalizaram nenhuma espécie de outlier. 6% afirmou experiência neste domínio e 94%, não.

Tabelas 15– Filosofia X Conjuntos (Crenças, PES, e PK)

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
13	13	9	35

Q10

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
21	9	5	35

Q11

1. não	2. tenho dúvida	3. sim	Total geral
24	8	3	35

Q12

Em termos de crenças, os filósofos foram em 55% no ‘não’ e 16% no ‘sim’. 37% deles crê em telepatia e, novamente, é a alegação anômala menos negada (ou mais aceita). Isto é mesmo curioso... pois de certa forma, alinha-se às tendências laboratoriais da pesquisa anômala.

1.não	2.sim	Total geral
26	9	35

Q19

1.não	2.sim	Total geral
23	12	35

Q20

1.não	2.sim	Total geral
28	7	35

Q21

1.nao	2.sim	Total geral
23	12	35

Q22

1.nao	2.sim	Total geral
35	0	35

Q31

A grande maioria, 77%, alegou não ter vivenciado experiência pessoal junto à PES, e apenas 23% sinalizou pela positiva.

nao	sim	Total geral
32	3	35

Q24

nao	sim	Total geral
34	1	35

Q25

nao	sim	Total geral
33	2	35

Q26

nao	sim	Total geral
35	0	35

Q27

nao	sim	Total geral
34	1	35

Q28

nao	sim	Total geral
34	1	35

Q29

nao	sim	Total geral
31	4	35

Q30

5% afirmaram experiência junto a PK e 95%, não. Passemos a algumas considerações, prolongando o que viemos expondo, nas linhas situadas entre estas tabelas.

Tabela 16 – Visão Geral

	A	B	C
	S/N	S/N	S/N
1.Geral (171)	18/61	22/78	4/96
2.Física (72)	18/66	16/84	3/97
3.Bio (24)	24/40	24/76	3/97
4.Psico (40)	22/57	29/71	6/94
5.Filo (35)	16/55	23/77	5/95
	%	%	%

As colunas referem-se aos conjuntos de nossa investigação, onde A= crenças paranormais (que envolve telepatia, psicocinesia e reencarnação), B= experiência no domínio extrassensorial e C= experiências no domínio extra-motor. O debate mais “simples” parece envolver experiência PK. O resultado em cada grupo acompanhou a tendência geral. Poucos alegaram ter vivenciado experiência a este respeito. O que se pode falar a partir disso? Por envolver variáveis objetivas, talvez exista menor possibilidade de ‘engano sensorial’ ou ‘confusão mental’ em casos PK. Ou seja, é mais ‘simples’ decidir, por interpretação, quando houve e quando não houve um fato ou experiência anômala envolvendo PK, pois pode-se observar, diretamente, seja as pedras caindo no telhado, ou o fogo a queimar o cobertor ou o bule pulando da mesa de forma espontânea. Na medida em que nada disso foi observado ou vivenciado, conclui-se que não ocorreu PK. É verdade que o conceito de PK, atualmente, envolve uma diferenciação que atinge o não-visível ou mensurável

diretamente, como reações orgânicas e somáticas que apenas aparelhos poderiam detectar (micro-PK). Mas pelo entendimento fornecido pelo Q-PRP, trata-se de macro-PK, portanto, diretamente observável. A instância decisória psicológica, neste caso, age de forma mais segura, sensorialmente falando.

No caso dos resultados encontrados para vivências em percepção extrassensorial (ESP), as tendências grupais também acompanharam a tendência geral, mas diferiram em relação à PK. Neste quesito, B.(2,3,4,5), houve maior índice de alegação positiva quanto às vivências em PES ainda que em termos absolutos, a não-experiência tenha prevalecido. Mas partindo da análise específica entre PES e PK (e não entre cada um delas e os resultados absolutos), resulta que vivências em PES são mais frequentes do que em PK (ao menos, segundo os resultados aqui encontrados e de acordo com a análise feita, pois outros resultados e outros manejos estatísticos poderiam fornecer outros resultados²³).

A questão que se coloca aqui é: será que isto se deve, *de fato*, a uma experiência propriamente dita ou a uma interpretação desta mesma experiência? Ao contrário de PK, PES permite mais campo para a interpretação, dado que envolve uma série de alegações não diretamente observáveis, senão pelos seus processos. É um sonho que parece descrever o futuro, é uma intuição que leva a um conhecimento correto, são 'impressões de que algo está aqui presente' ou então relatos de outrem que envolvem a nossa pessoa mas que não temos como garantir tenha ocorrido tal qual nos foi transmitido. Enfim, é questão labiríntica que só pode ser compreendida por

²³ Como afirmou determinado Professor em aula, um tanto jocosamente: a estatística seria "um método de se torturar os números até que eles confessem aquilo que gostaríamos de escutar".

movimento dialético. ‘Experienciar’ e traduzir isto para relato verbal implica em classificar, seriar e numerar. Mas como realizar tudo isso sem a posse de algum esquema conceitual, específico ou mesmo incipiente? Por outro lado, para efeito fenomenológico, faz toda a diferença se o sujeito alega ter experienciado algo ‘anômalo’ ou não. No último caso, nada chama a atenção. Mas no primeiro, o fato da classificação ‘anômala’ ter-lhe surgido já indica um certo estranhamento com algo, em seu campo experiencial. Uma tensão foi posta. Algo ocorreu com ele que escapou ao já-conhecido. Assim, mesmo uma interpretação anômala sugere que existe um movimento anômalo em suas reflexões, do contrário, tal interpretação não teria ocorrido, pois tudo seria reduzido e interpretado ao já-conhecido. O caminho mais direto, contudo, seria partir simplesmente da veracidade do relato dos sujeitos aos responderem o questionário e é isso que uma postura fenomenológica, em parte, indica: acolher o fenômeno da maneira como ele surge, sem se perguntar ‘mas o que estará por *trás* dele?’. Ou seja, admitir que, nestas condições, tudo a que temos acesso seguro é mesmo o fenômeno, o que não afirma nem nega nada em relação à sua “essência”. De qualquer forma, o relato em PES é mais frequente que em PK. Ontologicamente, isto pode sugerir outros caminhos de reflexão, aliás.

A coluna ‘A’ verificou a questão da crença em telepatia, PK e reencarnação, temas clássicos em parapsicologia (ESP, PK e a hipótese da sobrevivência). De modo geral, os resultados dos grupos seguiram o resultado geral, implicando em uma maioria de não-crentes em PSI.

A seguinte análise qualitativa dará ‘voz’ e ‘subjetividade’ aos números, pois reuniram comentários espontâneos bem como respostas a perguntas que

enviamos num segundo momento empírico. Vejamos como isto pode nos auxiliar neste debate.

Qualitativos

Questionário de Crenças no Paranormal (QCP)

Estes comentários surgiram a partir de manifestações espontâneas dos respondentes, num campo extra que acrescentamos ao QCP, como “questão” final (tanto depois do QCP propriamente quanto após as perguntas demográficas, que foram colocadas ao final e não no início do questionário). Neste caso, todos os respondentes são da USP.

As solicitações foram:

Por favor, deixe algum comentário, se for de sua vontade, a respeito de suas impressões sobre este questionário

Agradecemos a sua paciência, seu tempo e sua disponibilidade em participar desta pesquisa! Caso deseje expressar alguma impressão final, por favor, sinta-se à vontade...

Reunindo as respostas por grupo, iniciemos com a exposição da Física

(7 respostas):

(F1) O questionário segue uma linha muito direta, não explorando a possibilidade de muitas das crendices funcionarem como um placebo!

(F2) E, o que você considera "paranormal"? Isso não tem variado ao longo dos séculos?...

(F3) Respondi "3-não sei" tanto nos casos que realmente não sei como nos casos em que julgo que não existem informações disponíveis pra fazer um julgamento correto. Sou cientista "exata" (física) mas sei que TUDO que se refere à "vida", "mente", "consciência" está "fora da física", não porque não existam, mas porque não sabemos o suficiente para integrar esse conteúdo no conhecimento científico "exato". Ou seja, faço uma separação muito clara entre o que conheço, e confio, como cientista, e o que conheço como "ser humano". Não tenho "conflitos" entre esses dois tipos de "conhecimento".

(F4) Muitos termos precisam ser bem definidos para que as respostas tenham um mesmo sentido para os entrevistados e para o entrevistador. Por exemplo, para a frase "Jogar moedas em lagos ou fontes ajuda na realização de desejos" marquei como "discordo totalmente", porque entendi que a afirmação se refere puramente ao ato de se "jogar moedas". No entanto, se se considerar que ao jogar uma moeda a pessoa mentaliza seu desejo e decide tomar atitudes que acabam fazendo com que ele aconteça, então sim, concordo que o ato de "jogar moedas" favoreceu a realização do desejo, não diretamente, mas indiretamente em razão de funcionar como um "lembrete", de manter a pessoa focalizada em realizar as atitudes certas para realizar seu desejo. Da mesma forma que esse simples exemplo, tive várias dúvidas nas respostas das perguntas, devido ao fato de não haver definições claras do que as afirmações significam.

(F5) Questionário interessante, mostrando que, mesmo com formação científica, acreditamos muito nos mitos populares!

(F6) No item G coloquei "outro" no regime de trabalho porque estou aposentada, mas continuo com ligação com a USP como "professor senior". Na ativa meu regime de trabalho era RDIDP. Continuo fazendo pesquisa e ativa em pesquisa, tanto nas minhas linhas tradicionais (matéria condensada, físico-química, biofísica, matéria mole) como em atividades de ensino (cursos de atualização para professores do ensino médio) e numa direção específica que desenvolvo em "evolução humana". Eu tenho "certeza" de muitas coisas "espirituais" pela minha vivência pessoal. Mas procura sempre "compatibilizar" essas certezas pessoais com o conhecimento científico. Considero esse o ponto mais importante de minha visão de mundo.

(F7) Gostaria de saber do resultado geral da pesquisa

Nestes comentários, sugestões de melhoria no instrumento apareceram em F1 e F4. A inexistência de conflito entre prática científica e crenças, em F6 e F3. Mas um aporte específico surgiu em F3, ancorando na física a questão do extrafísico.

"Sou cientista "exata" (física) mas sei que TUDO que se refere à "vida", "mente", "consciência" está "fora da física", não porque não existam, mas porque não sabemos o suficiente para integrar esse conteúdo no conhecimento científico "exato". (F3).

Esta observação foi muito interessante pois veio ao encontro das confabulações de Rhine a respeito da questão parapsicológica. A respondente

situou a questão como pertencente ao domínio da vida, da mente e da consciência, mas expressou a ideia de que elas estariam situadas 'fora da física'. Apontou que, pelo conhecimento físico, é complexo assimilar estes conteúdos. Isto pode auxiliar a explicar, em parte, os resultados que obtivemos quanto às crenças negativas em relação à PSI. Destas falas, este foi o único exemplo que executou alguma tentativa clara de ancoragem do objeto anômalo pelo grupo conceitual específico.

Quanto à Biologia, foram encontrados os seguintes comentários (14 respostas):

(B1)Sou ateu e, portanto, bastante cético quanto à fenômenos paranormais e afins.

(B2)Não tenho nenhuma vivência pessoal ou conhecimento teórico, ou erudição, sobre crenças paranormais. Como o questionário inclui referências ao divino e ao satânico, entendo que fé religiosa é considerada como crença paranormal. Assim o máximo que já tive de aproximação com o objetivo do questionário foi um pouco de curiosidades sobre as diferentes religiões.

(B3)Em vários casos, a opção escolhida o foi por problemas de lógica na própria elaboração da questão, não por não ter entendido ou desconhecer a crença. P. ex., como não existem atividades "paranormais", as questões relativas a elas ficaram prejudicadas, pois respondi com "discordo", mesmo as vezes concordando com a segunda parte do enunciado (já que a manifestação, em si, pode ser real, mas explicada cientificamente, e não por paranormalidade). P. ex., "aura" é simplesmente o campo eletromagnético em torno dos seres vivos, provocado pela ação nervosa e muscular, que elasmobrânquios e alguns outros vertebrados percebem muito bem. Por não seria possível que alguns humanos a visualizassem? Não é fenômeno paranormal. Outros exemplos são os casos de sugestão influenciando na cura de pacientes, como nas cirurgias espirituais, certamente não eficazes somaticamente, mas que trazem benefícios psíquicos. Outros exemplos de problemas de elaboração da questão: 27 - existem muitas formas de inteligência, se se tratar de inteligência associada ao desenvolvimento humanoide, certamente não; 49 - de quem e no que consistem esses "poderes"? Novamente, efeito placebo é um fato e certamente contribui para a melhoria de doentes; 60 - a empatia não deixa de ser uma forma de transmissão de pensamentos, cientificamente explicada e amplamente usada

por mediuns, cartomantes e outros charlatões do tipo. Enfim, seria importante ter espaço para observações em cada questão.

(B4)Achei difícil responder, pois para mim faltaria uma caixinha contendo "outros" ou "dependendo da convicção da pessoa". Como não havia esta possibilidade pensei mais em mim pessoalmente e não no que seria válido para outros. Acredito sim que se alguém acredita de fato nestas coisas ele pode ser influenciado por elas.

(B5)Em alguns momentos fiquei em dúvida se deveria responder, pois nunca tive contato concreto com uma dada situação, mas respondi pensando simplesmente se eu acreditava ou não naquela situação. Então, para facilitar questionários futuros, eu sugiro que no início de cada frase seja ressaltado "Você acredita que....?" Também acho que deveria ter um item que daria margem para interpretações alternativas. Por exemplo, poderes psíquicos, a meu ver, poderiam ser interpretados como a força de um comportamento psicológico reforçado e isso sim (a meu ver) poderia curar doenças de fundo psicológico. Porém, não acredito que alguém tenha poderes psíquicos para curar outra pessoa. Dessa forma, minha resposta nesse item foi "3" por não saber qual a interpretação do termo "poderes psíquicos". Senti um pouco de falta da possibilidade de explicações alternativas para alguns casos. Por exemplo, quando pergunta se "fenômenos paranormais estão além do conhecimento científico", eu gostaria de responder que "o conhecimento científico atual pode não explicar algumas situações, tanto por não existirem técnicas adequadas ainda, como por uma abordagem científica diferente que venha a se desenvolver no futuro". Dessa forma, acredito que poderia haver um campo em cada questão, de livre resposta ou explicação, quando necessário. Acredito que deveria ter sido fornecido uma espécie de "glossário" para saber se o entendimento do participante e do pesquisador sobre um tema (por exemplo fenômenos paranormais, atividades paranormais, promessa (religiosa ou pessoal?), poderes psíquicos, sorte, azar, etc) coincide.

(B6)Não acredito em sorte/azar; acredito que criamos nosso futuro com nossa mente, mesmo que involuntariamente. Portanto, não acredito que alguma coisa dê sorte ou azar, mas, se nos convenceremos disso, pode acontecer sim, mas quem criou foi a nossa mente

(B7)Algumas perguntas estão mal formuladas, do ponto de vista lógico ou de conhecimento. Isso às torna dúbias. Ex. 1 falta definir o que é fenômeno paranormal. Em uma perspectiva histórica, esses eventos no passado passaram a ter explicação no presente. Isso afeta 10 também, que tem outra falácia lógica - ao assumir que provará algo contra no futuro, então eu assumirá que concordo no momento... Na realidade, simplesmente ignoro dogmas, logo não há como contrastá-los com ciência. Mas respondi pela sua lógica. 6 na realidade é uma pergunta sem resposta, porque não trata apenas da crença em Deus, mas também na crença de Salvação, que tem uma conotação religiosa. Como não creio nem em um nem em outro, não há resposta possível (embora tenha assinalado 1 para satisfazer uma possível lógica sua, mas que reitero incorreta) 26 como posso dizer que algo que não existe está além ou aquém de algo que existe? Ou seja, erra na lógica de que as respondedores

acreditam em fenômenos paranormais para responder essa pergunta. Seria como responder se a existência de papai Nobel está além da ciência - é lógico que isso nem é discutido por ciência, porque não faz sentido discutir o que não existe. Novamente, respondi "pela sua lógica" para te ajudar na estatística, mas a questão não tem sentido lógico. 62 vaga, sem direcionamento. De maneira absoluta, claro que não. Mas historiadores e antropólogos, entre outros, "descobrem" o passado de alguns fatos. Economistas tentam prever o futuro, e físicos teóricos modelam possibilidade de ocorrência no futuro. Ou seja, depende do que você fala. Respondo pensando de maneira absoluta.

(B8) Há conceitos que podem ser interpretados de diferentes formas. Assim, fica um tanto ridículo responder o questionário. Por exemplo, ninguém me demonstrou a existência de Deus, por tanto não acredito nele, porém se alguma vez a sua existência é demonstrada, é provável que racionalmente aceite a sua existência. Fenômenos "paranormais" o que são? sem dúvida a nossa atividade cerebral é energia química e elétrica, muito provavelmente no futuro próximo consigamos entender muitos processos que hoje chamamos de "paranormais" e que hoje estão no limiar do conhecimento científico. Se alguém 500 anos atrás teria falado da internet quem teria achado que seria possível????

(B9) Afirmações 4 e 31 = a resposta "Concordo" é condicionada à existência de um efeito placebo Afirmação 10 = sempre haverá crença em fenômenos paranormais a despeito do que as "pesquisas científicas" mostram Afirmações 17 e 24 = a resposta "Discordo Totalmente" é condicionada ao uso do verbo "dever" no sentido de "obrigação" Afirmações 20 e 47 = algumas pessoas podem acreditar que vêm ou mesmo ver algo que julgam ser a tal aura. Da mesma forma, algumas pessoas podem acreditar que praticaram um exorcismo

(B10) Além desta parte quantitativa, a qualitativa deve trazer muito mais informação e riqueza...Gostaria de ser informada sobre o resultado deste trabalho.

(B11) Espero que nos retorne algo.
Não permito divulgação de nomes

(B12) A maneira por que me defino "atéia" deve ser esclarecida - não sou uma pessoa que não "acredita" em deus(es) e, sim, no sentido de R.Dawkins, considero tais entidades sobrenaturais (incluindo o Deus das três religiões monoteístas mosêmicas) tão improváveis quanto quaisquer outros seres das diversas mitologias e, portanto, igualmente irrelevantes.

(B13) Não sei se os limites do perfil de respondente não estaria prejudicando a minha participação ao preencher o questionário. Explico: estou aposentado desde 2012 e com poucas atividades ainda envolvendo docência/pesquisa. Apenas faço extensão, como prestação de serviços na comunidade USP, como voluntário no Hospital Universitário.

(B14) Não sigo nenhuma religião, mas sim uma filosofia de vida, sou Rosacruz

Respostas muito densas e que, se prosseguissem no assunto, permitiriam muitos desdobramentos interessantes, ainda que teóricos. Algumas observações de cunho religioso foram feitas (B1, B2). Mas o principal teor dos comentários dos biólogos se deu em cima da questão da formulação conceitual dos termos e da própria estruturação dos itens. Muitas sugestões neste sentido foram feitas em B5, B3, B7, B8, B9 e B10. Novamente, a questão da “mistura de assuntos” apareceu aqui, mediante a solicitação de melhor definição do que seria considerado ‘paranormal’.

No que interessa ao nosso tópico, observamos alguns aportes proporcionados pela temática do QCP pela Biologia e que poderiam ser vistas como tentativas de ancoragem. B3 é um excelente exemplo disto. Entende ‘aura’ como um “campo eletromagnético em torno dos seres vivos, provocado pela ação nervosa e muscular” que segundo o respondente “não é um fenômeno paranormal”. Já quanto à “transmissão de pensamentos”, localiza na “empatia” a sua fonte criadora. B8 aponta para futuros desenvolvimentos da ciência onde o ‘paranormal’ seria explicado. Parte da Biologia como região de ancoragem para executar seu raciocínio:

Fenômenos "paranormais" o que são? sem dúvida a nossa atividade cerebral é energia química e elétrica, muito provavelmente no futuro próximo conseguiremos entender muitos processos que hoje chamamos de "paranormais" e que hoje estão no limiar do conhecimento científico. Se alguém 500 anos atrás teria falado da internet quem teria achado que seria possível????

B12 cita Richard Dawkins em sua posição ateuista e iguala figuras divinas a entidades mitológicas que, desse ponto de vista, seriam “igualmente irrelevantes”. São observações de cunho conceitual, nas quais está clara o

papel da ciência neste processo. Mas constituem também caminhos estruturais para a melhoria do instrumento, sobretudo quando aplicado a esta população que parece ser mais exigente nos detalhes e nas definições dos conceitos empregados. Importa que, também neste caso, aportes na biologia foram feitos e isto era esperado, segundo as considerações que tecemos na parte metodológica.

Eis a voz dos psicólogos (6 respostas):

(P1)A pergunta 31 pode ter significados diferentes de acordo com quem nós comprometemos. Caso sejam outras pessoas ela tem um significado moral. Caso sejam entidades metafísicas o significado é religioso. O item 3 em uma escala likert de 5 itens é o neutro. Não sei em algumas perguntas não é neutro mas um ponto fora da curva.

(P2)Algumas das questões feitas precisariam especificar melhor a que se referem ou ser melhor contextualizadas. Por exemplo Cirurgias espirituais são tão eficazes quanto as cirurgias feitas na medicina tradicional.... questão muito relativa pois envolve fé que não é uma questão apenas médica. Outra questão "É possível que doenças sejam curadas através de poderes psíquicos" tb está colocado de forma absoluta... quando podem contribuir ou dificultar cura...

(P3)às vezes o questionário parece presumir certas ilações não necessárias ao raciocínio do entrevistado, por exemplo, " Rezar para o anjo da guarda traz proteção". é possível concordar com isso sem admitir a existência, em sentido ontológico, de entes como "anjos da guarda", uma vez que a mera crença em uma suposta proteção pode exercer influência pacificadoras para alguém. O questionário poderia explorar melhor esta diferença pragmática no contexto das práticas de cura.

(P4)Várias das perguntas são dúbias.

(P5)Alessandro, várias das suas perguntas sobre crenças podem ter respostas múltiplas, mesmo de um descrente.

(P6)Em alguns momentos percebi que não me enquadrava em nenhuma das possibilidades de resposta... poderia ao menos haver a alternativa "nenhuma das anteriores"

Os psicólogos versaram, em sua maioria, em observações de cunho metodológico para melhoria do instrumento, que conteria “perguntas dúbias” cujas formulações necessitariam de mais clareza (P1, P2, P4, P5, P6). Apenas um aporte foi verificado, em P3, na afirmação de que alguns procedimentos aparentemente anômalos, como rezar para o anjo da guarda, poderiam de fato auxiliar a pessoa, mas não pelas vias esperadas e sim por “influência pacificadora”, portanto, psicológica. Mas além disto, nenhuma referência apareceu em relação a conceitos próprios da Psicologia. Como a questão era um campo aberto cuja resposta era optativa (e não-direcionada), não é um dado muito surpreendente que isto não tenha aparecido, pois a questão, de fato, não solicitou esta tarefa. Diferente nos casos físicos e biológicos acima verificados, onde tentativas de ancoragens foram feitas, explicitamente.

Os filósofos também opinaram:

(Ph1) Assinalei muitas questões com "3" não porque desconheça o tema, mas é porque de fato não sei se é o caso (por exemplo, sei o que são habilidades paranormais, mas não sei se seu desenvolvimento requer ou não contínua dedicação pessoal); gerou-me alguma confusão e indecisão o fato de que a negativa para perguntas contendo "algumas pessoas" pode ser todas as pessoas" bem como "nenhuma pessoa"

(Ph2) O questionário parece colocar no mesmo plano crenças em coisas prováveis (como a eficácia da homeopatia, hoje reconhecida pela comunidade médica) e outras crenças em coisas totalmente improváveis (como a ação de demônios, duendes ,etc.

(Ph3) Há muitos tipos de questões misturadas: perguntas sobre superstições folclóricas, sobre narrativas religiosas, sobre a pretensa eficácia científica de certos métodos, etc. As razões para responder pelo mesmo número para cada tipo de questão podem ser muito diferentes, o que certamente não é capturado pela escala utilizada.

(Ph4) A maior parte das indagações estão mal formuladas e dificilmente podem ser contestadas racionalmente

(Ph5)O questionário, em algumas questões, mostra-se complicado pela simplificação excessiva (a qual entendo ser uma exigência desse tipo de procedimento). Como exemplo, a pergunta sobre se as pessoas morrem por vodu. Recordei-me do célebre texto de Lévi-Strauss sobre o feiticeiro e sua eficácia. As pessoas que acreditam em vodu, morrem por vodu. Acho isso perfeitamente compreensível, e alguns amigos da antropologia me reafirmam as conclusões de Lévi-Strauss: a certeza de que se foi atingido por um feitiço desencadeia processos físicos e psíquicos que podem conduzir a morte. Nada vejo de paranormal aí, contudo; a pré-condição é acreditar na magia do vodu (eu, por exemplo, que não acredito, nunca seria atingindo e, creio, jamais morreria por vodu). É uma nuance importante que penso perder-se com a simplicidade da pergunta. Num outro aspecto, igualmente, senti-me desconfortável ao responder. Pela lógica do questionário, parece que a crença em seres extraterrenos conduz a certo misticismo ou crença na paranormalidade. Pois bem, digamos que eu creio (ou antes, lembrando o filósofo Espinosa, seria possível demonstrar) que o universo é infinito. Em resumo, por regra não me restringiria a afirmar que no universo apenas nós terráqueos existimos existimos, temos vida, somos inteligentes. Isso nada tem a ver com discos voadores nem com paranormalidade, mas simplesmente com a afirmação de que a ideia de infinitude do universo (e portanto a negação de qualquer privilégio humano) nos obriga a mantermos o pé atrás quando simplesmente se nega a possibilidade de vida extraterra. Dois comentários apenas creio que bastam para relatar minhas impressões. Volto a dizer que entendo as dificuldades de se realizar uma pesquisa como esta e portanto o que digo aqui deve realmente ser entendido só como impressões, não como crítica. Boa sorte no trabalho.

(Ph6)Será preciso definir bem os termos na exposição dos resultados: o domínio "paranormal" parece não ter ligação necessária com as práticas e crenças religiosas (as quais podem envolver diversas variantes do "pensamento mágico"). Acho que o uso do termo "paranormal" como definidor do questionário não está perfeitamente correto!

(Ph7)Não sei se isso é importante para a pesquisa, mas é possível ser religioso sem que isso tenha qualquer relação com Deus, com deuses ou com a crença em qualquer entidade, natural, humana ou histórica que cumpra tal função.

Diversas observações metodológicas foram feitas e novamente, a questão das “perguntas misturadas” conduzindo a uma confusão conceitual apareceu em Ph2, Ph3, Ph4 e Ph6. Este último até afirma que “Acho que o uso do termo "paranormal" como definidor do questionário não está perfeitamente correto!”. Foi possível observar algum aporte na Filosofia, mas nas entrelinhas,

o peso da lógica parece desempenhar papel fundamental aqui, o que sugere que para a Filosofia, a lógica ocupa papel importante. Em Ph1 isto fica bem claro: “gerou-me alguma confusão e indecisão o fato de que a negativa para perguntas contendo “algumas pessoas” pode ser todas as pessoas” bem como “nenhuma pessoa”. Em Ph5, ocorre clara tentativa de ancoragem na Filosofia de Espinosa, embora este elemento no comentário soe mais como uma ponte de reflexão mais do que uma redução do anômalo no referido sistema filosófico. Para Ph5, ‘crer’ em extraterrestres não necessariamente implica na crença no paranormal, mas na consideração do universo como sendo infinito, até materialmente falando. Mas isto derivou da própria composição do questionário, que elencou de uma só vez muitas alegações de cunho distinto, mas que foram reunidas sob um mesmo epíteto, de ‘crenças paranormais’. Isto retoma alguns pontos que levantamos na própria exposição do QCP. O fato da autora estar ciente da existência de diversas dimensões ou fatores não quer dizer que, para o respondente, isto esteja igualmente claro. Mas esta é uma observação que visaria à melhoria do instrumento mesmo.

Como pudemos notar, diversas falas apontaram para o próprio instrumento (F1, F4, B3, B5, P1, P2, P4, Ph2, Ph3), isto apareceu em todos os grupos considerados. Já as tentativas de ancoragens foram realizadas em F3, B3, B8, P3, Ph5.

Mas estas falas foram espontâneas, não-direcionadas. No caso a seguir, solicitou-se, como tarefa, que se realizassem aportes junto aos objetos anômalos considerados.

Qualitativos

Questionário de Prevalência e Relevância de PSI (Q-PRP)

Neste tópico, optamos em explorar melhor as possibilidades ontológicas vinculadas às questões que apontavam para crenças paranormais no Q-PRP (questões 10, 11, 12 e 17). Isto pode soar paradoxal, mas consideramos que tal procedimento poderia acessar algum núcleo conceitual mais evidente, por se tratar do aparente embate entre dois sistemas de ‘leitura da realidade’: o científico, tradicional e o paranormal, onde algum elemento ‘não-físico’ poderia desempenhar papel importante. Em casos onde tal elemento não fosse considerado, o paranormal seria simplesmente explicado em termos perfeitamente normais, dentro dos cânones já conhecidos pela ciência (seja através de conceitos já existentes seja pela promessa de desenvolvimento científico futuro, onde seria então possível extrair o prefixo ‘para’ do qualificativo ‘normal’. Além disso, as três questões que abordaram as crenças paranormais, no Q-PRP, contemplaram as alegações clássicas (PES e PK) e a questão da sobrevivência. Assim, a questão ontológica foi contemplada através de elaborações conceituais, já que não se trata aqui de experimentos laboratoriais e sim de material relativo à produção narrativa (ainda que conceitual e científica).

Para tanto, a divisão foi feita através de dois grandes grupos, um de crença positiva e outro de crença negativa quanto às respostas fornecidas nas questões 10, 11, 12 e 17 do Q-PRP. Elas versaram sobre telepatia, precognição, reencarnação e a possibilidade do espírito sobreviver à morte. Ou seja, parapsicologia clássica e a questão da sobrevivência.

O primeiro grupo, não-crentes, forneceram respostas negativas a estas quatro questões e o outro grupo, crentes, respostas positivas. Aqui, o termo 'crente' não é exato, pois que falaremos então em 'respostas positivas' ou negativas para estas questões. A tarefa foi a de, simplesmente, justificar suas respostas através de aportes e conceitos de suas próprias disciplinas. A ideia central foi a de facilitar (e, em certo aspecto, de provocar) processos de ancoragem, ao mesmo tempo investigando suas ontologias, pois paradoxalmente, a crença aponta para a realidade ou não-realidade destes fenômenos ao passo que nas experiências, não há como saber se foram fruto de crenças prévias (validações subjetivas etc) ou em que medida foram engendradas pela objetividade do mundo propriamente dito. Um caminho mais direto de abordar a questão ontológica é a realização de experimentos, mas como não foi a opção que seguimos, abordamos a questão ontológica através de experimentos mentais, ou conceituais. Segue então as respostas que encontramos.

Respostas Negativas

Neste grupo, as respostas negativas foram concedidas às quatro questões consideradas, 10, 11, 12 e 17, sendo que a tarefa consistiu em responder a esta questão:

Prof. XXXX, grato por sua disposição.
Segue abaixo a pergunta.

"Dentre as respostas fornecidas no questionário, o senhor afirmou não acreditar na possibilidade da existência da Telepatia, da Psicocinesia (poder da mente sobre a matéria) e da reencarnação. Também afirmou ser improvável (ou impossível) a existência da sobrevivência do espírito após a morte.

Quais são as razões conceituais, a partir da [Sua Disciplina] em particular (ou da Ciência em geral), que impedem a ocorrência ou a existência de tais fenômenos e alegações?"

Caso deseje algum esclarecimento sobre a pergunta, por favor nos solicite.

grato por sua atenção,
Cordialmente
Alessandro.

Primeiramente, vejamos as respostas dos físicos (5 respostas):

(F1)Ha' duas maneiras de abordar as quatro questoes:a fisica teorica e a fisica experimental. Eu suponho que a telepatia e a psicocinesia iriam envolver acoes que acontecem em tempo real. A telepatia deveria envolver a detecao de leitura de neuronios de uma pessoa por uma outra pessoa. Embora atividade neuronal envolva a presenca de diferenca de potencial eletrica, nao tenho conhecimento de transmissao de ondas eletromagneticos de energia suficiente na pessoa transmissor para despertar atividade neuronal em uma outra pessoa. Menos provavel ainda seria a capacidade destas ondas mover um objeto macroscopico. A energia eletromagnetica seria insuficiente de promover estas duas atividades; portanto, nao vejo mecanismo para intermediar a transmissao de energia(no sentido de energia fisica que pode ser medida). Isto nao e' prova e nao tenho feito investigacao teorica no assunto. Em relacao a sobrevivencia do espirito apos a morte ou a reencarnacao, talvez fosse envolver uma "onda" de descricao(ou configuracao de campo eletromagnetico) ainda nao contemplada que poderia existir simplesmente apos a morte ou, ainda menos provavel, esta onda poderia ser transplantada para dentro de um corpo. Nao consigo imaginar tal forza e/ou energia em termos da fisica que poderia ser definida , muito menos medida. Do ponto de vista experimental, nao ha' conta de evidencia pois ninguem apresentou evidencia em resposta a um desafio do magico James Randi da CSICOP que oferece um premio a qualquer pessoa que poderia oferecer evidencia irrefutavel para este tipo de evento.

(F2)Sobre os exemplos que vc deu (telecinesia, telepatia, etc...) eu não tenho absolutamente nada a falar, e não colocaria o adjetivo "anômalo" mas sim em credence, e tem um livro do Carl Sagan (li em inglês com um título que tinha algo como...candle.... , não lembro o resto e não sei o nome em português).

Concordo integralmente com o que está lá e não tenho mais nada para falar sobre isto (e não creio que nenhum físico sério teria). Com relação a crenças e experiências anômalas tem um assunto muito mais interessante em física: Existem experiência que por diversas razões apresentam um resultado errado

ou uma medida muito imprecisa que muitos anos depois se mostram realmente erradas ou então com imprecisão tal que nada pode ser tirado dali. A crença neste caso seriam os trabalhos que os físicos fazem em cima disto, seguindo por caminhos estranhos que tem a ver mais com o desejo ou crença de um resultado ou teoria, do que uma análise séria de um evento ou experimento que depois se mostra errado. Estas "experiências anômalas" (=erradas, ou inesperadas) algumas vezes levam a discussões ferozes na comunidade (onde há algo que os psicólogos poderiam se dedicar). Em suma, não tenho nada a falar sobre as "outras" experiências anômalas mais ainda: experiência em ciência e em física é algo que pode ser repetido sob controle em qualquer situação. Isto não ocorre com nenhuma das experiências anômalas que vc falou. O livro de Sagan fala sobre isto. Aconselho a não perder tempo com isto.

(F3) Tem vários possíveis encaminhamentos para se responder isso. O primeiro é o princípio de buscar as explicações mais simples que expliquem um dado fenômeno. Veja a questão da reencarnação. O funcionamento de um organismo já é bastante complicado. Mas dá para ser bem entendido sem a necessidade de conceitos como alma, essencial para a ideia de reencarnação. De tudo que já vi, não me parece haver qualquer evidência sólida de reencarnação.

Então esta hipótese parece adicionar significativa complicação ao modelo sem qualquer ganho adicional na compreensão da natureza. Além disso, gera diversos problemas de ordem lógica se tentamos trabalhar simultaneamente com o conceito de alma e a biologia.

Com relação a telepatia e a telecinese, podemos apelar para princípios mais físicos, se você quiser. Para mover um objeto inicialmente em repouso, precisamos exercer uma força sobre ele. E não temos nenhuma indicação de que tal força exista. Mais que isso, esta força teria de ser de uma natureza diferente das forças que conhecemos hoje, ou teríamos identificado já a indicação dela. Isso significaria ter de rever essencialmente toda a física. Fora questões como conservação de energia e momento, questões de causalidade, efeitos não locais, etc. Algo semelhante vale para a telepatia, ainda que esta se pudesse tentar trabalhar com campos elétricos e magnéticos, não necessariamente com algo completamente novo. O problema é que tais campos cerebrais são tão ridiculamente tênues que são dificilmente detectáveis por sistemas extremamente sensíveis mesmo que próximos. e há uma distância enorme entre detectar a existência de um campo e transmitir informação (complexa) através dele. Não temos nenhuma estrutura que pareça apropriada seja para enviar, seja para receber tal tipo de sinal.

Então eu tenho, em resumo, um quadro em que evidências empíricas confiáveis são nulas ou, para ser generoso, escassas, e por outro lado a necessidade de se revolucionar boa parte do conhecimento acumulado até agora e que funciona extremamente bem, tanto empiricamente quanto conceitualmente. Vale aqui o princípio de que alegações extraordinárias exigem comprovações extraordinárias. é muita coisa que tem de ser jogada no lixo para que isso seja feito sem algo muito forte e sólido para embasar as demandas. E veja que a ciência não é dogmática e eu tento ao

menos manter uma mente aberta. Certamente não sabemos tudo e grandes revisões do conhecimento são necessárias (e feitas) eventualmente. Veja a relatividade e a mec. Quântica

Quando jovem me interessei muito por estes temas e li bastante a respeito. Estudei religiões (especialmente o espiritismo), mitologias. Não me considero um especialista no assunto, nem me lembro de muita coisa, mas sei do que estamos falando. E venho de uma família grande e antiga, que tem muitas histórias de deixar qualquer um impressionado. Mas se você analisa as coisas criticamente, sobra muito pouco. E cada vez mais entendemos como nossa percepção do mundo e, principalmente, nossa interpretação do mundo e nossa memória pode ser facilmente enganada e mesmo manipulada. Some tudo isso e não sobra nada. Algo que considero interessante, das minhas observações e conversas e que talvez você possa verificar na sua pesquisa, é que em geral quem acredita em "poderes da mente" também acredita em fantasmas, reencarnação, ou mesmo discos voadores e teorias conspiratórias diversas (a menos que tenha uma trava religiosa, especialmente no que diz respeito à reencarnação). Veja que não há implicações lógicas entre elas. Qualquer uma delas poderia ser verdadeira sem implicar que as demais também sejam verdade. Então eu tenho a tendência a achar que estas pessoas são mais propensas a acreditar em coisas (quase qualquer coisa) do que outros. Me parece mais um problema de cognição do que, de fato, evidências de que coisa extraordinárias estejam acontecendo.

(F4) Nos meus anos de Física e Astrofísica (4.5 anos de graduação, 2 anos de mestrado, 4 de doutorado e 5.5 anos de pós-doutorado) nunca precisei discutir os conceitos de telepatia, psicocinesia e reencarnação. Esses conceitos não fazem parte dos meus interesses científicos e nunca entraram nos meus estudos formais. Honestamente, não sei lhe informar se há grupos de físicos e/ou cientistas interessados nesses conceitos a ponto de refutá-los ou ratificá-los. Eu, pessoalmente e profissionalmente, não acredito nesses fenômenos (mais do que acreditar, não preciso preocupar-me com eles). Questões sobre o espírito ou o que acontece com o espírito após a morte não são AINDA de interesse da física. A teologia e a filosofia se encarregam dessas questões.

Espero que isso ajude.

(F5) Não acho que as ciências naturais tenham nada que refute hipóteses diversas sobre coisas sobrenaturais. A minha descrença na realidade desses fenômenos decorre da ausência de evidências factuais sólidas da sua ocorrência. O universo das coisas logicamente possíveis é infinito, nesse caso meu critério são as evidências empíricas.

Como principais justificativas para a não-aceitação das referidas alegações, encontramos observações de ordem metodológica ("não há como

replicar!", F2), da ausência de evidências empíricas (F3, F5), da não relação com a disciplina (F4), da não-necessidade de se levantar hipóteses complicadas sendo que existem hipóteses mais simples que podem explicar tais alegações, mas a ancoragem mais relevante, a nosso ver, ocorreu em F1, pois este afirma que é um tanto complexo tentar abordar fisicamente tais ocorrências, sendo que pelas vias físicas e materiais, isto não seria possível. Assim, resta a questão de como explicar fisicamente algo que por definição seria *extra* tanto sensorial quanto fisicamente. Contudo, no geral os físicos abordados parecem olhar de maneira aberta esta questão, afirmando que, talvez, possam ocorrer revisões na disciplina e na própria ciência (F3, F5).

Quanto aos biólogos (5 respostas):

(B1)Não posso falar pelas outras ciências, mas posso comentar sobre a biologia. Não existe nenhum experimento, ou conhecimento científico sobre processos biológicos que pudessem estar relacionados com a telecinese. Se a telecinese fosse um fato, teríamos que acreditar que, assim como um objeto pode ser movido, partes muito menores de outros seres poderiam ser deslocadas também, o que levaria a morte muitas vezes (uma boa parte dos movimentos de órgãos como coração, rins e cérebro levaria a morte do indivíduo). Também seria um problema do ponto de vista de dinâmica enzimática, processos celulares e evolução (se um copo enorme pode ser movido, o que diremos de pequenas moléculas dentro das células, ou de pedaços pequenos do DNA?). Sendo assim, a telecinese não se sustenta ao meu ver.

Sobre telepatia não tenho uma posição, mas de tudo o que conhecemos sobre transmissão de informação, a única possibilidade de transmissão de pensamentos para fora do corpo seria por meio de emanções elétricas, mas nosso cérebro aparentemente não produz tais emanções, e se produzisse, não se conhecem receptores específicos para reconhece-las em nosso corpo.

Sobre o espírito, serve o mesmo que mencionei acima. Nada se conhece que sustente a existência de uma alma não corpórea.

Entretanto, sou aberto às ideias de telepatia (em um certo nível) e de uma consciência não corpórea, mas não consigo achar possível a telecinese

(B2)Primeiramente, quero esclarecer a fundamentação para a resposta que vou dar. A minha resposta em essência é pessoal e não científica. Isso porque, como cientista, preciso de fatos para desenvolver interpretações. Sem

dados não existe ciência. Até onde o meu conhecimento alcança, não existem dados sólidos sobre Telepatia, Psicocinesia, reencarnação e sobrevivência do espírito após a morte. Justamente porque não existem fatos, também não se pode simplesmente negar a existência de tais fenômenos (você já viu um próton?). Logo, como eu não tenho nenhuma compreensão sobre a natureza destes putativos fenômenos, é impossível elocubrar sobre os eventuais "impedimentos" a partir da Biologia. Uma vez que existam mecanismos sugeridos para a execução de tais fenômenos, aí sim poderemos especular sobre sua possibilidade no mundo biológico.

(B3)Vou usar algumas comparações com conceitos que devem ser de comum conhecimento de todos, para responder à sua pergunta.

A aceleração da gravidade tem o mesmo valor (com pequenas variações menores do que 1%, devido à irregularidade da Terra) em qualquer ponto da superfície da Terra, e pode ser medido por qualquer pessoa com conhecimento técnico equivalente ao Ensino Médio. Entretanto, até hoje não se conhece "por quê" a matéria conhecida tem massa e atrai outros objetivos com massa, apesar de haver teorias bastante completas que tentam descrevê-la com muito sucesso, tal como o Modelo Padrão, e as partículas chamadas Bósons de Higgs (recentemente medido no laboratório do CERN, na Suíça). Mesmo assim, o desconhecimento fundamental motiva cientistas que trabalham na área, instiga estudantes, e não impede que possamos "medir" a aceleração da gravidade. As Ciências Naturais, e particularmente a Física, tem se desenvolvido, principalmente a partir do século XV, baseadas na premissa de que conceitos científicos devem ter respaldo experimental mensurável, e que pode e deve ser repetido por qualquer pessoa interessada.

A Telepatia, a Psicocinesia, a Reencarnação e a existência do Espírito, são todos conceitos que podem ser, em princípio, submetidos a testes simples de existência, ou até mesmo medidos de forma quantitativa. Nenhum teste seguindo qualquer tipo de metodologia científica mostra nenhum resultado mensurável: há apenas relatos duvidosos, impossíveis de serem refeitos, quando muito publicados em revistas de baixa conceituação científica. Este é um dos motivos para minha descrença nestes efeitos.

O segundo motivo é de ordem técnica: para que um objeto se mova, é preciso que a ele seja comunicada uma força. Este conceito já está bem estabelecido, e não há cientista no mundo que tenha motivos para duvidar dele. Equivalentemente, se um objeto se move, ele deve adquirir energia (energia cinética, por exemplo). Os conceitos de força e energia são equivalentes. De maneira complementar, não há até hoje nenhuma experiência que mostre que não haja Conservação de Energia em qualquer sistema adequadamente conhecido. Portanto, se um objeto se move (adquire energia cinética), esta energia deve vir de algum outro lugar. Se é o cérebro do autor da telecinesia, então deve vir dele esta energia. Infelizmente, o cérebro não "produz" energia suficiente, em alguns segundos, para mover nem mesmo um grão de feijão (menos ainda copos, com ou sem água), por alguns centímetros. Coloquei o verbo "produz" entre aspas porque estou me referindo ao consumo de

sacarídeos pelas células do sistema nervoso central, para "produção" da energia que é necessária ao funcionamento das células.

A Telepatia parte do princípio que é possível a comunicação não-verbal à distância. Para isto, o cérebro dos telepatas também deveria emitir energia, na forma de ondas (eletromagnéticas ou algum outro tipo, talvez ainda desconhecido). Novamente, o cérebro não "produz" energia suficiente para emissão desta energia extra, e nem mesmo o crânio tem formato adequado para tal. Na verdade, o cérebro tem uma "blindagem" óssea, muito boa para impedir a entrada de radiação eletromagnética que poderia ser, em excesso, nociva às células (a entrada e a saída de radiação eletromagnética são regidos pelo mesmo princípio, e são simétricos).

A Reencarnação parte do princípio que a matéria e o "espírito" são entidades separáveis. Conforme avançam pesquisas sobre o funcionamento do cérebro (e de outras partes do corpo humano), fica cada vez mais claro que, para uma pessoa, seus gostos, preferências, emoções, memórias, etc, são frutos de complexas interações físico-químicas, e que algumas delas podem sofrer direta influência de medicamentos específicos. O entendimento da própria noção de consciência se aproxima desta abordagem. Não defendo que seja possível influenciar todos os aspectos que nos diferenciam dos demais animais, mas já é conhecido que vários animais compartilham várias de nossas características, e que é possível influenciar alguns destes aspectos (medicamentos que estimulam a memória, que provocam sonolência, que mudam alguns de nossos sentidos específicos, etc). Não me parece que seja necessário haver um "espírito" que seja responsável por estas características, e muito menos parece haver qualquer evidência, dentro de princípios científicos de respaldo experimental mensurável e repetível, que esta separação exista.

A sobrevivência do espírito após a morte compartilha os mesmos problemas que a Reencarnação.

Infelizmente, o desconhecimento, ou seja, a insipiência da população em geral, pode levar à criação de conceitos sobrenaturais, que buscam explicar para elas, de forma satisfatória, a ocorrência de fenômenos geralmente naturais. Não defendo que não haja fenômeno natural que não seja explicável, da mesma forma como não consigo explicar todos (nem mesmo a maioria) dos shows de magia realizados por profissionais da área, mas defendo que conceitos sobrenaturais não são necessários, em geral, para explicar tais fenômenos. "Combustões espontâneas", por exemplo, geralmente são frutos de brincadeiras de crianças ou de má-manipulação de equipamentos por adultos (que não querem, ou não desejam, ser responsabilizados) pelos erros cometidos, tais como: vazamentos de gases do fogão, esquecimentos de fósforos ou velas próximos de materiais inflamáveis (roupas, móveis, colchões, etc), produção de faíscas elétricas devido a ligações elétricas mal-feitas, etc. O mesmo vale para a existência de "entidades malignas", que são responsabilizadas por determinados eventos, livrando os reais infratores de responder aos malfeitos.

O mesmo vento que as pessoas sentem no rosto, em certas regiões do mundo, pode levantar casas e caminhões pipa, e por que não arrastar um copo de água? Tremores de terra são comuns em qualquer parte do planeta, e são eventos absolutamente naturais. A simples respiração de uma pessoa pode apagar uma vela, e uma vela que acabou de ser apagada pode, espontaneamente, voltar a se acender. Finalmente, eventos catastróficos que parecem "poupar" algumas pessoas, chamados eventos "milagrosos", também devem ser interpretados como estatisticamente pouco prováveis, mas que assim podem acontecer, sem a necessidade de interferência divina; por exemplo, noticia-se a sobrevivência de um bebê que tinha apenas 1% de chance por causa de alguma moléstia como um milagre, mas não se noticia que outros 99% de bebês faleceram por causa da mesma moléstia; mas a estatística científica foi feita baseada em todos os 100 bebês envolvidos. Nossos sentidos, individualmente e em certas ocasiões, podem muito bem ser enganados. Nisto vejo a premência de que os relatos de fenômenos sobrenaturais não tenham validade se advindos exclusivamente de pessoas sob influência de substâncias que alteram suas percepções.

Infelizmente, os conceitos científicos descritos acima não são adequadamente ensinados para a população em geral, mas este é outro problema. Espero que eu tenha colaborado com a sua pesquisa. Aliás, caso tenha ou conheça eventos sobrenaturais que possam ser realizados na minha presença, gostaria muito de documentá-los de forma adequada.

(B4)Nenhuma ciência nega qualquer enunciado, ou seja, do ponto de vista lógico não tem como provar que algo não existe. Apenas buscamos evidências para que possamos sugerir que algo seja do jeito que é, sem saber se isso de fato é verdade. Nesse sentido, não temos como atestar se é de fato verdadeiro pelo método científico, sendo assim todas as idéias científicas são conjecturas, passíveis de serem refutadas, o que é até um pré-requisito para algo ser considerado científico. Assim, algumas questões simplesmente não são possíveis de serem abordadas com o uso do método científico, por exemplo, deus existe? Outras mais específicas até podem, como telepatia etc. O problema é que as evidências, no momento atual, do mundo físico não nos permite concluir que tais 'fenômenos' são possíveis.

De maneira bem geral é isso...

(B5)Prezado Alessandro, no meu entendimento, na biologia ou qualquer outra área do conhecimento, perante o conhecimento científico, as existências que questiona têm que ser demonstradas e, posteriormente, aceitas pela comunidade (maioria), tornando-se válidas até que sejam substituídas. Fora do conhecimento científico, são partes de nossas crenças. Até o momento presente, não tive experiências dessa natureza que pudessem fazer parte de minhas crenças pessoais.

Abraço,

Delinea-se, portanto, uma tonalidade comum entre as respostas dos cientistas. Mais do que físicos ou biólogos, estes empunham a postura da ciência, com sua metodologia e busca de evidências para se firmar algo a respeito de um dado fenômeno, ainda que, como observou B2 e B4, há certa dose de elemento hipotético na ciência, mas ela supriria este ponto por sua qualidade empírica. A falta de evidência empírica foi então apontada como um dos motivos da ‘descrença’ (B1, B3, B4 e B5) e em B1, como uma impossibilidade físico-biológica. B3 coloca esse argumento também, e completa que hipóteses sobrenaturais não são necessárias, pois a ciência consegue explicar grande parte dos fenômenos ditos ‘paranormais’. Houve também abertura teórica, no sentido de que ‘ausência de evidência não é evidência da ausência’, ou seja, há possibilidades.

As respostas negativas dos psicólogos totalizaram 2:

(P1)Você foi preciso ao colocar em sua pergunta o trecho “o senhor afirmou não acreditar na possibilidade da existência”. De fato, tudo que posso fazer é explicar as razões de meu ceticismo, eu não posso garantir que aqueles fenômenos sobrenaturais não existem. De qualquer forma, quando se fala da possibilidade de existência de algo, geralmente as pessoas pensam que cabe aos céticos provarem a não-existência. Na verdade, o ônus da prova é de quem afirma a existência, não de quem duvida. Se eu disser que há uma pirâmide de ouro maciço de cinco toneladas em algum lugar da floresta amazônica, as pessoas irão esperar de mim *provas da existência* (fotografias, coordenadas de localização etc.). Não cabe a quem duvida *provar a não existência*.

O filósofo Bertrand Russel denunciou essa inversão do ônus da prova em sua referência a um suposto bule de chá que orbitaria o Sol entre a Terra e Marte. O bule seria pequeno demais para ser detectável por nossos instrumentos mais potentes, de forma que se tornaria impossível refutar a sua existência. Embora não se possa refutar sua existência, uma pessoa razoável se perguntaria como ele foi parar lá? A quanto tempo está lá? Alguém o fez? Ou ele seria resultado

de algum processo natural? O vazio de respostas a essas perguntas e o fato de que os objetos conhecidos que viajam pelo espaço sideral são em geral coisas parecidas com rochas, levaria a pessoa razoável a não crer no bule, ainda que não possa provar a sua não-existência. Não existe nada de presunçoso ou arrogante em duvidar da existência do bule.

Nesse sentido, voltando aos fenômenos citados em sua pergunta, a telepatia e a psicocinesia carecem de demonstrações confiáveis. Caso fossem replicavelmente demonstradas, o fato de não haver uma explicação pormenorizada dos processos que as permitem não seria um obstáculo ao seu reconhecimento. A ciência não tem restrição a reconhecer fenômenos pobremente explicados. A Física atual tem exemplos disso. A própria atração gravitacional não está plenamente explicada. A natureza da força da gravidade é pouco conhecida (pergunte a um físico, ele explicará melhor que eu!). Mas a gravidade não é considerada um fenômeno exotérico, pois sua existência é plenamente demonstrável.

Quanto à sobrevivência do espírito após a morte (e me parece que a reencarnação é uma instância deste mesmo problema), meu ceticismo se ampara em perguntas sem resposta do ponto de vista da neurociência comportamental. A nossa atividade mental (ex.: pensamento, emoções, motivações, humor etc.) está vinculada a atividades dos sistemas nervoso, endócrino, imunológico etc. A Neuropsicologia está repleta de descrições de casos em que uma lesão pontual em alguma área cerebral está associada a alterações específicas em alguma função mental. Vale ainda notar que, em algumas práticas “espirituais”, para se [ter](#) uma experiência “mística”, as pessoas fazem uso de drogas (álcool, estimulantes, alucinógenos etc.) que agem alterando a delicada interação entre áreas cerebrais por meio de neurotransmissores.

Há inúmeros relatos sobre vida espiritual. Nesses, fala-se, por exemplo, sobre um espírito que viveu como pai negligente (ou cruel, rigoroso, intolerante etc.) e que irá em sua próxima vida compensar seus erros do passado. Numa história como essa está implícito que o espírito experimenta culpa, deseja justiça, pondera razões. Ou seja, realiza operações mentais (emoções, motivações, pensamento), as quais estão intimamente relacionadas com o funcionamento cerebral. Se interferências sutis no sistema nervoso alteram essas operações, como seria possível elas acontecerem sem cérebro algum?

Complementando minha resposta, eu gostaria de concluir apontando a própria experiência mística como algo relacionado à atividade cerebral. Um tipo específico de epilepsia, a epilepsia de lobo temporal, está muitas vezes relacionada a experiências “místicas”. No mesmo sentido, os cientistas Stanley Koren e Michael Persinger desenvolveram um aparato que exerce sutis influências magnéticas sobre os lobos temporais, muitas vezes provocando experiências místicas em que o usa. O aparato ficou conhecido como ‘Capacete de Deus’.

Espero que minhas respostas lhe sejam úteis.

(P2)Alessandro,

Abaixo um artigo publicado hoje na Folha de São Paulo, que justifica minha resposta.

Você está tratando minha convicção como uma crença e não se trata disso. Pessoas que acreditam em reencarnação, na existência de espíritos ou vida além da morte ou em divindades, acreditam em coisas que não são baseadas em fatos e sim em eventos a partir de determinados sinais ou evidências discutíveis. Um fato científico deve ser comprovado e ser reaplicável. O artigo da neurocientista abaixo, trabalha com o tipo de atitude cética necessária ao cientista. Nem tudo o que vivemos na vida é passível de exame científico e alguns eventos não podem ser explicados num determinado momento da história e dependerá de avanço tecnológico ou teórico para que possa ser evidenciado. Da minha parte, sou um materialista convicto e o campo teleológico, por mais rico que possa se apresentar, depende das condições de causalidade, mesmo que estejamos falando de causalidade posta. Eu conduzo meu cotidiano a partir dessa crença e não acho que rezar antes do avião levantar voo tenha qualquer relação com o fato dele manter-se ou não no ar. Que meu forte desejo para que algo aconteça tenha qualquer relação com o fato da coisa acontecer ou não. Isso não faz de mim uma máquina e muitas vezes sinto medo do voar e desejo ardentemente que algo aconteça e torço muito para isso, como por exemplo o Palmeiras não cair para a série B. Mas sei convictamente que minha torcida mais exagerada não fará mudar o resultado final. Telepatia e psicocinesia estão no espectro dos fenômenos analisados pela neurocientista. Alguns ainda não foram explicados, mas serão mais adiante. Em vários casos, tais fenômenos não passavam de puro charlatanismo.

Se você precisar de esclarecimentos, fique à vontade para me escrever, abraços

Em síntese, ambas as respostas se assentaram no ceticismo e no materialismo para abordar as alegações anômalas em questão. Motivos anteriores se repetiram aqui, tais como falta de evidência ou demonstração (P1 e P2), a afirmação de que PSI não constitui fato e que não pode ser replicada. P1 demonstra abertura para possíveis mudanças futuras, mas P2 tende a explicar tudo através da materialidade, afirma que é “materialista convicto”.

Curioso que essas falas tenham vindo de psicólogos, afinal, a Psicologia propriamente não foi citada em momento algum. É possível que as melhores razões para negar a existência de PSI sejam fornecidas pela ciência (e, de fato, a questão deixou esta possibilidade, ou seja, não se restringiu às disciplinas particulares, já que nosso intuito com este trabalho foi de abordar o anômalo mediante a ciência mainstream. Finalmente, vejamos a posição da única resposta advinda de filósofo que recebemos (pela via negativa).

(Ph1) a dificuldade gira em torno da noção de prova racional argumentada. A ênfase não incide sobre a possibilidade ou não da existência dos fenômenos e alegações em questão, mas sobre a ausência de provas lógicas ou experimentais convincentes para sustentar as versões oferecidas.

Assim, reconheço a evidência de uma série de fenômenos inexplicáveis pela ciência, mas que tampouco são devidamente abordados de modo alternativo. Em suma, trata-se de agnosticismo, com base no apelo filosófico a razões, e não da afirmação do que quer que seja. Em última análise, talvez o mistério prevaleça sobre a inteligibilidade, mas minha consciência filosoficamente exercitada exige que eu me restrinja, ao fazer afirmações públicas sobre o mundo, àquilo que eu possa, após exame, defender através da racionalidade.

Aliás, este me parece ser, à revelia de qualquer certeza, o melhor regime para uma boa vida comunitária, como preconizam desde a antiguidade os filósofos.

Por ora é isso, até mais

Esta resposta espirituosa incidiu na questão da racionalidade, aliás como pudemos verificar em alguns comentários sobre o QCP, também. Não afirma que a negação seja de cunho absoluto, mas tampouco o é a afirmativa, no que concerne aos objetos anômalos considerados. É legítimo, portanto, aquilo que se pode “defender através da racionalidade”, ainda que o “mistério possa prevalecer sobre a inteligibilidade”. Contudo, nosso espirituoso colega não deixou explícitos os motivos pelos quais considera que PSI seja algo não-

racional, senão pela “ausência de provas lógicas ou empíricas”. Parece que não-explicar é preferível a ‘explicar por vias alternativas’. Em suma, o filósofo aludiu a procedimentos racionais e lógicos para justificar a sua espiritiosa resposta.

Respostas Positivas

Passemos agora à consideração do oposto, ou seja, das justificativas para a suposta *existência ontológica* de PSI. Cumpre notar, abaixo, que a formulação de nossa questão se pretendeu, a todo efeito, ser neutra. Isso pareceu ter causado um curioso efeito de *defesa* da parte de nossos respondentes, ao passo que, nos exemplos acima explicitados, a postura neutra localizou o ônus da prova àqueles que afirmam PSI. Estes resultados foram consistentes um com o outro, aliás.

Respostas consideradas positivas forneceram índices ‘sim’ para as questões 10, 11, 12 e 17 do Q-PRP. A que se seguia a seguinte tarefa:

Profa. XXX, grato por sua disposição.
Segue abaixo a pergunta.

"Dentre as respostas fornecidas no questionário, a senhora afirmou acreditar na possibilidade da existência da Telepatia, da Psicocinesia (poder da mente sobre a matéria) e da reencarnação. Também afirmou ser possível a existência da sobrevivência do espírito após a morte.

Como seria possível explicar tais ocorrências a partir de ideias, posturas ou conceitos da [Sua Disciplina] ou da Ciência em geral (seja de uma perspectiva ortodoxa ou de um ponto de vista heterodoxo)?"

Caso deseje algum esclarecimento sobre a pergunta, por favor nos solicite.

grato por sua atenção,
Cordialmente
Alessandro.

Novamente, sugerimos uma postura neutra, solicitando justificativas conceituais para as respostas positivas. Esperávamos encontrar aportes (ancoragens) nas disciplinas particulares. Contudo, um tema persistente foi o questionamento da própria ciência como um todo. Primeiro, vamos aos físicos (6 respostas):

(F1) Os fenômenos mediúnicos/paranormais sempre despertaram o interesse de importantes cientistas e investigadores, dentre eles personalidades consagradas como o escritor Arthur Conan Doyle (ver o livro *The History of Spiritualism*:

<https://archive.org/stream/historyofspiritu015638mbp#page/n1/mode/2up>),

o ganhador do prêmio Nobel Charles Richet (ver o livro *Thirty Years of Psychical Research*:

http://fap01.if.usp.br/~vannucci/Richet_Thirty%20Years%20of%20Psychical%20Research.pdf) e o naturalista Alfred Russel Wallace (ver o livro *On Miracles and Modern Spiritualism*:

<https://archive.org/details/miraclesmodernsp00walliala>).

Na área da Física podemos relacionar o Prof. Johann K. F. Zöllner (ver o livro *Transcendental Physics*:

<https://archive.org/details/transcendentalp00massgoog>) os físicos ingleses condecorados (knighted) pela coroa britânica, Sir William Crookes (ver os artigos publicados na revista *Quarterly Journal of Science*: (<https://archive.org/stream/quarterlyjourna32unkngoog#page/n346/mode/2up> ; <https://webpace.yale.edu/chem125/125/history99/8Occult/CrookesPsychic.pdf>) e Sir Oliver Lodge, ver:

<http://news.google.com/newspapers?nid=2507&dat=19340310&id=26FAAAAAI BAJ&sjid=jaUMAAAAIBAJ&pg=3491,1571105>).

Mais recentemente, observamos uma quantidade cada vez maior de pesquisadores empreendendo esforços para criar modelos e buscar estabelecer as leis físicas que regem os fenômenos espirituais, como se pode perceber das publicações que envio em anexo e suas referências.

(F2) Não me lembro do que respondi no questionário, mas certamente não foi a favor de telepatia no sentido que, creio eu, o "senso comum" deva ter em mente. Eu apenas acho que deva ser possível a existência de outras formas sensoriais do ser humano muito pouco estudadas, mas que talvez possam ser inerentes a espécies vivas.

Por exemplo, uma presa que se encontra sob a ameaça de um predador entra

fisiologicamente em estado de alerta (estado de "lutar ou correr"). Desencadeia-se uma série de efeitos químicos (liberações de hormônios e consequentes descargas elétricas cerebrais) gerando aumento de batimentos cardíacos (elevando a oferta de oxigênio aos órgãos vitais), dilatação das pupilas (aumentando a capacidade de visão), abertura dos póros (aumentando a percepção de pequenas variações de temperatura externa), etc. Isso gera um grande aumento que a presa adquire sobre a percepção de qualquer alteração no ambiente que sinalize um ataque do predador.

Este último também sujeita-se a alterações fisiológicas ao observar sua possível caça (estado de alerta similar ao da presa, salivação excessiva, aumento da respiração, etc.) que eventualmente possam ser percebidas pela presa.

Outro exemplo é a chance de acasalamento em várias espécies. Uma cadela no cio exala um cheiro, desencadeado por hormônios, que é percebido pelo cão macho. Em muitas aves o oposto acontece: se a ave fêmea não está em seu período fértil, ela exala odores perceptíveis ao macho. Com certeza não é o caso do macho ter a capacidade de "ler" a mente da fêmea, se ela estaria ou não disponível para o acasalamento.

Espero ter te esclarecido sobre minha opinião a respeito disso.

(F3)Com referência A "telepatia", há estudos do Dr. Rhine, da Duke University (USA), iniciados na década de 70. É consenso, na área de parapsicologia que ela, e outras aptidões paranormais, exista.

Quanto à reencarnação, não conheço estudo acadêmico oficial a respeito. Há publicações, não acadêmicas, de pesquisadores na área de Psicologia, Parapsicologia e Psiquiatria.

O Prof. Yan Stewenson da Universidade de Virgínia escreveu um livro "20 casos sugestivos de reencarnação". O Professor Brian L. Weiss, do departamento de Psiquiatria do hospital Monte Sinai em Miami escreveu o livro "Muitas vidas, muitos mestres", e alguns outros onde relata lembranças de pacientes sobre suas vidas passadas. Embora esses livros sejam de autoria de autores do meio acadêmico, eles foram escritos para o grande público e não têm a chancela de suas instituições. Há muita bibliografia desse tipo que, embora escrita por acadêmicos, não são obras acadêmicas. Como exemplo, estou enviando dois anexos a respeito.

A Reencarnação pressupõe a existência e a sobrevivência do espírito.

Os livros de Alan Kardec, que são a base do espiritismo, foram fruto de muita experimentação nessa área. Não há porém uma universidade que os chancele. Assim sendo, minha crença nesses assuntos, em última análise, é uma questão de fé derivada de vivência no meio espírita.

Quanto à relação entre matéria escura e mundo espiritual, essa é apenas uma especulação que faço, baseado em minhas crenças espíritas. Nessa linha, como o espiritismo afirma que existe o mundo espiritual, que está em toda parte e sempre existiu, sendo a base de toda a vida, também a matéria escura está em toda parte e é responsável pela coesão da matéria no universo, segundo os cosmólogos. Daí, intuo que esses assuntos devam estar intimamente relacionados.

Atenciosamente

(F4) E' dificil tentar uma explicacao, ou uma "prova", dessas ocorrencias usando a Fisica atual. Acredito que nao exista a prova dessa existencia, embora muitos estao colocando que a mecanica quantica possa explicar. Eu ainda nao vejo como (talvez pelo fato de nao entender de mecanica quantica). Mas tambem nao existe uma prova de que essas ocorrencias NAO existam.

Quanto a reencarnacao, pelo fato de estudar o espiritismo segundo Allan Kardec, me faz sentir, na propria pele, a sua consequencia. Trabalhando em reunioes mediunicas, fica claro, de uma forma experimental, o contato com os seres desencarnados, o contato com a outra dimensao. A ciencia ira', em algum momento, fazer essa conexao com essas duas dimensoes que se interceptam, mas que nao é "medida do ponto de vista experimental material que estamos envolvidos quando encarnados"

Para nao me alongar na resposta, acredito que o paradigma cientifico atual podera' sofrer algumas mudancas para aceitar os eventos amplamente conhecidos e catalogados de reencarnacao (varios depoimentos, inclusive na internet), contato com espiritos materializados (o mais comentado acho ser a experiencia do William Crooks na Inglaterra), experiencias de quase morte, etc

.

Interessa-me também o resultado que voce vai obter através dessa pesquisa. Reforço aqui o desejo de ter uma copia da tese. Pesquisas sérias como essa devem, certamente, ser incentivadas.

(F5) Como cientista natural vou tentar ser objetiva. Por isso enumero os meus comentários:

(1) Curioso que você tenha entendido de minhas respostas que eu acredito na possibilidade da telepatia.

(2) O que eu respondi, em alguma pergunta, que talvez tenha sido interpretado como "possibilidade de telepatia" é que a comunicação entre pessoas pode se dar para além das palavras e gestos. Eu acredito que há muitos fatores "subjetivos", aqui entendidos como **interpretação da postura, olhar e**

expressões de uma pessoa, cujo julgamento vem muito mais do que quem interpreta acumula de sua experiência de vida, do que algo "objetivo" do interlocutor, e muito menos de uma "via sensorial especial". Embora seja evidente que essa sensibilidade para interpretar pessoas/se comunicar seja diferente de pessoa a pessoa. Seria isso que você interpretou como "possibilidade de telepatia"?

(3) Essa minha interpretação do mundo tem muito mais a ver com o fato de que tenho uma "longa" vivência, pois tenho 67 anos de vida, estando no mundo do trabalho já 45 anos, e que gosta de conviver e observar pessoas, do que com qualquer outro aspecto, incluindo crenças, ou falta delas, ou minha formação científica.

(4) **A minha formação científica certamente é parte do que sou. Mas certamente não sou cientificista,** ou seja, quem acredita que **tudo** será entendido e resolvido pelo homem através das ciências. **As ciências são um referencial de interpretação das coisas. Só pesquisadores (note que há muitos pesquisadores e poucos cientistas verdadeiros) muito ignorantes,** sem qualquer raciocínio sobre outras coisas além do seu objeto de pesquisa, **podem ter esse pensamento tão estreito.** (E há muitos deles com excelente curriculum lattes!)

(5) Cuidado você que pesquisa em ciências médicas/humanas: **o fato de uma pessoa ser pesquisador ou mesmo um cientista não faz dela alguém em condições melhores do que outras pessoas para "atestar" ou "negar" a existência de qualquer coisa como "telepatia", existência ou negação de Deus, de anjos, parapsicologia, etc.** Isso seria cientificismo!!!

(6) Em relação à **telepatia**, as ciências naturais, até onde conheço, **ainda não se debruçaram com sua metodologia científica sequer para ter uma concepção clara sobre ela.** Sei que as que biociências, vou chamar assim de forma geral, têm alguns conceitos sobre isso, mas ainda nada consensuais. Neste sentido eu não sei sequer o que se entende por telepatia, quanto mais possa eu acreditar ou negar que ela exista.

(7) Qualquer cientista que fale sobre telepatia está usando suas crenças ou ceticismos e não seu conhecimento científico para defendê-la ou atacá-la. **Em particular as ciências físicas NADA DIZEM SOBRE ISTO,** apesar de cientistas e físicos com crenças queiram fazer relações de quântica com isso. São mistificadores se usam sua condição de cientistas para "avalizar" suas crenças.

(8) **Se você quiser me dizer como você conceitua telepatia eu até respondo se acredito ou não na possibilidade de sua existência. Mas minha resposta terá tanto embasamento quanto o do pastor da igreja ao lado, ou do morador de rua da praça da Sé; ou seja, todos nós usaremos como vemos as coisas do mundo, e não o que sabemos de ciências naturais, ou física.**

Espero que minha resposta não tenha frustrado suas expectativas de ter encontrado uma "explicação" na física para algum fenômeno de comunicação humana. Sou absolutamente honesta intelectualmente, e cruelmente franca, na maioria das vezes, como na minha resposta.

(F6)Caro Alessandro

telepatia e psicocinesia há experimentos que demonstram estes fenômenos. Na minha opinião seriam formas de transporte de energia ainda não estudadas e compreendidas pelos cientistas. Acredito na reencarnação, mas não conheço nenhuma evidência deste fenômeno. No meu caso é uma questão de fé. Acredito que reencarnamos para aprimorarmos cada vez mais nossa existência. Além disso, acreditar na reencarnação é um conforto espiritual muito grande, que nos faz suportar as adversidades da vida. Acredito que o espírito permanece se aprimorando em suas várias passagens pela Terra até atingir um estado de plenitude. A Ciência não consegue explicar a razão da vida.

Att.,

Logo de início, podemos tecer a observação de que também aqui a ciência é vista como possuindo limitações tanto de evidências quanto de metodologias, mas nestes casos, no geral, isto deixa a porta aberta para possíveis modificações futuras. Os físicos elencaram justificativas para a inclinação a considerar positivamente as alegações anômalas abordadas. F1 citou importantes personalidades históricas que se envolveram com a questão, bem como F3. Ambos demonstraram certo conhecimento da literatura de pesquisa existente no campo. F3 chega a citar Rhine. A questão da fé (particularmente espírita) apareceu em F3, F4 e F6. Uma ancoragem ocorreu em F3, ao relacionar a matéria escura ao mundo espiritual. As limitações da ciência ficaram bem marcantes nas respostas F2, F4 e F5. Sobre eventos surpreendentes no mundo animal F2 (do mesmo modo, podem existir fatos surpreendentes no mundo humano ainda não conhecidos), sobre não haver prova positiva mas também não haver uma negativa absoluta (F4). A resposta

de F5, uma física, condensou muitos pontos que apareceram anteriormente, sendo que uma observação importante fica por conta do 'cientificismo', que seria, em poucas palavras, a ciência tida como parâmetro absoluto para se enxergar o mundo. É verdade, afirma F4, que pelas vias físicas e naturais não há abordagem que justifique o anômalo considerado, as ciências naturais não conseguem dizer nada a respeito, mas daí afirmar que seja impossível seria cientificismo. A questão da postura pessoal pode ser considerada, mas pelo viés da ciência, não se pode afirmar nada a respeito. F4 forneceu uma postura também muito espirituosa a respeito.

Pelo viés dos biólogos, constatamos uma (1) resposta:

(B1)Acredito ser simples a resposta para sua pergunta. Atualmente, é impossível explicar tais ocorrências a partir de ideias, posturas ou conceitos apenas da Biologia. Utilizando a Ciência em Geral, acredito ser possível explicar tais fenômenos utilizando a Filosofia para a integração de conceitos da Química, Biologia, Física Quântica, etc. Também é possível utilizar obter essas mesmas respostas associando conceitos da ciência heterodoxa tais como os fornecidos pelas Ciências Herméticas e Misticismo Oriental com a Filosofia Grega.

Esta resposta, um tanto enigmática, recorreu à necessidade de integrar disciplinas para se conceber uma explicação para tais alegações. Contudo, nosso amigo biólogo não prosseguiu em suas demonstrações conceituais. Mas afirmou ser impossível partir somente da biologia para tanto.

Os psicólogos reuniram 7 respostas para a elaboração da Tese Positiva:

(P1)Conforme bem destacado por você, afirmei acreditar na possibilidade de existência de tais fenômenos, baseando-me também em uma crença pessoal acerca da religiosidade e religião. A doutrina religiosa na qual fui criada sempre incentivou a fé raciocinada e a importância de questionamentos e evidências lógicas e racionais para se acreditar em algo. Obviamente, também acredito nesta possibilidade, como cientista/pesquisadora que sou, uma vez que a ciência não consegue explicar ainda todas as coisas. O conhecimento científico

é falseável e não tolera verdades absolutas. Embora eu não seja uma grande leitora desta área, estou ciente de que não há consenso na comunidade científica sobre as origens e causas de fenômenos, como telepatia e outros. Pesquisadores respeitados no mundo inteiro advogam uma ou outra explicação. A cada dia que passa programas e centros de estudos que objetivam investigar os fenômenos ligados à religiosidade e espiritualidade vem apresentando evidências empíricas, ainda que preliminares, de que as explicações científicas até agora vigentes são insuficientes para dar conta de toda a complexidade de tais fenômenos. Vou citar alguns poucos exemplos. Em 1999, foi fundado o Programa de Saúde, Espiritualidade e Religiosidade (ProSER), na USP, que se dedicou justamente a examinar os efeitos da religião na saúde das pessoas, como no caso das cirurgias mediúnicas. Estudando os efeitos de tais procedimentos, chegaram a conclusão de que 55% dos pacientes que tinham passado pela terapia espírita apresentaram alguma melhora em seu estado mental depois do tratamento, contra 15% dos que não tinham passado. Na Universidade Federal de Juiz de Fora existe o Nupes (Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde) que investiga, dentre outras coisas as chamadas "experiências de quase morte" - EQMs, em parceria com o inglês Sam Parnia. O método utilizado por Parnia é bastante interessante, do ponto de vista científico, já que minimiza a possibilidade de engodo. Certamente, a posição mais aceita atualmente indica para a existência de confusão cerebral como explicação para as EQM. A perda de oxigênio faz com que a substância cinzenta deixe de distinguir realidade e fantasia. A desordem faz com que o cérebro recorra à memória de curto prazo para compreender a situação. A partir daí, tenta reconstruir o que está supostamente acontecendo naquele momento. Contudo, quando há evidências contraditórias, seguindo rigoroso método científico, o dever dos grupos de pesquisa é produzir outras investigações que possam corroborar ou não sua posição.

Alguns outros investigadores da Faculdade de Medicina da USP e da Unifesp estão estudando os efeitos da prática de imposição de mãos (comuns na terapia espírita e no Reiki) sobre os sistemas hematológico e imunológico de camundongos machos com tumores. Os resultados preliminares apontam que animais que receberam a imposição de mãos apresentaram uma diminuição significativa do número de plaquetas, elevação do número de monócitos na leucometria específica, indicando melhor resposta imunológica. Os grupos controle e placebo não mostraram qualquer alteração. O interessante de utilizar animais é que os mesmos não possuem elaboração psicológica, crenças ou fé que poderiam explicar o efeito da imposição das mãos. Evidentemente, novas evidências são necessárias para replicar tais achados e para explicar de que se trata tal energia. Equipes de astrofísicos têm trabalhado incessantemente para descobrir a possibilidade de vidas em outros planetas (Kepler-186f, por exemplo). Para eles, a revelação de muitos planetas semelhantes à Terra é apenas questão de tempo. E eles vão mostrar que as chances de existir vida no espaço, além de nós, é praticamente uma certeza. Isso nos levaria a uma nova compreensão do universo e de nosso papel.

A Psicologia e as neurociências tampouco conseguem explicar a origem da nossa consciência. Enfim, acredito na capacidade de produção de conhecimento da ciência, utilizando o método científico, sou pesquisadora e em minhas pesquisas emprego tal rigor. Contudo, não sou nem ingênua nem

arrogante o suficiente para dizer que a ciência explica tudo e que o conhecimento científico produzido hoje é verdade final e imutável.

(P2)No que diz respeito às suas questões:

A primeira coisa a se dizer é que a ciência muitas vezes vira as costas para determinados fenômenos fazendo com que algumas áreas virem "terra de ninguém"; os cientistas não comprovam mas também não refutam as evidências existentes.

Tomemos o exemplo da homeopatia, que apesar de ser utilizada em larga escala não tem fundamentação científica nem na química nem na farmacologia, dessa forma os pesquisadores não desenvolvem pesquisas que não podem explicar (apesar de existirem metodologias compatíveis para esse estudo). O mesmo acontece com telepatia e telecinesia, que pesquisador colocaria seu nome em uma área de pesquisa sem fundamentação científica ou que não pode ser explicada pelos conhecimentos atuais? Não esqueçamos que a ciência é eminentemente resistente a coisas que fogem do contexto conhecido.

No que diz respeito à reencarnação existem numerosas evidências de experiências anteriores à vida atual, obtidas mediante conhecimentos do "espiritismo científico" (normalmente obtidas por regressão hipnótica), algo semelhante se verifica com a comunicação com pessoas mortas, as quais apresentam informações abundantes, e que em alguns casos podem ser comprovadas.

Em resumo, caro Alessandro, o fato da ciência atual não poder medir e comprovar determinados fenômenos não quer dizer que eles não existam. Continuo à disposição para o que eu puder ajudar.

(P3)Olá Alessandro,

não conheço nenhuma teoria da psicologia que explique essas ocorrências. Se conhecer me informe, pois tenho bastante interesse em estudá-las!

(P4)Acredito ter entendido sua pergunta. Se eu poderia explicar a reencarnação e sobrevivência do espírito após a morte a partir de algum pressuposto teórico da psicologia ou de outra ciência. Bom, vamos lá

Eu não misturo ciência com crenças pessoais. Enquanto cientista, analista do comportamento e docente, acredito no estado laico. As respostas ao questionário não são compartilhadas por meus colegas, pois não discuto ou expresso tais opiniões. Somente as discuto em grupo restrito, adequado a isso.

Dessa forma não acredito haver uma explicação científica para minhas respostas, somente minha crença religiosa (espiritismo).

Agora, extrapolando para uma possível investigação científica no futuro, o espiritismo afirma que o espírito é formado de energia. Se assim for, o que precisaria ser investigado, energia pode ser manipulada. A física tem um arcabouço teórico para explicar a manipulação de energias, que são formadas a partir da movimentação de átomos. Uma energia sesciente seria algo impossível de se explicar a partir do conhecimento atual da ciência, mas imagino que no futuro tal investigação seja possível.

Não conheço uma teoria da psicologia que possa explicar tais fenômenos. Suponho que Lacan tenha falado sobre o assunto, em suas relações da psicologia com as religiões, mas não sou um conhecedor de suas teorias.

Espero ter ajudado

(P5)Resposta questão 1 e 2:

1) a possibilidade da existência da Telepatia, e

2) a possibilidade da existência Psicocinesia (poder da mente sobre a matéria).

Tanto a Telepatia quanto a Psicocinesia, em um sentido mais corriqueiro, podem ser verificadas pela ciência como simples transferência de energia de um corpo a outro sem necessidade de contato "material". Ou ainda, em termos filosóficos, podemos dizer que não há distinção significativa (ou não há nenhuma) entre matéria e espírito, como se convencionou a partir de um determinado momento da História da Filosofia e da própria ciência. A matéria e o espírito são energias que, em um determinado momento, ou segundo um paradigma científico adotado, não mais se distinguem claramente. Neste sentido, a mente (espírito, alma ou intelecto: todos termos ambivalentes), como energia (e mesmo como informação emitida), pode atuar sobre outra energia (chamada normalmente por "matéria"). De uma perspectiva não tão canônica, mas já reconhecida, a própria Parapsicologia explica determinados fenômenos em que a atuação da energia mental, derivada de estados de intensa tensão, conflito, histeria individuais ou coletivos, pode interferir em corpos materiais ou mesmo deslocar objetos no espaço.

Resposta questão 3.

3) a possibilidade da sobrevivência do espírito após a morte. Da perspectiva ortodoxa, entre outros autores, podemos citar a posição kantiana que, ao colocar temas como a existência de Deus e da vida futura (o que devo esperar?) fora dos limites da razão (pura), conclui que não se pode negar ou afirmar a respeito disso. Com isso, fica aberta a possibilidade de esperar a sobrevivência de algo (corpo-espírito ou outra denominação) em uma vida futura. Além disso, hoje se sabe que a razão (pura) kantiana é um dos tipos de racionalidade, mais ligada ao entendimento empírico-analítico, e que, na medida em que nos abrimos para outros tipos de racionalidade, poderemos encontrar outras respostas a respeito de tais expectativas.

(P6) Sua pergunta está cheia de "afirmações" que não creio ter feito.

O que posso ter dito é que "não duvido" de tais fenômenos.

Sobre telepatia: acho bem possível que alguém possa acessar o inconsciente de uma pessoa, até porque existem terapias que trabalham com campos energéticos (campos morfogenéticos de Sheldrake). Nunca li o pensamento de ninguém, mas existem comportamentos tão "arquetípicos" no ser humano que você pode prevêê-los. Existem ligações inconscientes muito fortes que possibilitam algum tipo de "comunicação".

Quanto ao poder da mente sobre a matéria: como compreendo que psique e matéria fazem parte de uma mesma unidade, a psique pode influenciar a matéria sim, vide os problemas psicossomáticos que assolam as pessoas.

Sobre reencarnação. Como esta questão é milenar e existe, principalmente na Índia, não tenho por que dizer que isto não seja possível. O que existe na psique humana existe enquanto realidade. Se em muitos lugares diferentes, as pessoas narram histórias semelhantes, é que de alguma maneira isto é real. Existem muitas pesquisas apontando nesta direção: da existência de outras vidas. Creio que quando se tem uma experiência, uma vivência, de algo semelhante, a pessoa não duvida da existência de vidas passadas. Se a pessoa nunca teve nenhuma experiência que apontasse nesta direção, para ela isto não existe, não é possível. O ser humano precisa passar por uma experiência desta qualidade para começar a repensar valores e o que é a vida.

Afirmar ser "uma certeza a sobrevivência do espírito após a morte"?

Eu não duvido mais de nada!! Isto é diferente de "certeza".

O que acredito é que a nossa mente, a nossa psique transcende a nossa pequena consciência. A psique é um fenômeno ainda muito pouco estudado. Existem muitas coisas que não compreendemos.

A parapsicologia adiantou muitos estudos, mas a academia ainda é muito refratária à estudar estes fenômenos considerados "anômalos", "sobrenaturais", "místicos". A ciência precisa saber mais sobre física, psique,

para compreender os outros universos existentes além do nosso, conhecido(?). Existem várias dimensões a serem descobertas, nossa percepção do mundo ainda é muito míope.

Nossa ciência pensa: "se não vejo, não existe". Mas a psique não é "vista" e nem por isso deixa de se manifestar.

Para que se amplie a visão de mundo torna-se necessário integrar os conhecimentos de várias áreas do saber: física, biologia, genética, antropologia, psicologia, religião, etc. Para se compreender o fenômeno humano deve-se tentar conhecer suas produções, em vários setores: artístico, cultural, religioso, científico. Tudo isto é criação humana e fala de uma mente humana e de sua transcendência (no sentido mais amplo que este termo possa ter). A nossa mente está para além do nosso corpo. E o nosso corpo é sua possibilidade de manifestação. A questão do espaço-tempo é fundamental para compreender nossa psique. Se o espírito sobrevive após a morte? O corpo pode não sobreviver, mas a psique = a "alma", esta creio que sobrevive, sim. É uma energia que se "desprende" de uma matéria, assim como nossa mente vai para outros lugares enquanto estamos vivos, por sonhos ou "viagem astral", a nossa psique também, vai para outros lugares depois, por que não?

Não sei se me fiz entender. Espero ter ajudado.

(P7)Vamos lá.

Acredito que é muito difícil explicar tais experiências e eventos a partir da Psicologia ou qualquer outra ciência. Somos ainda herdeiros do paradigma positivista, cujo foco é a investigação de fatos observáveis e quantificáveis. Tudo o que não possa ser observável ou quantificável fica fora do domínio da ciência. Além disso, a causalidade e a linearidade também dominaram o fazer científico.

Dentro da Psicologia, o único pesquisador mais conhecido que tentou trabalhar neste terreno foi Carl Gustav Jung que tem, até hoje e talvez por isso, um lugar bastante marginal na Psicologia. Ele desenvolve o conceito de sincronicidade - eventos conectados por uma relação não causal, espécie de coincidência significativa. Por exemplo, quando Jung estava atendendo uma paciente que relatava um sonho com um besouro, no mesmo momento um besouro de verdade começou a bater no vidro da janela do consultório. Parece uma conexão entre matéria e subjetividade.

Bom, acho que é isto que sua pergunta me suscitou...

Abraço

Nestas respostas, estudos e pesquisas sobre o tema foram citados (P1), inclusive alguns realizados no Brasil. Questões vinculadas à fé apareceram também (P1, P3) bem como quanto às limitações da ciência (P1, P3, P2). Em

P5, a afirmação foi mais forte, apontando que a ciência poderia sim explicar tais alegações. Haveria um trânsito entre matéria e energia, por exemplo. E a vida após a morte seria algo 'logicamente compreensível'. Importa notar que ocorreram aportes e tentativas de ancoragem na Psicologia, através de Jung com os arquétipos (P6) e as sincronicidades (P7). A psicossomática foi citada (P6) e o fato da psique constituir fenômeno ainda pouco estudado (P6). Também P6 alude a uma integração entre disciplinas para se esclarecer o caso das anomalias consideradas.

Os filósofos se posicionaram a respeito com duas (2) respostas:

(Ph1) Na minha opinião, não há propriamente uma explicação científica adequada desses fenômenos. No entanto, há indícios positivos que sugerem a realidade da sobrevivência da consciência após a morte do corpo, da reencarnação, da telepatia e da psicocinesia. Esses indícios estão disponíveis na literatura médica e psicológica. São indícios de fatos, mas não propriamente explicações desses fatos. Pode-se saber que algo existe sem se ter para eles uma boa explicação. Creio que essa é a nossa situação atual com relação a esses fenômenos.

Em filosofia da ciência, não há ninguém hoje que não seja falibilista, isto é, que não aceite a falibilidade das nossas teorias. Nas ciências naturais formulam-se hipóteses que são testadas e que, mesmo quando muito bem confirmadas, não são nunca provadas ou demonstradas. É sempre possível que novos indícios mostrem a sua falsidade. Assim, mesmo que as teorias mais bem aceitas hoje em física, psicologia e biologia não sugiram a realidade da sobrevivência da consciência, reencarnação, telepatia ou psicocinesia, disso não se segue que isso seja irreal. São hipóteses boas para a explicação de alguns fenômenos que permanecem anômalos (isto é, sem explicação) nas principais teorias hoje mais aceitas.

Enfim, há muito mais que pode ser dito nesse sentido. Há muito já escrito também (por exemplo, por Robert Almeder, Pim Van Lommel, Sam Parnia, Ian Stevenson, Bruce Greyson, Alexander Moreira-Almeida).

(Ph2) Como seria possível explicar a sobrevivência da alma após a morte sob uma perspectiva filosófica?

1) Na civilização ocidental, a inauguração de uma esfera suprasensível que conteria os fundamentos de existência do mundo físico foi realizada por Platão,

o criador da metafísica. Platão recorreu à esfera das idéias e formas perfeitas do mundo inteligível em virtude da insuficiência lógica exposta pela filosofia pré-socrática naturalista para explicar as causas dos fenômenos do sensível a partir do próprio sensível. A atribuição dos fundamentos causais dos fenômenos mecânicos do mundo físico a paradigmas metafísicos, dos quais o exame da vontade livre de Sócrates em ir para a prisão é o exemplo mais eloquente, passou a ser não somente o alicerce de diversas formulações teológicas, mas, sobretudo, o próprio fundamento lógico de todo pensamento que se interroga acerca da natureza ontológica do ser. É interessante notar, por exemplo, que os diversos sistemas de pensamento que prescindiram da esfera metafísica permaneceram dialeticamente condicionados pela existência de elementos não físicos e não-mecânicos para a sua fundamentação lógica. A ciência positivista, o iluminismo filosófico, o marxismo e a psicanálise freudiana, para citar apenas alguns métodos de pensamento assumidamente ateus, jamais deixaram de postular seus objetivos de ampliação dos horizontes de progresso e de liberdade para o gênero humano. Entretanto, o fundamento lógico que legitima o exercício racional próprio a cada uma dessas áreas do pensamento não pode ser encontrado, nem no mundo natural e empírico, nem nas contradições materiais da sociedade, e muito menos nas pulsões de vida e de morte. Sob esse aspecto, os impulsos intrinsecamente emancipadores próprios a elas somente se tornam logicamente fundamentados pela mediação de elementos finalistas e teleológicos de natureza não-física e não mecânica, vale dizer, metafísica. Talvez o mais importante argumento já produzido em favor da esfera metafísica foi apresentado justamente pelo filósofo que se mais empenhou em caracterizar a existência de Deus e a sobrevivência da alma como objetos inacessíveis ao conhecimento racional. Em sua Crítica da razão pura, Kant apontou com clareza a impossibilidade estrutural do intelecto para provar a existência de Deus e da alma como substância pelo fato desses objetos serem de natureza não-fenomenica, isto é, não-sensível. Mas em sua Crítica da razão prática, obra que examina a consistência racional de objetos não-sensíveis como a liberdade, a vontade, a ética e a moral, Kant postula a existência de Deus e a existência incondicionada da alma como postulados da razão prática. Vale a pena examinar com atenção esse argumento, pois em virtude de sua natureza não-teológica, ele apresenta uma autoridade muito mais sólida do que as formulações teológicas que apelam para a simples fé em Deus. Segundo Kant, pelo fato do mundo mecânico e fenomênico ser governado por leis mecânicas, a lei moral, que ordena o homem a ser virtuoso, e, portanto, digno de felicidade, está inevitavelmente fadada ao fracasso, uma vez que *neste* mundo o homem virtuoso não pode ser feliz. Por essa razão, é lícito postular a existência de um Deus que faça possível a correspondência entre a virtude e a felicidade em um outro mundo que não este, no qual é impossível ao homem justo e virtuoso o alcance da felicidade. Da mesma forma, a perfeita adequação da vontade à moral, pela mediação do imperativo categórico, somente seria possível a homens dotados de “santidade”. Como esta é uma qualidade inalcançável pelos homens mortais, sua realização requer uma existência infinita do ser racional que seja capaz de transcender os limites que circunscrevem a imperfeição humana, e isso somente torna-se possível mediante a imortalidade da alma. “Para Kant, a imortalidade e a outra vida constituem um aproximar-se-sempre-mais-da-santidade, um contínuo crescimento na dimensão da santidade” (Reale, história da filosofia, vol. 2, p.

923). Sem esses dois postulados da lei moral, em que o homem se torna inteligível e livre, transcendendo as determinações da causalidade mecânica, torna-se logicamente impossível afirmar a realidade objetiva da liberdade, a qual anima, como foi sugerido anteriormente, mesmo os sistemas de pensamento assumidamente ateus. Vale lembrar, recorrendo uma vez mais a Kant, que a razão pura, que torna possível o conhecimento do mundo empírico está subordinada à razão prática, pois o homem, sendo livre e dotado de vontade autônoma, é o único ser que não está inteiramente sujeito à causalidade mecânica. Curiosamente, os maiores testemunhos do primado da razão prática sobre o mundo fenomênico foram dados pela abnegação dos inúmeros cientistas, militantes políticos, filósofos iluministas, que, malgrado seu ateísmo declarado, dedicaram sua vida à ampliação dos horizontes de liberdade humana. Se não pudermos recorrer a uma esfera metafísica de valores, que postula necessariamente a existência de Deus e a imortalidade da alma, o sacrifício pessoal desses grandes homens carecerá de fundamentação lógica.

2) O sistema filosófico de Leibniz demonstra de maneira logicamente bem fundamentada a possibilidade da imortalidade da alma. A mente ousada desse filósofo alemão pré-iluminista, movida pela intenção de conciliar a metafísica finalista dos platônicos, aristotélicos e escolásticos com o mecanicismo cartesiano-newtoniano do mundo moderno, postulou uma mediação entre antigos e modernos baseada na existência das mônadas como substância, como princípios de força originários de toda a realidade. Seu ponto de partida consistiu em questionar a *res extensa* cartesiana como natureza substancial dos corpos. Para Leibniz, o espaço ou extensão não é propriedade ontológica das coisas, mas somente um agregado fenomênico de mônadas, que em si mesmas são princípios originários de força. Mônadas, como princípios metafísicos substanciais, não são matéria, mas “centros de força” indivisíveis e indestrutíveis. Tudo o que existe, ou é uma só mônada (como é o caso do espírito humano) ou é um conjunto de mônadas (como é o caso da matéria). Assim, as mônadas não são necessariamente materiais, embora toda matéria seja um conjunto de mônadas, que podem ou não estar subordinadas a uma mônada superior (como é o caso do homem, que é o único ser dotado de uma mônada superior, capaz de percepção e de reflexão, ou atividade psíquica). A metafísica de Leibniz questiona o dualismo cartesiano (oposição entre mente e matéria) substituindo-o por um monismo baseado na existência exclusiva das mônadas, sendo Deus a mônada inteligente criadora do universo. A concepção cartesiana mecanicista permanece válida como imagem dos corpos e do mundo objetivo, porém agora subordinada ao plano finalístico de Deus. Deus governa o mundo material de acordo com as leis físicas descobertas por Newton, mas governa o mundo humano de acordo com as leis espirituais da justiça. “E por isso as substâncias brutas podem ser chamadas materiais, porque a economia seguida por Deus em relação a elas é a de operário ou maquinista, ao passo que, em relação aos espíritos, Deus cumpre as funções de príncipe e legislador, que é infinitamente mais elevada” (Reale, História da filosofia, vol. II, p. 468). Leibniz refere-se à existência de uma Cidade de Deus, voltada para a execução dos princípios de justiça, amor e felicidade, que consistiria em uma “república geral dos espíritos”, os quais, dirigidos por Deus,

sugestivamente parecem guiar-se pelas finalidades éticas definidas por Kant com seu imperativo categórico. Vale lembrar que as mônadas foram criadas originariamente por Deus, e, como obra de sua criação, são eternas e indestrutíveis. A propriedade da indestrutibilidade é evidente quando analisamos o mundo material e constatamos que, quanto à matéria, embora ela seja perecível (na morte do corpo), nenhum de seus átomos pode ser destruído. Ora, como o espírito humano é uma mônada, sua natureza é igualmente eterna e indestrutível, sendo, portanto, aquilo que chamamos de morte, apenas um processo de transformação da matéria (sua perecibilidade) e do espírito, que deixa o mundo material para habitar a Cidade de Deus, lá estando sujeito à justiça divina e “condenado” à felicidade. Sendo as mônadas centros de força de natureza eterna, indivisível e indestrutível, tudo o que existe, inclusive os objetos materiais, é permeado de vida, sob uma concepção leibniziana de vitalismo substancial. Vale notar que o vitalismo originário e substancial das mônadas, ainda que seja uma concepção metafísica de uma brilhante mente alemã do século XVIII, parece ser corroborado pelas pesquisas atualmente desenvolvidas no Laboratório Europeu de Física de Partículas, o CERN, instituição que agrega o trabalho de alguns milhares de cientistas de diversas nacionalidades, dentre eles, alguns brasileiros generosamente financiados pela FAPESP. Em seu mais consagrado trabalho, há dois anos atrás, foi comprovada empiricamente a existência do bóson de Higgs, também conhecido como partícula de Deus (pela imprensa) ou partícula divina (pelos físicos), elemento atômico responsável pela existência da massa, e, em consequência, da matéria. A hipótese que levou à formulação da existência de uma partícula responsável pela existência material dos corpos (a extensão cartesiana) é análoga àquela formulada em termos metafísicos por Leibniz. Ambas partem da idéia de que a matéria não é uma propriedade substancial e originária, pois sua existência é tributária de um certo tipo de organização de partículas infinitamente pequenas. No caso da mecânica quântica, a pergunta originária foi: por que as partículas subatômicas (elas são 12: quarks, glúons, elétrons, bósons, etc.), que são “tijolos elementares da matéria”, estão solidamente agregadas, constituindo a matéria dos planetas, dos seres vivos e das estrelas, em vez de viajarem à velocidade da luz, como fazem os fótons desde o Big Bang ? O bóson de Higgs é a partícula elementar que cria um campo de força que “obriga” as demais partículas a se chocarem com eles, os bósons, e a se condenarem a apenas um movimento lento circunscrito pelo campo de Higgs. Dessa forma, aquilo que chamamos de massa ou de matéria não é uma qualidade originária dos corpos, mas o resultado da ação dos bósons de Higgs, que freiam o movimento das partículas quânticas, configurando o mundo material que conhecemos. A ação do bóson de Higgs pode ser comparada a um corredor que tem sua velocidade diminuída por uma multidão que se choca com ele, freando seu movimento. A multidão, nesse caso, desempenha o papel atribuído ao bóson de Higgs. Dessa forma, de maneira análoga àquela pensada por Leibniz, em sua dimensão microscópica e fundamental, o mundo material está fundado sob o princípio vitalista da força, ou energia originária, esta sim podendo constituir-se como princípio fundamental da matéria, para os físicos, ou como princípio ontológico do ser, para os filósofos. Sob essa modalidade um tanto quanto inesperada, a mecânica quântica, beneficiada pelos bilhões de dólares investidos na construção do grande colisor de hadrons, um túnel de 21 quilômetros

localizado na fronteira da França com a Suíça, involuntariamente parece validar a metafísica extravagante de Leibniz. Em outras palavras, com certa complacência irônica, poderíamos sugerir que milhares de cientistas, em sua maioria possivelmente tão céticos e ateus quanto o personagem principal de “Whatever Works” (“Tudo pode dar certo”), filme de Woody Allen, estão a trabalhar incansavelmente para validar a hipótese metafísica de Leibniz...

Novamente, é característico da postura dos filósofos o rigor lógico com que constroem e encadeiam seus argumentos e as sutis distinções que estabelecem entre os termos empregados em seus discursos. Sugerem que uma questão racionalmente exposta pode validar a existência ontológica do tema abordado, como se entre a Razão e a Realidade existisse continuidade e não ruptura. Ph1 suscita a existência de indícios e não de explicações para o anômalo. Mas a não-explicação não seria equivalente a ‘irrealidade’. Cita inclusive pesquisas e estudos modernos a respeito do tema.

Ph2 elabora uma intrincada e densa argumentação cujas linhas principais são de difícil digestão e que não reproduziremos aqui. Mas centra-se na questão da sobrevivência e em uma certa ‘necessidade’ da metafísica no processo do conhecimento. Parte de dois pontos argumentativos. O primeiro centra-se em Kant e o segundo em Leibniz (com citações de Miguel Reale, inclusive). Difícil afirmar mais do que isto, pois esta foi claramente uma ancoragem e até mais do que isso, indica uma plena objetivação do tema da sobrevivência na filosofia, já que autores como Kant e Leibniz, segundo nosso arguto respondente, se detiveram sobre essas questões. Trata-se portanto de uma objetivação clara e, ao que tudo indica, anterior até à Parapsicologia. O diferencial é que aqui, a via utilizada é a racional e não a empírica.

Passemos agora às conclusões gerais.

Capítulo VI – Conclusão

Se devêssemos sintetizar as conclusões a que chegamos após a verificação dos pontos precedentes, diríamos: são controversos e, na realidade, não há conclusão alguma. Mas isto seria inadequado, considerando que a investigação possuía como objetivos:

“Geral: investigar o objeto anômalo no cenário da ciência moderna. Os objetivos específicos incluíram:

- (a) Investigação de crenças e experiências anômalas em cientistas (docentes-pesquisadores) universitários e;
- (b) Investigação de aspectos ontológicos das alegações anômalas junto a estes profissionais”

Assim, de modo geral, ao menos estruturalmente e em nossa consideração, os objetivos foram alcançados. Entretanto, daí a afirmar que conduziram a algum avanço conceitual/teórico ou que puderam vislumbrar alguma saída para as questões que aqui foram consideradas, é um passo muito amplo.

As aplicações quantitativas coletaram, é verdade, mais dados do que aqueles que analisamos aqui. De fato outras possíveis relações, com instrumental estatístico mais avançado, são possíveis. Isto poderia, inclusive, alterar o quadro geral que encontramos, mediante as análises que fizemos. Mas como o foco foi especificamente o objeto anômalo, centramos nas

questões que fizeram referência a ele. Cabe observar que a amostra com a qual trabalhamos – docentes-pesquisadores universitários – demonstrou certas características persistentes que aludiremos a seguir.

O QCP – Questionário de Crenças Paranormais - recebeu comentários que, em síntese, apontaram para a “mistura de categorias” em seu interior, colocando como que num mesmo ‘prisma’ alegações paranormais bem como fé religiosa e extraterrestres, práticas alternativas e chackras. A autora do instrumento trabalhou com certo número de dimensões que foram paulatinamente refinadas ao longo de três séries de estudos (Vasconcelos, 2001), mas isto não ficou claro na aplicação e – acreditamos – nem deveria ficar, a exemplo de inúmeros testes de inteligência que incluem também em seu corpo diversos fatores que são estudados num mesmo instrumento, ainda que suas análises ocorram mediante distinção categorial – póstuma.

Mas no caso do QCP, tal “mistura” incomodou conceitualmente alguns respondentes, segundo pudemos constatar.

O levantamento geral pelo QCP visando as questões anômalas indicou tendência a *não crer*, com prevalência da inclinação ateuista, até. Isto, para além das disciplinas particulares, pode indicar um ‘espírito’ que é concernente ao próprio ambiente universitário. Mas a questão da gênese não pode ser aqui solucionada. Mas das duas, pelo menos uma: ou o ambiente universitário ‘atrai’ pessoas com este perfil ou então, ao contrário, é a Universidade que engendra, aos poucos, este perfil na pessoa. Isto é, ou a própria pessoa já possui este perfil ou então ela passa a desenvolvê-lo, mediante a educação científica que recebe.

O mesmo acusou o Q-PRP. Tanto no campo da crença quanto no da experiência, a maioria dos respondentes afirmou pela negativa. Isso reforça a tese da existência de um 'perfil padrão' universitário

Dados que reforçam esta suposição vieram com as narrativas qualitativas, que tiveram como objetivo investigar a questão ontológica de PSI mediante justificativa conceitual particular (da disciplina) ou geral (da ciência). Tais justificativas tomaram a forma de 'se sim, por qual razão?' e 'se não, por qual motivo?'. Esperavam-se tentativas de ancoragem do objeto anômalo – desconhecido – no campo do conhecido. E de fato alguns movimentos neste sentido foram observados.

Esta ação de indagar pela justificativa da crença gerou posturas diversas em ambos os grupos. A mais notável foi a postura defensiva que alguns respondentes do grupo de resposta positiva adotaram, quase como se estivessem respondendo a algum tipo de impostura grave. Mas as perguntas tiveram como intenção atingir a neutralidade, para que as justificativas afluíssem sem sugestão aparente. Também nos casos do grupo de resposta negativa, as justificativas adotaram em alguns casos a postura de defesa da negação. O curioso foi notar que em muitos momentos, as mesmas imagens foram utilizadas ora para justificar a afirmação ora para justificar a negação.

Por exemplo, as respostas de ambos os lados levantaram a questão das limitações da ciência e da ausência de evidências. Mas isto foi utilizado, por um lado, para a conclusão de que não havia razões para se crer. Pelo outro lado, o mesmo motivo foi colocado como razão para se crer, pois existiria uma possibilidade de ainda encontrar evidências mais sólidas a este respeito.

Outro ponto relevante é que nenhuma resposta do lado do grupo que adotou pela negativa chegou a citar estudos ou experimentos na área. Isso ocorreu, contudo, no outro grupo. Até Rhine foi citado. É um ponto que poderíamos considerar para afirmar que, nesta questão da crença ou não em PSI, o conhecimento da literatura relacionada faça alguma diferença. Ainda que, a rigor, a negação absoluta possa ocorrer mesmo neste caso (pode-se alegar, por exemplo, que os estudos são enviesados, que são tendenciosos ou que simplesmente são falsos etc).

As ancoragens esperadas ocorreram, mas na minoria dos casos. A maioria das respostas se referiu à ciência como um todo, acessando justamente este 'perfil universitário' a que aludimos linhas acima. O 'espírito científico' parece pairar como uma totalidade, em cada uma de suas unidades. Isto sugere mesmo uma unidade metodológica. As ancoragens específicas (matéria escura, comunicações intra-específicas, Jung e a sincronicidade, Kant e Leibiz etc) sugerem que nestes pontos, podem existir possibilidades de conexão entre o objeto anômalo e as mencionadas ciências. Em certo aspecto, as ancoragens não simbolizam apenas uma redução do desconhecido ao conhecido, uma vez que esse incipiente movimento de 'fagocitose' incita a uma transformação endógena, caso tais pontos de contato permaneçam no tempo, claro.

Por exemplo, em ambos os casos mas com diferente ênfase, a questão foi lançada para o futuro. 'é possível que um dia'... ou então 'mas no futuro será possível'... etc. Isso indica um vislumbre de mudança, de abertura, como de fato foi evidenciado nas falas (verificar os comentários feitos após a exposição das respostas, por grupos).

Pontos específicos identificados foram a ênfase no processo de argumentação racional pelos filósofos e a necessidade de 'provas empíricas e evidências físicas', para os físicos e biólogos. Isto pode ser óbvio, mas evidencia os pontos de ancoragens possíveis, dentro destes contextos.

A fé, sobretudo a espírita, apareceu no grupo de resposta positiva, ainda que mais como inspiração do que como justificação científica. De modo geral, os cientistas apontaram uma certa independência entre estas duas instâncias, mantidas em comunicação.

O ponto de questionamento instaurado pelo objeto anômalo implicou numa revisão de toda a arquitetônica científica. Pois este desafio teórico e prático pode suscitar uma mudança estrutural da própria ciência ou então ser assimilada por ela, a preço de perder suas principais características definidoras.

Talvez, uma de suas características mais desconcertantes seja a sua definição negativa de alegação *extrassensorial* e *extra-motora*. Este prefixo 'extra', como observamos, impossibilita que seja explicada satisfatoriamente por mecanismos tanto físicos quanto biológicos. Então, o que seria? Toda pesquisa que segue neste rumo tateia por um campo no qual muita coisa está para ser feita.

A questão ontológica de PSI permanece aberta e não foi nossa intenção elaborar um esquema ou um corpo conceitual que desse conta deste problema. Realizamos um mapeamento preliminar entre cientistas e acadêmicos modernos sobre o tema e os dados coletados são úteis para lançar alguma luz de como estas questões são vistas, para além da Psicologia.

Esperamos que isto possa inspirar novas pesquisas no campo e que aquelas que se seguirão a esta possam completá-la nos muitos pontos em que permaneceu incompleta. Contudo, os dados coletados poderão ser úteis para outras espécies de análises que visem a objetivos distintos porém conectados com este *fio condutor*.

Referências

ALVES, E.S. *O Realismo Interno confrontado com “seus inimigos”*. In.: Trans/Form/Ação, São Paulo, 30(2): 75-91, 2007

AMADOU, R. *Parapsicologia: Ensaio Histórico e Crítico*. São Paulo: Editora Mestre Jou. 1966.

ARAÚJO, S.F. *Psicologia e Neurociência – Uma avaliação da perspectiva materialista no estudo dos fenômenos mentais*. (2011). Juiz de Fora: UFJF. 96 p.

BELOFF, J. *Parapsychology: A Concise History*. London: The Athlone Press. 1993

BLACKMORE, J. (org.). The Mach-Planck polemics. In.: *Ernest Mach – a deeper look*. Boston Studies in the Philosophy of Science 143, pp. 127-50. 1992. (Tradução para o português feita por Osvaldo Pessoa Jr., para o curso de Filosofia e História da Ciência Moderna (FLF0449), 1º semestre de 2012.

CARDEÑA, E; LYNN, S.J; KRIPPNER, S. *Varieties of Anomalous Experience*. Washington, D.C.: American Psychological Association, 2000. 476 p.

CARDEÑA, E; LYNN, S.J; KRIPPNER, S. *Variedades da Experiência Anômala*, (trad: Fátima Regina Machado). São Paulo: Atheneu. 2000/2013. 362 p.

CHALMERS, Alan F., *O que é Ciência Afinal?* Editora Brasiliense. 1976/1993.

CORREDATO, V. D. *Experiências anômalas na infância e adolescência - relações entre vínculo, expectativa e percepção extrassensorial*. 2014. 252 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CRUMBAUGH, J.C. A questionnaire to determine the attitude of Psychologists toward the of Extra- sensory Perception. In.: *Journal of Parapsychology*. Vol. 2, p. 302 – 307. 1938.

FRENCH, C. C., & WILSON, K. Cognitive factors underlying paranormal beliefs and experiences. In S. Della Sala (ed.). *Tall Tales About the Mind and Brain: Separating Fact From Fiction*. Oxford: Oxford University Press. Chapter 1, pp. 3-22, 2007.

FREUD, S. Sonhos e Ocultismo. Conferência XXX. In.: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII. Rio de Janeiro, Imago. 1932/1975. p.45 – 74.

GOLDFARB, J.L. Mário Schenberg e a História da Ciência. In.: *Revista da SBHC*. N.12, p.65-72. 1994a.

GOLDFARB, J.L. *Voar também é com os Homens: o pensamento de Mário Schenberg*. São Paulo: EDUSP. 1994b. 208 p.

GOODFELOW, L. D. A psychological interpretation of the results of the Zenith radio experiments in telepathy. In.: *Journal of Experimental Psychology*, 23:601–632. 1938.

GOULART, F. L. *Entre a Ciência e a Não-Ciência: Um Estudo de Caso sobre a Parapsicologia e a Psicologia Anomalística na Academia Brasileira*. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências da Unicamp – Política Científica e Tecnológica. UNICAMP, 2014. 168 p.

GREYSON, B. Experiências de quase-morte: implicações clínicas. In: *Rev. Psiq. Clín.* 34, supl 1; São Paulo: Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, 2007, p. 116-125.

GRIFFITHS, T.L., & TENENBAUM, J.B. Randomness and Coincidences: Reconciling Intuition and Probability Theory. In.: J.D. Moore & K. Stenning (Orgs). *Proceedings of the 23rd Annual Conference of the Cognitive Science Society*, Edinburgh, Scotland (p. 370-375). Mahwah, NJ: Erlbaum. 2001.

GURNEY, E; Myers, F.; Podmore, F. *Phantasms of The Living*. London: Trüber. (2 volumes). 1886

HOLT, N.J; SIMMONDS-MOORE, C; LUKE, D.; FRENCH, C.C. *Anomalistic Psychology*. London: Palgrave MacMillam, 2012. 252 p.

IRWIN, H. *The Psychology of Paranormal Belief*. New York: Parapsychology Foundation, 2004.

JAMES, W. *The Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature*. (1902). Longmans, Green & Co.

JESUINO, J.C. Um Conceito Reencontrado. In.: *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. Almeida, A.M.O. et al (orgs). Brasília: Technopolitik. 2011. p.33 – 57.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. São Paulo: LAKE, 1861/1993. 421 p.

KING, S. *Carrie, a Estranha*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1974/2001. 162 p.

KOESTLER, A. *As Razões da Coincidência*. Parapsicologia: Ilusão ou Ciência? Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972. 135 p.

KUBLER-ROSS, E. *Morte: Estágio final da evolução*. Rio de Janeiro: Record, 1975. 215 p.

_____. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1981/20002. 296 p.

MACHADO, F.R. *A Causa dos Espíritos: Um estudo sobre a utilização da Parapsicologia para a defesa da fé católica e espírita no Brasil*. 1996. 249 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 1996.

_____. *Experiências Anômalas na Vida Cotidiana: Experiências extrasensório-motoras e sua associação com crença, atitudes e bem-estar subjetivo*. 2009. 357 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MARALDI, E. *Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas*. 2011. 454 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

MARALDI, E.O. ; ZANGARI, W. ; MACHADO, F.R. A Psicologia das Crenças Paranormais: Uma Revisão Crítica. In.: *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 31, 394-421, 2011.

MARTINS, L.B. *Contatos imediatos: Investigando personalidade, transtornos mentais e atribuições de causalidade em experiências subjetivas com óvnis e alienígenas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011. 330 f.

MEDEIROS, G.T. *Fenomenologia da Percepção Extracorpórea – Uma Análise de Coportamentos e Crenças das Experiências Fora do corpo*. (Dissertação Mestrado). Interdisciplinar em Ciências da Saúde – UNIFESP – Santos. 2014.

MOSCOVICI, S. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

_____. *Psychologie Sociale*. Paris: Presses Universitaires de France. 1984.

_____. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOODY, R. *Vida depois da vida*. São Paulo: Nórdica. 1975/1987. 172 p.

NEURATH, O. *The Scientific Conception of the World: The Vienna Circle*. 1929. (escrito em colaboração com Hahn, Carnap e demais membros do Círculo).

NEWTON, I. *The Mathematical Principles of Natural Philosophy*. (trad. Andrew Motte). New York: Daniel Adee, 45 Liberty Street. 1687/1845. 581 p.

OSIS, K. & HARALDSSON, E. *O que eles viram... no limiar da morte*. Portugal: Publicações Europa-América, 1977/1985. 264 p.

OKASHA, S. *Realismo e Anti-Realismo*. Philosophy of Science: A Very Short Introduction (Oxford: Oxford University Press, 2002, Cap. 4, pp. 58-76)

PAIVA, G.J. *Itinerários Religiosos de Acadêmicos: Um Enfoque Psicológico*. Tese (Livre-Docência) - Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. 1993. 268 f.

_____. Teorias Contemporâneas da Psicologia da Religião. In.: *Compêndio de Ciência da Religião*, Passos e Usarski (orgs), São Paulo: Paulinas: Paulus, p. 347 – 366. 2013.

PASCAL, B. *Pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, 1897/1973. 281 p.

PERSINGER, M. Geophysical variables and Behavior. In.: *Perceptual and Motors Skills*, 1989, 68, pg. 55-65.

_____. The sensed presence may be facilitade by interhemispheric intercalation. In.: *Perceptual and Motors Skills*, 1994, 79, 351-354.

PLASTINO, C.E. *Realismo Metafísico e Relatividade Conceitual*. In.: *Cognitio – Revista de Filosofia*. Ano 1, n.1, 2000. P.79-93.

_____. *Notas sobre o Relativismo Cognitivo*. In.: *PHILÓSOPHOS* 9 (2) : 167-178, jul./dez. 2004

_____. *Filosofia da Ciência* (o Realismo Científico e suas Alternativas) (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo). Curso de Pós Graduação, FLF-51061/2, 2013.

POPPER, K.E. *Conjecturas e Refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico*. Brasília, Editora da Unb. 1963/1980.

_____. *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Cutrix. 1959/2013. 454 p. (trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny da Mota).

PRADO, A.E.F.G; AZEVEDO, H.H.O. A Teoria das Representações Sociais: Revisitando conceitos e sugerindo caminhos. In.: *I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação*. Curitiba: PUCPR. 2011. p. 5093 – 5105.

RHINE, J.B. *O Novo Mundo do Espírito*. São Paulo: Bestseller, 1953/1966. p.286

RING, K. *Rumo ao Ponto Ômega*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984/1996. 339 p.

SIECZKOWSKI, J.B.C. O Pluralismo da Tese do Mundo 3 de Popper. In.: *Ensaio sobre o Pensamento de Karl Popper* (org. Paulo Oliveira). Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes (PUC – Paraná). 2012. p. 32-49.

SHIMABUCURO, A.H. Representações Sociais de Fenômenos Anômalos em Profissionais Clínicos da Psicologia e Psiquiatria. 258 f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós Graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2010.

SILVA, F.E. *Um hipotético efeito antecipatório anômalo para estímulos aparentemente imprevisíveis poderia afetar a tomada de decisão humana?* 211f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014a.

SILVA, F. E. *Vídeo Documentário: Pesquisa Ganzfeld x não Ganzfeld*. Material em mídia virtual. 2014b.

(acesso: https://www.youtube.com/watch?v=zgtZY_6c1kl)

TORRES, C. M. Experiências Anômalas e Atribuição de Causalidade no Protestantismo Clássico Brasileiro. (Doutorado em Andamento). Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

VASCONCELOS, T.S. *Desenvolvimento do Questionário de Crenças no Paranormal (QCP)*. 121 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2001.

WARNER, L. & CLARK, C.C. A Survey of Psychological Opinion on ESP. In.: *Journal of Parapsychology*. Vol. 2, p. 296 - 301. 1938.

WEAVER, Z. *History of Society for Psychical Research*. 2009 (acesso: <http://www.spr.ac.uk/page/history-society-psychical-research-parapsychology>)

WILBER, K.E. *Sex, Ecology, Spirituality*. Boston: Shambhala. 2000. 851 p.

ZANGARI, W. *Ceticismo, Dogmatismo e Paranormofilia*. 2002. <https://groups.yahoo.com/neo/groups/parapsico/conversations/topics/201>

_____. *Incorporando Papéis: Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em médiuns de Umbanda*. 2003. 350 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

_____. *Parapsicologia e Religião*. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 1996.

ZANGARI, W. & MACHADO, F.R. Survey: Incidence and Social Relevance of Brazilian University Students' Psychic Experiences. *European Journal of Parapsychology*, 12, 75-87. 1996.

_____. *Por Uma Psicologia Anomalística Inclusiva*. In: VII Encontro Psi: Pesquisa Psi e Psicologia Anomalística. Livro de Registro dos Trabalhos Apresentados. Curitiba: UNIBEM, 2011. v. 1. p. 162-166.

ZANGARI, W. & MARALDI, E. O. Psicologia da Mediunidade: do Intrapsíquico ao Psicossocial. In.: *Boletim Academia Paulista de Psicologia*. Vol. 77, n.2, 2009, p. 233 – 252.

Anexo 1 – Original Q-PRP

Anexo 2 – Original QCP